

**Pierre Weil**

# **Antologia do Êxtase**

tradução

Patricia Cenacchi

Editora Palas Athena

# SUMÁRIO

## **INTRODUÇÃO GERAL SOBRE A EXPERIÊNCIA MÍSTICA ..... 01**

### **A contribuição dos estados superiores da consciência ..... 02**

Um testemunho pessoal – Uma coletânea inédita – Uma esperança para o homem contemporâneo – Uma nova forma de conhecimento. A descoberta da unidade fundamental das tradições espirituais por uma filosofia e uma metafísica experienciais

## **A ABORDAGEM TRANSPESSOAL: O OLHAR DA CIÊNCIA SOBRE OS ESTADOS MÍSTICOS . 16**

### **Fatores do interesse crescente pela experiência transpessoal ..... 17**

Um novo ramo da psicologia – Principais características da experiência transpessoal – Algumas distinções fundamentais – Outros aspectos experimentais – Por uma visão holística da realidade

## **COLETÂNEA DE TESTEMUNHOS ANTIGOS E MODERNOS ..... 28**

### **Testemunhos ocidentais contemporâneos ..... 29**

Testemunhos anônimos citados por Aimée André. Depoimento anônimo citado por Lilian Silburn Richard Maurice Bucke

Fritjof Capra – Karl Jaspers – Sigmund Freud – Chefe Sioux Cervo Negro – Arnaud Desjardins – Denise Desjardins – Karlfried Graf Dürckheim – Albert Einstein – Padre José Inácio Farah – André Frossard – Jeanne Guesné – Max Jacob – William James – Carl Gustav Jung – Sra. D.K. – Krishnamurti – Geneviève Lafranci – Lamartine – Samuel Lambert – Cinco relatos colhidos por Timothy Leary – John Lilly J. S. – médico – Satprem – Jacques Maritain – A Mãe (de Auroville) – Milosz – Anagarika Munindra – Rembrandt – Jean Paul Sartre – Henri La Saux – Lanza Del Vasto

## **A VIADO BUDA ..... 81**

### **O budismo ..... 82**

Satori Bassui – Khempo Jamyang Dorje – Longchenpa – Marpa Testemunhos de discípulos do Buda

## **A EXPERIÊNCIA DO REINO DOS CÉUS VIVIDA NO CRISTIANISMO ..... 97**

### **O reino ..... 98**

São João do Alverne – São Francisco de Assis – Santa Teresa D'Ávila – São Bento – William Blake – Jesus Cristo – Padre João Crisóstomo – Santo Agostinho – Jacob Boehme – São João da Cruz – Mestre Eckhart – São João, o evangelista – São Paulo – Blaise Pascal – Santa Teresa do Menino Jesus – O eremita Julien de Norwich – Valentino.

## **O HINDUISMO: IOGA E TANTRA ..... 117**

### **Brahman ..... 118**

Ramana Maharishi – Gopi Krishna – Tukaram Maharaj – Muktananda – Sri Ni Sargadatta Mata Raj – Rabindranath Tagore – Paramahansa Yogananda

<b>A TRADIÇÃO JUDAICA .....</b>	<b>139</b>
---------------------------------	------------

<b>Visão .....</b>	<b>140</b>
--------------------	------------

Baal-Shem Tov – Discípulo de Abuláfia – Ezequiel – Maguid – Moisés Rabi Haya – Rabi Siméon Ren Yochai.

<b>A VIA MÍSTICA DO ISLÃ.....</b>	<b>155</b>
-----------------------------------	------------

<b>O sufismo .....</b>	<b>156</b>
------------------------	------------

Bahauddin – Omar Ibn – Ul Fâridh – Rûmî – "A um só busco..." – Xeque Ahmad de Sarhand – Bâbâkûhî de Shirâz – Yunus Emre.

<b>O TAOÍSMO .....</b>	<b>169</b>
------------------------	------------

<b>Fazer-se um com o <i>Tao</i>.....</b>	<b>170</b>
--	------------

Hou Tsé

**INTRODUÇÃO GERAL  
SOBRE A EXPERIÊNCIA MÍSTICA**

# **A CONTRIBUIÇÃO DOS ESTADOS SUPERIORES DA CONSCIÊNCIA**

## **UM TESTEMUNHO PESSOAL**

Cerca de vinte anos atrás, uma experiência inusitada provocou uma reviravolta em minha vida, consagrada à pesquisa científica e ao ensino da psicologia na universidade.

Não fosse tal experiência, sem dúvida, jamais teria adquirido a convicção, a compreensão ou a coragem suficientes para colocar em risco minha reputação científica publicando esta antologia, da qual uma das vantagens será mostrar a todos aqueles que passaram pela mesma experiência, e anseiam por comunicá-la, que eles não estão sozinhos no mundo.

Além disso, pensamos ter reunido aqui provas consideráveis de que se trata de um estado de excepcional riqueza, tanto do ponto de vista do conhecimento e da sabedoria, como do despertar de um amor ilimitado, oculto e guardado em cada um de nós, sem qualquer exceção. Esta coletânea contém as provas da existência, em nós mesmos, de um potencial de experiência direta do real, sem a mediação de nossas funções mentais propriamente ditas, isto é, para além do pensamento, da memória ou do intelecto.

Numa noite de Natal, estava eu reunido com amigos, participando alegremente daquela comemoração. Enquanto dançava com uma amiga, dei-me conta, subitamente, de que o meu ritmo e o dela formavam uma estranha e indissolúvel unidade. Jamais havia vivido algo tão harmonioso; tal harmonia, por sua vez, proporcionava-me uma felicidade indescritível.

Pouco tempo depois, sentado diante dela, percebi, de repente, que seu rosto estava envolto por uma luminosidade azulada; um azul semelhante ao que se desprende nas soldaduras feitas com acetileno.

A mistura do azul com a tonalidade natural de seu rosto conferia uma coloração acinzentada à sua figura, o que aumentava ainda mais o caráter estranho e inusitado da experiência; nesse exato momento, pensei que estava sob os efeitos de uma alucinação esquizofrênica e que deveria ser internado imediatamente. Entrei em pânico. Entretanto, como vinha praticando ioga há muitos anos, compreendi rapidamente que estava começando a perceber a aura de minha amiga; tal compreensão me tranqüilizou, possibilitando, assim, o prosseguimento da experiência.

A coloração cinzenta era ainda mais acentuada ao redor de seu olho direito. Eu “soube”, então, por uma via intuitiva, que seu olho estava enfermo; mais tarde, ela o confirmou, contando que deveria submeter-se a uma cirurgia oftalmológica. Eu me tornara clarividente...

De súbito, uma luz dourada e fascinante surgiu em um dos cantos da sala; assemelhava-se a uma cortina de luz, uma verdadeira visão do gênero descrito na Bíblia. Ela possuía um caráter sagrado e emanava qualquer coisa que me transmitia o sentimento muito claro de uma presença invisível a meus olhos físicos, porém perceptível “diretamente”, se é que posso me exprimir assim. O sentimento de algo sagrado se intensificou; entrei num estado de arrebatamento, espanto e elevação espiritual extrema.

Depois, ví partículas luminosas e cintilantes no ar, que logo identifiquei como sendo a manifestação da microestrutura subatômica. Um sentimento de poder ilimitado tomou conta de mim, e reconheci que podia penetrar, com os olhos do espírito, nos nós da madeira de pinho do chalé onde me encontrava.

Um detalhe que me parece importante: primeiro, todas essas visões eram recebidas à margem de meu campo visual, isto é, era preciso que olhasse “de lado” os “objetos” ou luzes em questão; e segundo, embora-me fossem externas, dei-me conta de que não poderia afirmar o caráter de tais percepções: se era externo ou interno. Elas não estavam, de fato, nem dentro, nem fora: tratava-se de uma outra dimensão espacial.

Olhando de novo para minha amiga, enxerguei cinco cabeças humanas cortadas, localizadas aproximadamente no nível de seu abdômen; identifiquei-as como sendo de mongóis ou caucásios. Minha amiga me contou que sua mãe era caucasiana. Porém, quando olhei novamente para seu rosto, tive a nítida impressão de enxergar a Mãe – de Auroville, que trabalhara com Sri Aurobindo – e de que o local onde me encontrava tinha qualquer coisa a ver com seu **ashram** ou comunidade. Dez anos mais tarde, fiquei sabendo que Michael Murphy, o fundador de Esalem – em Carmel, na Califórnia, onde eu estava naquela ocasião – participara efetivamente em Auroville, na qual se inspirou para criar Esalem... Eu me perguntava sobre o significado daquela visão das cabeças cortadas. Além de nunca ter visto nada semelhante, minha tradição cultural não tinha vínculo algum com a dos mongóis. A resposta chegou um ano mais tarde, na Índia, num templo de Kali. Reconheci, subitamente, aquelas cabeças cortadas: elas formam o colar de Kali e simbolizam o desapego. Com efeito, descobri bem mais tarde a relação com sua raiz no mental, isto é, na cabeça. Cortar a cabeça significa se separar da influência da dualidade sujeito-objeto e da tendência do sujeito a apegar-se aos objetos, idéias ou pessoas que lhe proporcionam prazer, e a rejeitar as causas de sofrimento.

Lembro-me agora que, à época dessa visão, eu me encontrava particularmente desapegado e aberto aos outros.

Porém foi apenas quando conheci Kanjur Rinpoche e Tulku Pemala, dois lamas tibetanos, em Darjeeling, ao norte da Índia, que me dei conta de que os “mongóis” eram tibetanos. Quando relatei a experiência a Tulku Pemala, ele me indagou: “Quantas eram as cabeças cortadas?” Depois, acrescentou: “O senhor teve uma visão parcial de uma realidade muito mais ampla...”

Como nesta vida eu jamais tivera contato com esse tipo de simbolismo, reconheci pela primeira vez, em mim mesmo, a existência dos arquétipos descritos por C.G. Jung como sendo imagens representativas de potenciais energéticos, parte integrante do inconsciente coletivo. Eu me pergunto, hoje, se não se tratava de meu inconsciente individual e de uma memória arcaica pessoal; eu não fora preparado para ter visões orientais. De origem judia e cristã, fui criado na Alsácia... Mais tarde,

sob a influência de uma iniciação recebida de Muktananda, tive uma outra experiência, a da elevação da energia primordial da *kundalini*, prática sobre a qual o leitor encontrará uma breve exposição teórica no capítulo referente às experiências hinduístas. Durante várias horas, vi unidades luminosas elevando-se ao longo de meu corpo; tratava-se de uma luz inteligente, e eu estava consciente de que ela “trabalhava” um bloqueio no nível do centro energético da garganta. Uma vez mais, tal como na experiência de Esalem, fui inundado por uma alegria imensa e por uma irresistível disposição para auxiliar os outros a passarem por esse tipo de experiência. Um amor imenso por toda a humanidade tomou conta de mim; permaneci nesse estado de graça por vários dias.

Desculpo-me junto ao leitor por começar com um testemunho tão pessoal, mas desejava falar diretamente ao seu coração.

Alguns poderão censurar-nos por publicar experiências íntimas, cujo caráter é sagrado. Sem dúvida alguma, o inconveniente maior deve-se ao fato de que esta leitura pode-se constituir num obstáculo àqueles que já estão ou querem ingressar num caminhar, o conhecimento do conteúdo da experiência transpessoal pode criar disposições no espírito das pessoas, bem como preconceitos capazes de impedir a experiência real, entravá-la seriamente ou, ainda, deformá-la. Pode acontecer, também, a intervenção do mental que “reconhece” a experiência, o que bloquearia o seu prosseguimento.

Mas por outro lado, a ignorância e o ceticismo com respeito à vida mística são tais que somente os testemunhos e investigações científicas – dos quais fornecemos apenas um resumo em seguida a esta apresentação – permitirão convencer os mais reticentes; sobretudo tendo em vista que estes poderão perceber, por conta própria, as semelhanças entre os testemunhos. E como se um astronauta, a caminho da Lua, contasse que a Terra é azul e tal informação, como de fato ocorreu, fosse confirmada por outros cosmonautas e também por fotos. A comparação dos testemunhos entre si e o registro fisiológico dos indivíduos em estado transpessoal são quase igualmente convincentes.

Eis porque decidimos ir além do primeiro argumento. De qualquer modo, a maior parte destes textos já foram publicados. O inédito é a reunião deles em um só volume.

## UMA COLETÂNEA INÉDITA

Este livro destina-se, portanto, a todos aqueles que já ouviram falar da experiência mística e dos estados superiores da consciência, e que gostariam de entrar em contato direto com os testemunhos daqueles que verdadeiramente experimentaram tais estados. Para facilitar essa tarefa, que implicaria uma extensa pesquisa bibliográfica ou numerosas viagens em busca de alguns de nossos contemporâneos, decidimos efetuar esse trabalho para o leitor. Pela primeira vez, ao que sabemos, quer sejam as pessoas interessadas em geral, quer se trate de cientistas, filósofos, artistas ou espiritualistas, têm a seu dispor uma compilação de descrições desses estados.

Embora tais descrições não tenham senão um valor relativo – posto que o inefável constitui, em verdade, uma de suas características essenciais – elas representam, para aqueles que não tiveram essa experiência, a única maneira de se aproximar dela, até que eles próprios se empenhem num caminho. Também poderão perceber as semelhanças existentes entre esses testemunhos, oriundos de diferentes épocas e culturas, e que se trata de um fenômeno humano de caráter universal e não, como alguns gostariam de nos fazer crer, do apanágio de uma tradição específica, embora encontremos certas diferenças no enfoque ou na forma de exposição. De fato, o único objetivo das tradições é despertar nas pessoas esse estado transpessoal.

Apesar de termos redigido uma pequena introdução, resumindo a situação atual das pesquisas em psicologia transpessoal – esse novo ramo das ciências humanas especialmente dedicado a tais estados – desejamos evitar influenciar o leitor com interpretações mais profundas, que correriam o risco de se transformar em “exegeses” sujeitas a garantias. Porque preferimos deixar a ele a inteira liberdade de tirar suas próprias conclusões, de fazer comparações e, eventualmente, de retornar às fontes é que transcrevemos esses testemunhos sem nenhuma espécie de comentário. Alguns poderão censurar-nos por isso, ficando aberta a estes a possibilidade de retomar este trabalho e de acrescentar suas próprias pesquisas.

Portanto, gostaríamos que este livro possa encorajar tais investigações – sem dúvida alguma necessárias. Se, além disso, alguns leitores encontrarem, graças a esta leitura, um novo significado para sua existência e passarem a buscar um caminho, estarão contribuindo para nossa própria felicidade.

No entanto, poderão perguntar alguns: qual é a vantagem para o homem contemporâneo – imerso nesta civilização científica e tecnológica que lhe ofereceu um conforto que nem mesmo Luís XIV poderia imaginar – em tomar contato com testemunhos de uma experiência interior de natureza espiritual e mística? Não estaria tudo isso ultrapassado pela investigação científica?

## UMA ESPERANÇA PARA O HOMEM CONTEMPORÂNEO

Um exame mais atento dessa questão leva-nos a uma resposta mais do que evidente. Com efeito, observando se o que se passa no mais íntimo do coração daqueles que atingiram “finalmente” esse nível de conforto típico da época atual, é fácil comprovar que a felicidade que almejavam obter com tal conforto não foi alcançada. Além disso, uma certa nostalgia toma conta de sua alma; a nostalgia de um paraíso perdido que eles confundiram com esse conforto; continuam a buscar fora um estado de consciência que se encontra neles mesmos. “O Reino do Pai está em vós”, já dizia Jesus, e Buda insistia em que o fim do sofrimento humano se encontra na descoberta da verdadeira natureza do espírito que está em nós. Esta descoberta é acompanhada de um estado de paz e de uma plenitude indescritíveis.

A leitura dos testemunhos desta coletânea constitui, assim, uma garantia de que esse estado é possível, uma vez que ele sempre existiu, e, conforme se verá adiante, tende a aumentar à medida que nos aproximamos do terceiro milênio. Ora,

é justamente desse estado de Sabedoria primordial e de Amor que o homem contemporâneo mais necessita. Sua neurose fundamental, à qual denominamos de “neurose do paraíso perdido”, provém justamente dessa separação resultante de um véu – o véu de Ísis – que separa nosso estado de vigília do estado transpessoal. Da árvore do conhecimento do bem e do mal, isto é, da percepção dualista do real, ele é capaz de regressar à árvore da vida. O paraíso encontra-se em nós mesmos, *em cada um de nós, sem exceção*. Eis aí a mensagem fundamental que nos dirigem todos aqueles cujos testemunhos dessa experiência capital aqui reproduzimos; experiência que constitui o início de uma autêntica revolução interior e se apóia numa transformação de nosso sistema de valores. Quando se é tocado pela graça dessa vivência, nada mais tem importância senão a Verdade, a Beleza e o Amor.

Uma vez tocado pelo transpessoal, não há mais retomo possível; é preciso seguir adiante e tomar essa experiência cada vez mais permanente, transformando a numa maneira de ser na própria vida cotidiana. Pouco a pouco, percebemos que não estamos sós, que existe uma Presença que nos guia, através de um aprendizado nem sempre fácil e, por vezes, doloroso. O esforço, todavia, vale a pena, pois freqüentemente, após prolongados sofrimentos morais, encontramos o verdadeiro sentido de nossa existência, nossa verdadeira razão de ser neste planeta.

As vantagens de tais leituras, entretanto, não terminam aí. Do ponto de vista epistemológico, há uma importante descoberta a fazer.

## UMA NOVA FORMA DE CONHECIMENTO

Quando algum dia, no terceiro milênio, se indagar qual tenha sido a mais importante descoberta do século XX, a resposta não será, sem dúvida, a energia atômica, nem os universos paralelos, mas sim o estado transpessoal da consciência, ou consciência cósmica.

Essa descoberta constitui hoje o ponto de encontro e de convergência da física moderna e da psicologia, encontro bastante inesperado quando se tem em mente a distância aparente entre essas duas disciplinas; não obstante, os estados místicos e as perspectivas das grandes tradições espirituais da humanidade atraíram a atenção de numerosos físicos modernos.

Ao retornar da Lua, o astronauta Edgard Mitchell declarou que “mais importante do que a exploração dos espaços exteriores é a investigação dos espaços interiores. Foi em consequência de uma experiência mística, ocorrida durante a viagem espacial, que ele abandonou sua profissão para se dedicar a pesquisas e criar um instituto de ciências noéticas.

Ao visitar um reator nuclear na Califórnia, o grande mestre xivaíta Muktananda indagou ao físico que o acompanhava: “O que é essa coloração azul luminosa?” E este lhe respondeu: “É da energia pura”. Muktananda disse, então, que “via” essa energia o tempo todo ao redor de si, sem ter necessidade de toda aquela

equipagem. Um dia, ao receber Edgard Mitchell, que lhe contou sua viagem à Lua, ele disse: “Vou para lá quando quero, sem necessidade de máquina alguma!” Sabe-se hoje, graças às pesquisas em psicologia transpessoal, que tais proezas não apenas são possíveis, como podem ser realizadas através de certos tipos de treinamento.

Ainda que apelemos simplesmente ao nosso bom senso, é evidente que se aquilo que denominamos espírito foi o que dominou a energia atômica e descobriu os princípios que nos permitem viajar para outros planetas, esse espírito, evidentemente, é mais poderoso do que as energias que ele observa ou manipula. Não será, portanto, o conhecimento da natureza do espírito o verdadeiro caminho que nos possibilitará conhecer a natureza da Natureza? É exatamente isso que afirmam todas as tradições espirituais ao insistirem no preceito ‘conhece te a ti mesmo’. Tomando contato direto com esse microcosmos que somos é que temos acesso ao macrocosmos, pois o primeiro vem a ser uma miniatura do segundo; com efeito, eles são tão inseparáveis quanto o são as folhas ou os galhos de uma árvore, ou as ondas do mar.

Ora, essas tradições foram criadas e mantidas por homens cuja qualidade excepcional deu-lhes condições de acesso a outros estados de consciência.

Na verdade, nosso estado de vigília é semelhante ao estado de sonho, do qual precisamos despertar.

Esse despertar foi objeto de descrições de um grande número de pessoas de diferentes épocas e culturas. Esses testemunhos nos fazem lembrar as descrições da realidade feitas pelos físicos.

Um dos pioneiros da psicologia transpessoal, Lawrence Le Shan<sup>1</sup>, realizou uma interessante experiência há alguns anos: misturou frases pronunciadas por físicos de renome com frases tiradas de testemunhos de experiências transpessoais. Eis alguns exemplos:

1. ... percebemos, cada vez mais, que nossa compreensão da natureza não pode partir de qualquer conhecimento definido; que ela não pode estar edificada sobre uma fundação rochosa, mas que todo conhecimento se encontra, por assim dizer, suspenso sobre um abismo infinito.
2. Toda tentativa de resolver as leis da causalidade, do tempo e do espaço será vã, uma vez que tal tentativa só poderia ser feita pressupondo que a existência desses três fatores fosse garantida.
3. Ao buscar compreender o continuum quadridimensional, é preciso um esforço no sentido de evitar uma conceitualização em termos sensoriais ou corporais. Ele não pode ser representado dessa forma, pois as imagens desse tipo são falsas e enganosas.
4. Se retirarmos o conceito de absoluto do espaço e do tempo, isso não significa que o absoluto tenha sido banido da existência, mas, de preferência, que foi identificado com alguma coisa mais específica... essa coisa fundamental é o um sem segundo (múltiplo quadridimensional).
5. A realidade última é unificada, impessoal, e pode ser captada se a buscarmos de forma impessoal, para além dos dados fornecidos por nossos sentidos.

6. Quando se busca a harmonia na vida, jamais se pode esquecer que nós próprios somos, ao mesmo tempo, atores e espectadores.

1. Lawrence Lo Shan, *Physicists and mystics: similarities in. world view*, *The Journal of Transpersonal Psychology*, 1969. vol. 1, nº 2..

Ao buscar distinguir as frases pronunciadas pelos místicos e pelos físicos, o leitor terá, sem dúvida, uma idéia da dificuldade desse teste, composto por sessenta e duas frases.

Os autores dos seis exemplos acima são:

1. Einstein
2. Vivekananda
3. Santo Agostinho
4. Max Planc
5. Preceito da doutrina sufi
6. Niels Bohr

Não é de admirar, portanto, que assistamos cada vez mais a encontros entre físicos e místicos. Poderíamos citar Einstein e Tagore, Paoli e Jung, ou, ainda, David Bohmn e Krishnamurti.<sup>1</sup> Poderíamos mencionar também as numerosas conferências de encontro entre ciência e tradição, como as de Cordoue e Sukkuba, que resultaram na Declaração de Veneza, da Unesco. Esta última assinada por diversos prêmios Nobel, reconhece que a ciência atingiu os limites onde se revela a necessidade de sua aproximação com as tradições espirituais.

Além disso, trata-se de um grito de alerta com respeito à aplicação unilateral da tecnologia científica divorciada da sabedoria primordial.

## A DESCOBERTA DA UNIDADE FUNDAMENTAL DAS TRADIÇÕES ESPIRITUAIS

O despertar desta sabedoria primordial, inseparável do amor, constitui o apanágio e o objetivo essencial de toda tradição espiritual – seja ela hinduísta, budista, islâmica, cristã ou judaica. Até o século XX, a comunicação entre estas tradições era verdadeiramente pobre. Salvo raras exceções, a desconfiança ou mesmo a hostilidade eram a regra, ocasionando, muitas vezes, conflitos, massacres e guerras religiosas. A partir do início deste século, os diálogos e encontros entre representantes dessas diferentes tradições se multiplicam. Pouco a pouco percebemos a unidade fundamental de sua meta: o estado transpessoal. As vias que a ele conduzem constituem as diferentes metodologias, que, na prática, não convém misturar.

1. Krishnamurti, *L'Eveil de l'intelligence* Stock, Paris, 1975, p. 597 e ss.

A forma mais eloqüente de demonstrar essa unidade de tradições é fazer o que estamos apresentando hoje ao leitor, ou seja, reunir testemunhos oriundos de diferentes tradições a fim de compará-los entre si; este é um dos objetivos essenciais da psicologia transpessoal, conforme veremos adiante. Esta descoberta de pontos comuns em tal experiência confirma plenamente o que já fora pressentido nos encontros inter-religiosos, podendo ser considerada, do ponto de vista da pesquisa, uma hipótese fundamental, que enunciamos da seguinte maneira:

O estado transpessoal é idêntico em todas as tradições espirituais. Trata-se de um estado incondicionado e, portanto, independente de toda influência cultural.

Uma vez demonstrado, e tudo indica que está em vias de sê-lo, este fato contribuirá imensamente para aproximar as tradições e desenvolver atitudes de respeito e mesmo de colaboração mútua. Dessa forma, uma tradição ainda intacta pode revitalizar uma outra. Diversos monges e padres cristãos afirmam terem se tornado mais cristãos após um estágio em monastérios hinduístas ou budistas.

Cerca de quarenta anos atrás, durante um colóquio de estudos carmelitas de psicologia religiosa e mística comparada, Olivier Lacombe<sup>1</sup> já declarava:

Estou persuadido, juntamente com R.P. Bruno, que será do mais alto interesse repensar nossos métodos espirituais ocidentais à luz de uma reflexão aprofundada sobre as técnicas somáticas e psíquicas, ou seja, do homem integral, pelas quais o Oriente cristão e não-cristão promovem as vias de uma espiritualidade sobrenatural explícita para o primeiro, e de uma espiritualidade natural ou sobrenatural implícita para o segundo.

1. Olivier Lacombe, *Technique – et Contemplation*, in Etudes Carmélitaines, Desclée de Brouwer, Paris, 1949, p. 16.

A presença de elementos técnicos em nossos métodos não é duvidosa. Sua sistematização cada vez mais apurada somente nos trará benefícios. Seria necessário, também, investigar mais de perto esses estados complexos em que a atividade tipicamente humana e a oração transcendente se reúnem.

Ao publicarmos esta coletânea de testemunhos, fazemos esse convite para “investigar mais de perto esses estados complexos”.

## POR UMA FILOSOFIA E UMA METAFÍSICA EXPERIENCIAIS

Contudo, as vantagens de uma publicação como esta não se esgotam aí. Além de representar um ponto de encontro entre ciência e tradição e das tradições entre si, e de constituir, para as religiões, uma retomada de sua razão de ser, acentua também o caráter incompleto da abordagem intelectualista da filosofia contemporânea.

Tanto os pré-socráticos, quanto os hinduístas ou os budistas não fazem distinção nem separam a filosofia da arte e da ciência e sobretudo, da experiência espiritual.

Enquanto nossa filosofia contemporânea – especialmente no que se refere à

metafísica – é puramente racional e especulativa, a filosofia antiga se apoiava e inspirava na experiência transpessoal.

Na Índia, a especulação filosófica desprovida da experiência interior é vista com certo desdém pelos verdadeiros mestres.

Eles recomendam um tripé: a experiência meditativa acompanhada pela leitura de textos e a sabedoria discriminadora que permite o relacionamento das duas primeiras entre si.

Até mesmo o termo “meditação” significa, para o filósofo contemporâneo, uma profunda reflexão intelectual. Na sua origem o termo significava, ao contrário, o abandono do estado dualista do pensar a fim de se atingir o espaço não dual da sabedoria primordial.

Isto não quer dizer que não haja lugar para a racionalidade e para o controle do intelecto.

Se é verdade que a experiência transpessoal começa aí onde a razão não é mais suficiente para explicar o real, não é menos verdade que a razão e a ciência têm o que dizer no campo experimental.

Podemos mesmo afirmar que o experimental pode, em certa medida, controlar as variáveis da experiência. É disso que nos ocuparemos a partir de agora.

## **A ABORDAGEM TRANSPESSOAL O OLHAR DA CIÊNCIA SOBRE OS ESTADOS MÍSTICOS**

*O conhecimento científico, em razão de seu próprio movimento interno, atingiu os limites nos quais pode iniciar um diálogo com outras formas de conhecimento. Nesse sentido, e sempre reconhecendo as diferenças fundamentais entre a ciência e a tradição, constatamos não mais sua oposição, porém sua complementaridade.*

Declaração de Veneza. Unesco, Veneza, 7 de março de 1986

*in La science aux cofins de la connaissance*, Félin, Paris, 1987.

*Muitas pessoas de visão limitada definem a essência da ciência como sendo um controle prudente, uma validação de hipóteses, uma busca no sentido de verificar-se as idéias de outras pessoas são corretas ou tido. Porém, como a ciência é também uma técnica de descobertas, seria necessário aprender como estimular as intuições e visões de experiências culminantes e, em seguida, como tratá-las enquanto dados.*

Abraham Maslow, *The Farther Reaches of Human Nature*,

The Viking Press, Nova York, 1971.

## **FATORES DO INTERESSE CRESCENTE PELA EXPERIÊNCIA TRANSPESSOAL**

Ao longo das últimas décadas que precedem o final do século XX, podemos notar um interesse crescente, tanto por parte dos cientistas – mais particularmente os psicólogos e antropólogos – quanto das pessoas em geral por um tipo de experiência humana classificada pelos termos mais diversos, como por exemplo: êxtase místico, iluminação, nirvana, samádi, *satori*, reino dos céus, reino do Pai, sétimo céu, *debekut*, experiência transcendental, me tendia, consciência cósmica.

Cada cultura, cada civilização, antiga ou atual, a menciona. É evidente que hoje assistimos a um recrudescimento de sua manifestação, em especial nos Estados Unidos e, mais recentemente, na Europa. Tudo indica que ela não é apenas o apanágio de santos ou de místicos como Buda, Krishna, Moisés, Elias, Cristo ou Siméon Ben Yochai, mas que acontece ou se expressa entre indivíduos contemporâneos que não são especialmente religiosos; os testemunhos reunidos neste volume evidenciam esse aspecto.

Pode-se apontar diversos fatores como causas tanto do aumento do número desses casos como do crescente interesse geral pelo tema.

Assinalemos, em primeiro lugar, o mal estar da humanidade perante a perspectiva de sua própria destruição; diante dessa angústia, é cada vez maior o número de pessoas que fazem, a si próprias, as perguntas fundamentais sobre o sentido da existência e o lugar do homem no cosmos. E quando a pergunta se torna crucial e invade toda a existência de um indivíduo, poderá deflagrar nele, por um

processo que se nos escapa, a entrada nesse estado de consciência cósmica.

Um outro fator, este evidente, é a diminuição das distâncias geográficas entre o Ocidente e o Oriente; a facilitação das comunicações colocou os mestres e sábios da Índia, do Tibete, da China e do Japão ao nosso alcance. Não é mais necessário viajar até eles. Eles vêm a Paris, Londres ou São Francisco, criam escolas, cercam-se de discípulos e lhes comunicam um saber que aqui está quase perdido; despertam, naqueles que praticam seus ensinamentos, a sabedoria primordial oculta em cada um de nós. Seres humanos desesperados e entediados reencontram em si próprios o sentido da vida, para além do intelecto e da linguagem.

Instaura-se, de maneira lenta mas segura, uma autêntica terapia para os males de nossa civilização e da humanidade, para aquilo que denominamos a *neurose do paraíso perdido*.

Poderíamos imaginar, porém, que essa consciência cósmica, essa experiência transcendental, nada mais é do que uma manifestação quimérica, uma espécie de fantasma alucinatório, ou mesmo, como afirmam certos psiquiatras, um episódio ou crise psicótica.

É neste ponto que intervém o terceiro fator: a pesquisa científica; ela própria demonstra, de uma forma que poderíamos considerar hoje irreversível, que:

- Trata-se de uma fenomenologia autêntica, passível de controles experimentais rigorosos, fisiológicos e psicológicos.

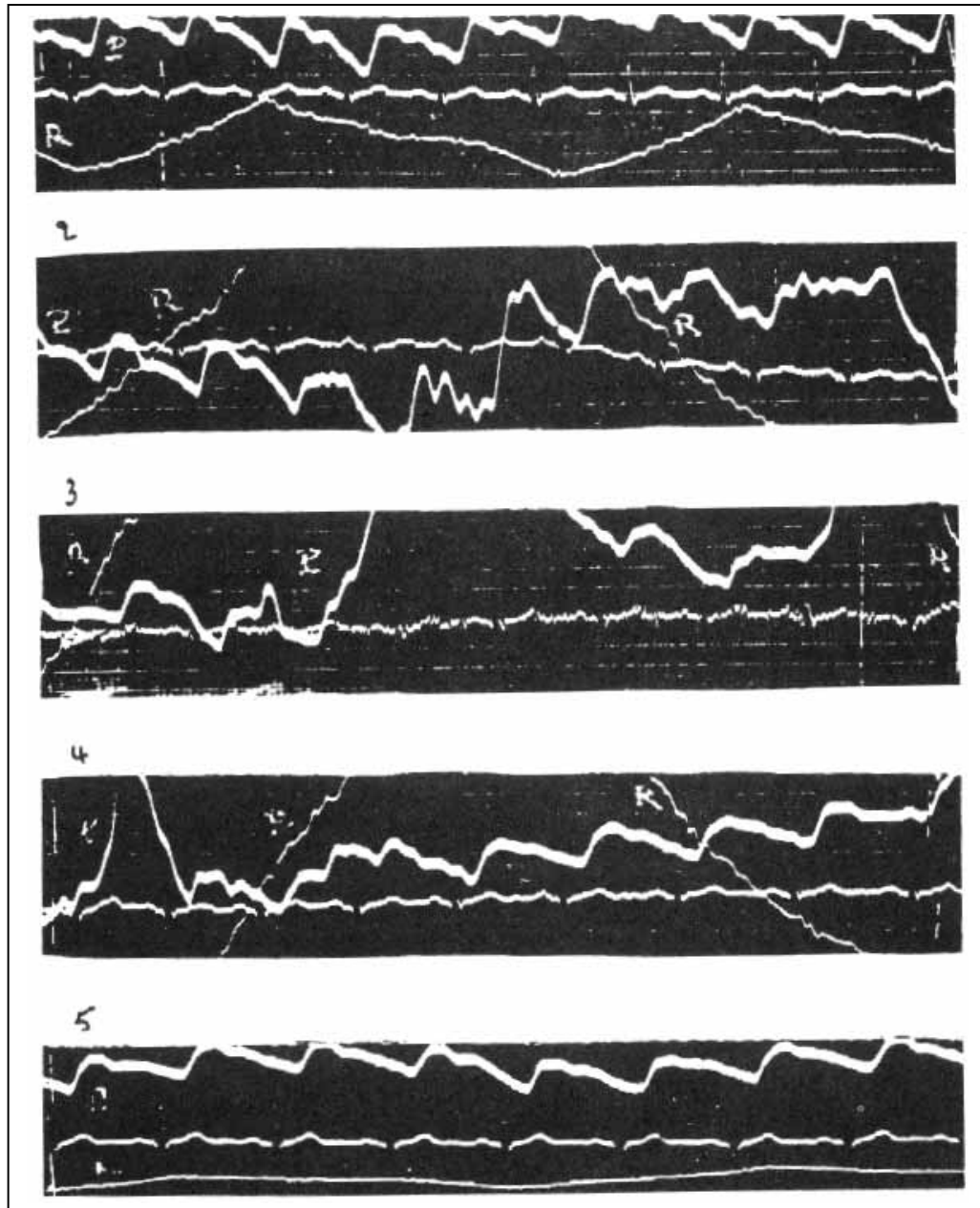
Sabe-se, por exemplo, após os trabalhos de Thérèse Brosse – seguidos pelos de numerosos fisiologistas norte americanos – que esses estados são acompanhados por modificações do ritmo respiratório, cardíaco, eletrocutâneo e eletroencefalográfico, a tal ponto que se pode acompanhar nos gráficos o início e o término de uma mudança de estado de consciência. Isto demonstra tratar-se de um fenômeno bastante real.

O aspecto psicológico dessas manifestações fisiológicas foi estudado por numerosos autores, por métodos de análise de conteúdo que permitem montar um quadro bastante preciso do conjunto e fazer um diagnóstico daquilo que é verdadeiramente transpessoal (ver figura 1 e quadros 1 e 2).

- As pessoas que atualmente vivenciam tal estado não apenas são normais como também, sobretudo no caso dos grandes mestres, apresentam uma inteligência, atenção, memória, equilíbrio emocional e senso prático simplesmente excepcionais.

## O REGISTRO FISIOLÓGICO DO ESTADO TRANSPESSOAL

Experiências de Thérèse Brosse utilizando arteiograma, eletrocardiograma e pneurnograma (respectivamente de cima para baixo em cada um dos testes).



Meditação de um raja-iogue visando o despertar da *kundaline* do samádi.

(G. A. Madres, de origem ocidental, educado na Índia).

- 1) Artes da prática Morfologia respiratória indicando ira preocupação de esforço, também demonstrado pela hipertonia do pulso.
- 2) Manobras respiratórios profundas e violentas com vistas ao despertar da *kundalini*, com a concentração mental sobre esta. Estimulação mecânica do traçado arterial.
- 3) “
- 4) “
- 5) Samádi. Harmonia de todos os traçados. Ritmos lentos indicando calma.

– Conhecem-se, agora, os pontos comuns das diferentes tradições; essa vivência possui um caráter transcultural.

– Começa-se a descrever e a testar as variáveis que permitem a elaboração de condições favoráveis à sua eclosão.

Experiências clássicas de A. Kasamatsu e T Hirai com eletroencefalográficas de monges zen.

Como se pode facilmente verificar, existe uma correlação entre a frequência das ondas eletroencefalográficas e o grau de experiência da meditação zazen

1. Relações entre o grau de alteração de ondas EEG e o número de anos dedicados ao treinamento de <i>zazen</i> .				
<b>Estado</b>				
Ondas teta rítmicas	IV	0	0	3
Diminuição da frequência alfa	III	3	2	3
Aumento da amplitude alfa	II	2	1	0
Alfa com olhos abertos	I	8	1	0
<i>Número de anos de prática</i>		0-5	6-20	21-40

2. Relações entre o grau de alteração das ondas EEG e a avaliação da experiência em meditação por um Mestre de <i>zazen</i> .				
<b>Estado</b>				
Ondas teta rítmicas	IV	0	0	3
Diminuição da frequência alfa	III	0	7	1
Aumento da amplitude alfa	II	2	1	0
Alfa com olhos abertos	I	5	4	0
<i>Nível de avaliação</i>		Baixo	Médio	Elevado

Quadros 1 e 2

1. Ver Pierre Weil, *A Consciência Cósmica*, Editora Vozes, Petrópolis, 1990 e *L'homme sans frontières*. L'Espace Bleu, Paris, 1987.

## UM NOVO RAMO DA PSICOLOGIA

Este tipo de pesquisa pertence, atualmente, a um novo ramo da psicologia: a psicologia transpessoal.

Nascida na Califórnia em 1969 como a quarta revolução da psicologia, resultante do movimento da psicologia humanista, podemos citar, entre seus precursores, os pioneiros da psicologia moderna, como William James, Carl Gustav Jung – que cunhou o termo

“transpessoal” – e Abraham Maslow<sup>2</sup>.

Este último descobriu que 70% de seus alunos haviam passado, ao menos uma vez na vida, por aquilo que ele denominava de uma experiência culminante ou de ápice (*peak experience*) que os levou a descobrir os valores do Ser, tais como o amor, a beleza, a integridade, a totalidade, a plenitude, valores preferidos por eles àqueles ligados à mera satisfação do desejo.

Maslow nos mostra que isto se trata de uma aspiração normal de todo ser humano, de natureza instintiva, cuja repressão ou privação, comuns em nossa época, possui efeitos patológicos, da mesma forma que a ausência de vitaminas.

## PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA EXPERIÊNCIA TRANSPESSOAL

Análises rigorosas e de natureza intercultural do conteúdo de testemunhos – como os que estão reunidos neste volume – permitiram a elaboração de um perfil do conjunto. Poderíamos citar, entre outros (ver também o quadro 3):

- a vivência do espaço como abertura do Ser;
- a vivência de uma luz intensa;<sup>3</sup>

1. Para uma visão geral e um balanço atual do movimento, ver a excelente obra *Além do Ego*

— *Dimensões Transpessoais em Psicologia*, organizada por Roger N. Walsh e Francis Vaughan, Editora Cultrix, São Paulo, 1991.

2. Para uma história e definição da psicologia transpessoal, ver Pierre Weil, *Introdução à Psicologia Transpessoal*, Editora Vozes, Petrópolis, 5ª edição, 1991.

3 Ver Pierre Weil, *Quelle lumière?*, *Troisième millénaire*, n°s 4 e 5, Paris, 1987.

- o caráter inefável: não há palavras para traduzir sua beleza, poder e a natureza;
- o caráter imediato e súbito: a experiência “acontece” no momento em que menos se espera;
- a dissolução de toda espécie de dualidade: sujeito-objeto, interior-exterior, bem-mal, verdadeiro-falso, sagrado-profano, relativo-absoluto etc.;
- a dissolução das três dimensões do tempo e a tomada de consciência seu valor relativo, ligado ao caráter discriminativo do pensamento e da memória;
- a inexistência de um eu ou ego;
- manifestações de ordem parapsicológica acompanham a vivência ou se

manifestam posteriormente a ela: fenômenos de clarividência, telepatia, psicocinesia, encontro de seres em outra dimensão, experiência de saída do corpo físico (ver quadro 3). Convém fazer algumas observações com respeito às manifestações parapsicológicas: se bem que elas freqüentemente ocorram durante ou após os estados transpessoais, e constinuem o apanágio de numerosos, senão de todos os místicos, não convém considerá-las como características transpessoais. De um lado por implicarem todas um sujeito e um objeto, o que significa dizer que são de natureza dualista. De outro, porque os fenômenos parapsicológicos surgem muitas vezes em pessoas que não tiveram nenhuma outra manifestação de ordem transpessoal, possuindo, por vezes, uma ética pouco recomendável. Os grandes mestres, aliás, não lhes atribuem nenhum valor e recomendam a seus discípulos não lhes darem importância.

Insistimos neste ponto porque há uma grande confusão a esse respeito; confunde-se o parapsicológico e o transpessoal.

- vivências regressivas, visão “como num filme” de fases da vida passada, do nascimento e da vida intra-uterina,<sup>1</sup> de memórias ancestrais, reencarnatórias, animais, vegetais, minerais, celulares, moleculares, atômicas e subatômicas;
- a convicção de ter Vivido a “realidade” tal como ela é;
- mudanças de sistema de valores e de comportamento posterior;
- perda do medo da morte.

Categoria	Grupo Total	Sonho	Pré-morte	Meditação	Droga	Psicose	Experiência fortuita %
Encontro de seres	54	56	67	67	24	36	45
Vivência de luz	52	44	63	58	41	9	55
Transcendência espaço-tempo	48	44	30	48	76	82	47,5
Caráter instantâneo da experiência	37	44	14	27	18	18	55
Conhecimento imediato por revelação	35	22	23	42	47	18	45
Sentimento de unidade eu-universo	32	11	7	52	59	9	42,5
Alegria	32	22	30	30	35	18	40
Inefabilidade	28	33	12	27	41	9	45
Experiência de saída do corpo físico	28	44	53	12	35	9	12,5
Sentimento da presença de Deus	25	0	2	52	29	9	37,5
Sentimento do caráter real da vivência	24	11	19	24	24	9	37,5
Vivência da inexistência do eu ou ego	20	0	16	21	35	36	15

Quadro 3

### Comentários:

Elaboramos também uma análise de conteúdo de relatos de experiências transpessoais. Após analisar 1.802 frases, obtidas a partir de 153 testemunhos escritos, criamos 107 categorias diferentes de respostas. Uma pesquisa assim permite traçar um quadro genérico daquilo que seja a experiência transpessoal, o que permitirá defini-la melhor e verificar sua existência nos diferentes grupos, como, por exemplo, no sonho, entre os pacientes terminais, na meditação, sob influência de substâncias farmaco-psicológicas, em casos de psicose e de experiência fortuita. A título de ilustração, apresentamos aqui uma tradução dos resultados mais freqüentes sob forma de porcentagens arredondadas (ver quadro 3).

Esta pesquisa, que não tem senão um valor de sondagem preliminar, e deveria ser refeita com um número maior de casos e uma amostragem mais sistemática, permite-nos, ainda assim, perceber certas diferenças entre os grupos.

## ALGUMAS DISTINÇÕES FUNDAMENTAIS

Nos textos que aqui apresentamos encontraremos, de uma forma ou de outra, algumas dessas características. Pode-se aí distinguir duas grandes categorias de testemunhos:

- aqueles que traduzem uma *vivência autenticamente transpessoal*, na qual não existe mais o ego ilusório e onde predomina a abertura do espaço atemporal do Ser;
- aqueles nos quais existe também um *sujeito observador* de luzes, cores, seres, fenômenos parapsicológicos etc.

Apenas a primeira categoria pode ser considerada autenticamente transpessoal, uma vez que é não-dual. A segunda pode ser considerada pré-transpessoal.

Convém distinguir, igualmente, no nível transpessoal, dois tipos de testemunhos: o de uma vivência esporádica ou *experiência transpessoal* e o que exprime uma continuidade dessa vivência na vida cotidiana, estendendo-se, inclusive, ao sonho e ao sono profundo sem sonhos. Trata-se aqui do estado transpessoal, que não existe senão nos seres completamente realizados, o que é de fato muito raro.

É possível falar de experiência num estado onde não existe mais nem sujeito, nem objeto, nem relação entre ambos? Nosso vocabulário é pobre nesse terreno, o que explica o emprego de metáforas e símbolos que variam segundo cada cultura e escola mística.

1. Pierre Weil, "Análise de conteúdo de relatos obtidos em estado de consciência cósmica", in *Psicologia Clínica e Psicoterapia*, Interlivros, Belo Horizonte, 1977, 1(2), pp. 55-82.

A vivência transpessoal é considerada, na ioga, como um dos quatro estados de consciência que são: os estados de vigília, de sonho, de sono profundo sem sonhos e o transpessoal propriamente dito.

## OUTROS ASPECTOS EXPERIMENTAIS

Medições e registros fisiológicos iniciados antes da Segunda Guerra Mundial por Thérèse Brosse, mostram ser possível, hoje em dia, acompanhar com precisão o início e o término da experiência transpessoal. Os registros eletroencefalográficos correspondem àqueles do feto, do sono profundo e do estado terminal, porém nos casos transpessoais as pessoas examinadas estão plenamente conscientes.

A existência desses componentes fisiológicos é uma prova da *realidade* dessa experiência.

Experiência de saída do corpo (ESC): como se pode facilmente verificar, há uma semelhança entre os resultados brasileiros e os resultados brasileiros e os de outras culturas.

	Grupo brasileiro N=44	Grupo de outras culturas N=49
Experiência de saída do corpo ESC		
Saída do corpo físico	48	47
Cordão ligando o corpo físico	45	33
Visão exterior do corpo físico	25	43
Translocação	32	10
Retorno ao corpo físico	23	29
Visão de um corredor		10
Cordão ligando o corpo físico		
A outro sistema	2	6
Caráter invisível do sistema sutil	4	4

Quadro 4

1. Pierre weil, *A Morte da Morte*, Editora Gente. São Paulo, s/d.

O estado transpessoal pode ser “induzido” ou desenvolvido através de métodos e técnicas que variam segundo as escolas tradicionais. Citemos os principais: a concentração e a meditação, determinadas danças, certas artes marciais pacíficas, métodos respiratórios, a transmutação energética no tantrismo, diferentes tipos de ioga e determinadas disciplinas religiosas propriamente ditas. Mais recentemente, métodos de isolamento sensorial e estudos farmacopsicológicos têm apresentado resultados encorajadores.

Recordemos, para terminar, os estudos comparativos entre testemunhos como os aqui apresentados e as descrições da realidade feitas por pesquisadores da física quântica. Como mostramos há pouco, há tal semelhança entre eles que se torna difícil distinguir uns dos outros.

## POR UMA VISÃO HOLÍSTICA DA REALIDADE

Isto provém do fato de que as duas visões – a da física quântica e a das tradições – são de ordem holística, e implicam não apenas uma nova lógica, como a que foi proposta por Stéphane Lupasco, mas uma mudança de paradigma, característica de toda revolução científica.

Esta revolução epistemológica é acompanhada por um movimento holístico de caráter transdisciplinar e transreligioso, que é, sem dúvida, o prelúdio de uma nova era.

Vê-se, portanto, a importância de uma coletânea de testemunhos de experiências transpessoais ou pré-transpessoais. Fizemos esta distinção, em acréscimo aos motivos já expostos, a fim de responder a uma crítica justificada que poderiam nos fazer: a de colocar Jesus ou Buda em pé de igualdade com outros místicos em estágio menos avançado. Esta antologia destina-se a todos aqueles que têm necessidade de formar uma idéia mais precisa e mais concreta a respeito deste tema.

1. ver Lupasco, *Les Trois Matières*, Julliard, Paris. s/d.

Trata-se, certamente, de uma seleção bastante arbitrária e que não representa talvez o universo dos testemunhos existentes no mundo; não obstante, esforçamo-nos por reunir as descrições de diferentes fontes culturais, e adotamos uma classificação que abraça as grandes tradições.

Apresentamos, para cada uma delas, textos de autoridades incontestáveis, que constituem uma introdução a cada grupo.

Começamos pelos contemporâneos, mais próximos de nós, e que pertencem a diferentes orientações filosóficas ou religiosas.

1. Marc de Smedt, in *Techniques de méditation et pratiques d'éveil*, Spiritualités vivantes. Albin Michel, Paris, 1983.

## COLETÂNEA DE TESTEMUNHOS ANTIGOS E MODERNOS

*Em geral, apenas indivíduos excepcionalmente dotados e comunidades de espírito excepcionalmente elevadas conseguem ultrapassar num grau considerável este nível (da concepção antropomórfica de Deus).*

*Eu o denominaria sentimento religioso cósmico. É extremamente difícil elucidar este sentimento para alguém que esteja inteiramente fora dele, sobretudo porque não corresponde a nenhuma concepção antropomórfica de Deus.*

*Os gênios religiosos de todas as épocas têm sido agraciados por este sentimento religioso que não conhece nenhum dogma e nenhum Deus concebido à imagem do homem.*

*Como o sentimento religioso cósmico pode ser comunicado de uma pessoa a outra sem fazer referência a alguma noção definida de Deus nem a qualquer teologia? Na minha opinião, da função mais importante da arte e da ciência: despertar este sentimento e mantê-lo vivo dentro de todos os que a ele são receptivos.*

Albert Einstein, in Ken Wilber, *Quantum Questions*, Shambhala, Boulder, 1984.

## TESTEMUNHOS OCIDENTAIS CONTEMPORÂNEOS

No início do século XX, em 1901, um psiquiatra canadense, Richard Maurice Bucke, publica o que pode ser considerado como a primeira análise de testemunhos do que ele chama “a consciência cósmica”, título de sua obra tomada clássica no terreno do transpessoal. Ele próprio foi um dos primeiros contemporâneos a passar por uma experiência de consciência cósmica, cuja narração encontramos nesta primeira parte consagrada aos testemunhos de nossa época. É particularmente interessante em sua contribuição o fato de que ele previu que o número dessas experiências e depoimentos iria aumentar durante o século XX. Eis textualmente o que ele diz:

... casos de consciência cósmica são aproximadamente cinco vezes mais freqüentes do que eram há, digamos, mil anos. Isto não quer dizer que eles se tornam mais freqüentes exatamente nesta proporção. Deve ter havido um grande número de casos nos últimos dois mil e quinhentos anos cuja memória está completamente perdida. Mas parece quase certo que o número de pessoas com experiências de consciência cósmica é maior no mundo moderno do que o era no mundo antigo. Este fato, relacionado com a teoria gême da evolução psíquica ..., tende a confirmar de maneira definitiva a conclusão segundo a qual é certo que a consciência de si apareceu entre os melhores espécimes de nossa raça ancestral em sua fase primordial, e tornou-se progressivamente universal evidenciando-se cada vez mais cedo no indivíduo. Atualmente ela se apresenta, em média, por volta dos três anos. A consciência cósmica se universalizará até que a raça inteira possua esta faculdade. A mesma raça e não mais a mesma, pois a raça da consciência cósmica não será mais a raça que existe atualmente, da mesma maneira que a raça atual não é igual àquela que existia antes da evolução da consciência individual. A verdade simples é que, durante milênios, em meio à multidão de seres comuns, “apareceu por intervalos” o início ainda bem frágil de uma nova raça; caminhando sobre a terra e respirando conosco e ao mesmo tempo caminhando sobre uma outra terra e respirando um ar diferente do qual conhecemos pouco ou absolutamente nada, mas que constitui, no final das contas, nossa vida espiritual, da mesma maneira como sua ausência seria nossa morte espiritual. Esta nova raça está em vias de ser gerada de nós mesmos, e em um futuro próximo ocupará e possuirá a terra.<sup>1</sup>

De fato, tudo indica que a previsão de Bucke está em plena realização. O número de pessoas que entram em um estado transpessoal aumenta enormemente, como o mostram investigações realizadas recentemente nos Estados Unidos.

Os textos de testemunhos que apresentamos neste capítulo provêm de fontes ocidentais, mas seus autores estão muitas vezes engajados em uma via tradicional, praticaram ou praticam uma religião; outros, ao contrário, são agnósticos e têm sido tomados de surpresa pela experiência, sem que causa alguma possa ser invocada, o que não quer dizer que ela não exista.

## TESTEMUNHOS ANÔNIMOS CITADOS POR AIMÉE ANDRÉ

Algumas pessoas experimentaram e perceberam em sua carne, em plena consciência, sem drogas ou demência, um estalo, um raio de luz inesperado.

Lembro-me de duas mulheres que, há algum tempo, contaram-me o fato.

Uma era protestante, a outra, krishnamurtiana. Poderia eu, sem reservas, contá-lo também?

1. Rihard Maurice Bucke, *Cosmic consciousness*, Dutton, Nova Yorks 1969, pp. 383-384.

Não se trata absolutamente de desnudar uma alma, mas simplesmente de relatar a visita de Deus.

Diante de um ser amado, que sofria sem esperança, a primeira gritou, com aquela violência dos que amam a Deus mas não o sabem: “Pai, se tu existes, este é o momento de Te manifestares. Cura minha mãe”.

E eis qual foi a experiência – o mundo era o mundo, tornado transparente. Todos os seres e todas as coisas eram feitos de matéria translúcida e viva, luminosa. Um Ser sem estrutura corporal tangível habitava a matéria da qual somos tecidos. Este Ser era Amor com uma tal evidência, que as lágrimas escorriam por seu rosto extasiado.

A fé dos primeiros anos, desaparecida por algum tempo, retornava, visível, na percepção da presença de um Ser inefável que não podia ser nomeado.

Nos dias que se seguiram, um novo tratamento curou a doente... A amiga *que me* contou esta experiência retomou imediatamente o caminho da Igreja, e consagrou sua vida ao serviço de Deus.

A outra mulher jamais freqüentara um templo... Sua experiência foi espontânea, indescritível, sem qualquer pedido especial, e aconteceu em um ônibus. *Ela* acabara de passar pelo cobrador e de pagar a tarifa. Sentou-se normalmente e, de súbito, o mundo asalou diante de sua consciência.

As palavras que ela empregou quando me relatou a história eram, com pouca diferença, as mesmas que haviam sido utilizadas pela mulher anterior:

Mundo de transparência

Matéria e Presença

Vibrações luminosas

Amor que se propaga

Certeza, Evidência

O Mundo é o corpo de Deus

Cada um é Seu átomo, infinito e precioso.

Em nenhum momento ela perdeu o sentido das coisas. Conseguiu descer do ônibus a tempo, à sua parada. De pé na calçada, encostada a um plátano, ela soluçava de alegria, inundada por suas lágrimas, resistindo ao desejo de ajoelhar-se, beijar a calçada ou o menor dos seixos habitados pelo Espírito, animados pelo Pai, Energia e Presença e doce e Absoluto.

*Aimée & André, Approche d'une vie intérieure, D 3, Genebra, 1982.*

DEPOIMENTO ANÔNIMO CITADO POR  
LILIAN SILBURN

... Tive primeiramente um sonho, ladrões se esforçavam para roubar-me um tesouro enterrado nos porões de minha casa.

... Saída do sonho, eu conservava a certeza de que sempre tivera um tal tesouro e que ele me seria em breve revelado.

... Meu mestre, a quem confidenciei o sonho, disse-me: “Efetivamente, o tesouro está aí, e você está a ponto de descobri-lo, mas um obstáculo se interpõe ainda”.

Alguns dias mais tarde, pouco tempo antes de deixá-lo, meu mestre me fez sentar frente a ele. Após um profundo recolhimento, voltando à consciência, qual não foi minha estupefação: não havia nada, e no nada, eu não era mais. Impressão estranha, iluminada. Todavia, durante quase vinte anos eu havia atravessado muitos vazios: vazios inconscientes, morte dolorosa e até mesmo um aniquilamento total. Agora, era diferente, não havia mais aniquilação, despojamento, nem mesmo vazio, pois que vazio significa sempre vazio de alguma coisa, valeria dizer “nada” – todas as vacuidades anteriormente experimentadas fundidas em uma só, inapreensível e definitiva, pois dela não mais saí.

A meu mestre, que me perguntava como eu me sentia, respondi: “Onde estou? Em parte alguma, parece-me!” e, com um sorriso indefinível, ele aquiesceu: “Sim, nós não estamos mais em parte alguma”.

A partir desse dia, as margens escarpadas, mutáveis, prodigiosas, entre as quais fluía precipitadamente o rio de minha vida, se desvaneceram. Não havia nada mais que a imensidão do mar. Êxtases e fenômenos extraordinários deram lugar a uma paz simples, inabalável, e a um enorme silêncio: nada em mim, nada fora de mim, nada em Deus. Uma harmonia fluente onde habitava apenas um inefável indeterminado.

Uma vez descoberto o tesouro, muitas coisas me foram reveladas. E primeiramente, tomei consciência do nada no qual vivia meu mestre. Compreendi também que “nada” é a condição de toda eficiência, e em particular da mais alta de todas, a transmissão de mestre a discípulo, e é por isto que a transmissão não pode ser ensinada. Com efeito, é no “nada” e graças ao “nada” em seu discípulo, e nele também, que a graça se transmite, pois somente aí ela não encontra obstáculo.

Lilian Silburn “Le Vide, le rien,, l’abîme”, in *Le Vide*,  
Hermès, Ed. Deux Océans, Paris, 1981.

RICHARD MAURICE BUCKE

... Eu me achava num estado de tranqüilo aprazimento, quase passivo, sem realmente pensar, mas deixando que as idéias, imagens e emoções fluíssem por si

mesmas, por assim dizer, através da minha mente. Súbito, sem aviso de espécie alguma, vi-me envolto numa nuvem cor de chamas. Por um instante pensei em fogo, numa imensa conflagração em algum lugar, perto dali, na grande cidade; mas em seguida percebi que o fogo estava dentro de mim. Acudiu-me de pronto um sentido de exultação, de imensa alegria, acompanhado ou imediatamente seguido de uma iluminação intelectual, impossível de descrever. Entre outras coisas, não somente vim a acreditar, senão vi que o universo não se compõe de matéria morta mas, pelo contrário, de uma Presença viva; tomei-me cômico, em mim mesmo, da vida eterna. Não era a convicção de que eu possuiria a vida eterna, mas a consciência de que já a possuía; vi que todos os homens são imortais; que a ordem cósmica é de tal natureza que, sem qualquer dúvida, todas as coisas trabalham juntas pelo bem de cada um e de todos; que o princípio fundamental do mundo, de todos os mundos, é o que chamamos amor, e que a felicidade de cada um e de todos, afinal de contas, é absolutamente certa. A visão durou uns poucos segundos e desapareceu; mas sua lembrança e o sentido da realidade do que ensinou permaneceu durante o quarto de século que transcorreu depois disso. Conheci que era verdadeiro o que a visão mostrava. Eu atingira uma perspectiva da qual via que ela só podia ser verdadeira. Essa perspectiva, essa convicção, posso dizer essa consciência, nunca, nem mesmo durante os períodos da mais profunda depressão, se perdeu.

Citação extraída de um texto que precedeu o livro clássico de Bucke, *Cosmic Consciousness*, Filadélfia, 1961. Também se encontra na obra de William James, *As Variedades da Experiência Religiosa*, Editora Cultrix, São Paulo, 1991, pp. 249-250.

## FRITJOF CAPRA

Há cinco anos experimentei algo de muito belo, que me levou a percorrer o caminho que acabaria por resultar neste livro. Eu estava sentado na praia, ao cair de uma tarde de verão, e observava o movimento das ondas, sentindo ao mesmo tempo o ritmo de minha própria respiração. Nesse momento, de súbito, apercebi-me intensamente do ambiente que me cercava: este se me afigurava como se participasse de uma gigantesca dança cósmica. Como físico, eu sabia que a areia, as rochas, a água e o ar a meu redor eram feitos de moléculas e átomos em vibração e que tais moléculas e átomos, por seu turno, consistiam em partículas que interagiam entre si através da criação e da destruição de outras partículas. Sabia também que a atmosfera da Terra era permanentemente bombardeada por chuvas de “raios cósmicos”, partículas de alta energia e que sofriam múltiplas colisões à medida que penetravam na atmosfera. Tudo isso me era familiar em razão de minha pesquisa em Física de alta energia; até aquele momento, porém, tudo isso me chegara apenas através de gráficos, diagramas e teorias matemáticas. Sentado na praia, senti que minhas experiências anteriores adquiriam vida. Assim, “vi” cascatas de energia cósmica, provenientes do espaço exterior, cascatas nas quais, em pulsações rítmicas, partículas eram criadas e destruídas. “Vi” os átomos dos elementos – bem como aqueles pertencentes a meu próprio corpo – participarem desta dança cósmica de energia. Senti o seu ritmo e “ouvi” o seu som. Nesse momento compreendi que se tratava da Dança de Shiva, o Senhor dos dançarmos, adorado pelos hindus.

Esse momento foi seguido por inúmeras outras experiências semelhantes

que me auxiliaram, gradativamente, a compreender que começa a emergir – da Física moderna, em harmonia com a anliga sabedoria oriental – uma nova e consistente visão de mundo.

Fritjof Capra, *O Tao da Física*, Editora Cultrix, São Paulo, 1988, pp. 13-14.

## KARL JASPERS

Creio que eu próprio causei a doença. Na tentativa de penetrar o outro mundo encontrei seus guardiões naturais, a personificação de minha própria fraqueza e falhas. Julguei a princípio que esses demônios fossem habitantes desprezíveis do outro mundo, que podiam brincar comigo como se eu fosse uma bola, porque penetrei naquelas regiões despreparado e me perdi. Mais tarde pensei serem partes isoladas de minha própria mente (paixões) que existiam próximo de mim, no espaço livre, alimentando-se de meus sentimentos. Acreditava que todos os demais os possuíssem também, embora sem percebê-lo, graças à ilusão protetora e bem sucedida do sentimento de existência pessoal. Julguei que a última fosse um artifício da memória, complexos de idéias etc., uma boneca bonita de se olhar, mas sem qualquer conteúdo real.

No meu caso, o self pessoal tornam-se poroso por causa do consciente obscurecido. Por seu intermédio eu queria aproximar-me das fontes mais sublimes da existência. Deveria Ter me preparado para isto durante um período prolongado de tempo, invocando em mim um self mais elevado, impessoal, já que o “néctar” não é para lábios mortais. Agia de modo destrutivo sobre o self do animal humano, dividindo-o em partes que gradualmente se desintegravam. A boneca estava quebrada de fato e o corpo dilacerado. Eu forcara o acesso à “fonte vital” e a ira dos “deuses” caíra sobre mim. Percebi demasiado tarde a intervenção de elementos escusos. Passei a reconhecê-los depois que já haviam adquirido demasiado poder. Impossível recuar. Eu possuía então o mundo dos espíritos que desejava ver. Os demônios subiram dos abismos, como o guardião Cérbero, negando entrada aos não iniciados. Resolvi encetar a luta de vida ou morte. Isto significava para mim, no final, a decisão de morrer, já que precisava renunciar a tudo que mantinha o inimigo, mas isto era também tudo o que me conservava a vida. Eu queria penetrar a morte sem enlouquecer e coloquei-me diante da Esfinge: “Ou entras no abismo, ou entro eu”.

Ocorreu então uma iluminação. Jejei e assim penetrei na verdadeira natureza dos meus sedutores. Eram proxenetas e enganadores do meu querido self pessoal, que parecia, tanto quanto eles, uma coisa do nada. Um self maior amplo e mais compreensivo emergiu e eu pude abandonar a anterior personalidade com todo o seu séquito. Vi que essa personalidade anterior jamais poderia penetrar nas regiões transcendentais e senti uma dor terrível, um golpe aniquilador, mas fui salvo, os demônios encolheram-se, desapareceram, pereceram. Uma nova vida começou para mim e de então em diante senti-me diferente das outras pessoas. Um self consistindo de mentiras convencionais, enganos, auto-ilusões, imagens da memória, um self exatamente como o dos outros tornou a crescer em mim, mas por detrás e acima erguia-se um self mais amplo e mais compreensivo, que me impressionou, sendo dotado de algo eterno, imutável, imortal e inviolável e que desde então tem

sido meu protetor e refúgio. Acredito que seria bom para muitos conhecerem esse self mais elevado e saberem que há gente que alcançou este objetivo por meios mais tranquilos.

Jaspers comenta:

Tais auto-interpretações são evidentemente feitas sob a influência de tendências ilusórias e profundas forças psíquicas. Originam-se de experiências intensas, e a riqueza dessa experiência esquizofrênica chama a atenção tanto do observador como do paciente ponderado que não considere tudo isto como unia simples mistura caótica. Mente e espírito encontram-se presentes tanto na vida psíquica mórbida como na sadia. Mas as interpretações desse tipo devem ser despojadas de toda importância causal. Tudo o que podem fazer é lançar luz sobre o conteúdo e levá-lo a qualquer espécie de contexto.

Ronald D. Laing, *A Política da Experiência*,  
Editora Vozes, Petrópolis, 1974, pp. 100-102.

## SIGMUND FREUD

### Comentário de uma carta de Romain Rolland

... Existem certos homens que não contam com a admiração de seus contemporâneos, embora a grandeza deles repouse em atributos e realizações completamente estranhos aos objetivos e aos ideais da multidão. Facilmente, poder-se-ia ficar inclinado a supor que, no final das contas, apenas uma minoria aprecia esses grandes homens, ao passo que a maioria pouco se importa com eles. Contudo, devido não só às discrepâncias existentes entre os pensamentos das pessoas e as suas ações, como também à diversidade de seus impulsos plenos de desejo, as coisas provavelmente não são tão simples assim.

Um desses seres excepcionais refere-se a si mesmo como meu amigo nas cartas que me remete. Enviei-lhe o meu pequeno livro que trata a religião como sendo uma ilusão, e ele me respondeu que concordava inteiramente com esse meu juízo, lamentando, porém, que eu não tivesse apreciado corretamente a verdadeira fonte da religiosidade. Esta, diz ele, consiste num sentimento peculiar, que ele mesmo jamais deixou de ter presente em si, que encontra confirmado por muitos outros e que pode imaginar atuante em milhões de pessoas. Trata-se de um sentimento que ele gostaria de designar como uma sensação de “eternidade”, um sentimento de algo ilimitado, sem fronteiras - “oceânico”, por assim dizer. Esse sentimento, acrescenta, configura um fato puramente subjetivo, não um artigo de fé; não traz consigo qualquer garantia de imortalidade pessoal, mas constitui a fonte da energia religiosa de que se apoderam as diversas igrejas e sistemas religiosos, é por eles veiculado para canais específicos e, indubitavelmente, também por eles exaurido. Acredita ele que uma pessoa, embora rejeite toda crença e toda ilusão, pode corretamente chamar-se a si mesma de religiosa com fundamento apenas nesse sentimento oceânico.

As opiniões expressas por esse amigo que tanto respeito, e que outrora já

louvara a magia da ilusão num poema, causaram-me não pequena dificuldade. Não consigo descobrir em mim esse sentimento “oceânico”. Não é fácil lidar cientificamente com sentimentos. Pode-se tentar descrever os seus sinais fisiológicos. Onde isso não é possível – e temo que também o sentimento oceânico desafie esse tipo de caracterização –, nada resta senão cair no conteúdo ideacional que, de forma mais imediata, está associado ao sentimento. Se compreendi corretamente o meu amigo, ele quer significar, com esse sentimento, a mesma coisa que o consolo oferecido por um dramaturgo original e um tanto excêntrico ao seu herói que enfrenta uma morte auto infligida: “Não podemos pular para fora deste mundo”. Isso equivale a dizer que se trata do sentimento de um vínculo indissolúvel, de ser uno com o mundo externo como um todo. Posso observar que, para mim, isto parece, antes, algo da natureza de uma percepção intelectual, que na verdade pode vir acompanhada de um tom de sentimento, embora apenas da forma como este se acharia presente em qualquer outro ato de pensamento de igual alcance. Segundo minha própria experiência, não consegui convencer-me da natureza primária desse sentimento; isso, porém, não me dá o direito de negar que ele de fato ocorra em outras pessoas. A única questão consiste em verificar se está sendo corretamente interpretado e se deve ser encarado como a *fons et origo* de toda a necessidade de religião.

Nada tenho a sugerir que possa exercer influência decisiva na solução desse problema. A idéia de os homens receberem uma indicação de sua vinculação com o mundo que o cerca por meio de um sentimento imediato que, desde o início, é dirigido para esse fim, soa de modo tão estranho e se ajusta tão mal ao contexto de nossa psicologia, que se torna justificável a tentativa de descobrir uma explicação psicanalítica – isto é, genética – para esse sentimento.

... Não consigo pensar em nenhuma necessidade da infância tão intensa quanto a da proteção de um pai. Dessa maneira, o papel desempenhado pelo sentimento oceânico, que poderia buscar algo como a restauração do narcisismo ilimitado, é deslocado de um lugar em primeiro plano. A origem da atitude religiosa pode ser remontada, em linhas muito claras, até o sentimento de desamparo infantil. Pode haver algo mais por trás disso, mas, presentemente ainda está envolto em obscuridade.

Posso imaginar que o sentimento oceânico se tenha vinculado à religião posteriormente. A “unidade com o universo”, que constitui seu conteúdo ideacional, soa como uma primeira tentativa de consolação religiosa, como se configurasse uma outra maneira de rejeitar o perigo que o ego reconhece a ameaçá-lo a partir do mundo externo. Permitam-me admitir mais uma vez que para mim é muito difícil trabalhar com essas quantidades quase intangíveis. Outro amigo meu, cuja insaciável vontade de saber o levou a realizar as experiências mais inusitadas, acabando por lhe dar um conhecimento enciclopédico, assegurou-me que, através das práticas de ioga, pelo afastamento do mundo, pela fixação da atenção nas funções corporais e por métodos peculiares de respiração, uma pessoa pode de fato evocar em si mesma novas sensações e cenestesias, consideradas estas como regressões a estados primordiais da mente que há muito tempo foram recobertos. Ele vê nesses estados uma base, por assim dizer fisiológica, de grande parte da sabedoria do misticismo. Não seria difícil descobrir aqui vinculações com certo número de obscuras modificações da vida mental, tais como os transes e os êxtases. Contudo, sou levado a exclamar, como nas palavras do mergulhador de Schiller:

...Es freue e sich,

Wer da atmet im rosigten Licht!

[Regozije-se aquele que aqui em cima respira, na rósea luz! Schiller, *Der Taucher*.]

Sigmund Freud, *O Mal-Estar na Civilização* in *Freud*,  
coleção Os Pensadores, Abril Cultural, São Paulo, 1978, pp. 131-132, 137-138.

## CHEFE SIOUX CERVO NEGRO

Então eu estava de pé na montanha mais alta, e abaixo de mim, ao meu redor, encontrava-se o arco completo do mundo. E enquanto eu permanecia lá, de pé, vi mais do que sou capaz de dizer e compreendi mais do que vi; pois eu via de maneira sagrada as formas de todas as coisas no Espírito e a forma de todas as formas tais como elas devem viver juntas como um único ser.

E eu vi que o arco sagrado de meu povo era um dos numerosos arcos que formavam um círculo, tão amplo quanto a luz do dia e a luz das estrelas, e em seu centro crescia uma poderosa árvore florida para abrigar todas as crianças de uma só mãe e de um só pai. E vi que isso era sagrado.

Então, enquanto estava lá de pé, dois homens chegavam do leste, a cabeça à frente como flechas em pleno vôo, e entre eles surgiu a estrela da aurora. Aproximaram-se, deram-me uma erva e declamam: “Com isto sobre a terra você poderá incumbir-se de qualquer coisa e realizá-la”. Era a erva da estrela da aurora, a erva da compreensão, e eles me pediram que a deixasse cair sobre a terra. Eu a vi cair e quando ela atingiu o soto criou raízes, cresceu e floresceu, quatro flores em um caule, uma azul, uma branca, uma escarlata e uma amarela, e os raios que originavam espalharam-se em direção aos céus de tal fonna que todas as criaturas os viram e em lugar algum havia escuridão.

José e Miriam Argüelles, *Mandala*,  
Shambhala Berkeley e Londres, 1972, p. 114.

## ARNAUD DESJARDINS

O que se passou naquela manhã e na manhã seguinte foi além daquilo que se pode esperar ou supor da lenda misteriosa e fascinante que sempre, mais ou menos, cercou os lamas tibetanos. Cruzando uma pequena varanda de madeira que circundava uma casa bastante modesta, penetramos em um aposento quase escuro e sentamo-nos de frente para o leito coberto de tapetes que se encontra em todos os quartos de todos os *rinpochés* [mestres realizados]. Na penumbra, eu distinguia a forma de um homem sentado, imóvel, que emanava uma luminosidade, como uma espécie de vaga fosforescência, e cujos olhos pareciam luminosos na penumbra. Voltei-me para Sonam, cuja posição, menos afastada da pequena porta, tornava o um pouco mais nítido. Ele olhava para o lama, mas seus olhos não tinham

nenhum brilho particular. Virei-me então para Kangyur Rinpoché e tornei a ver aquela mesma luminosidade e sobretudo seus olhos, que pareciam estar acesos no escuro. Ele me fitava e senti nascer em mim, e depois crescer, uma emoção excepcional, indescritível. Pude apenas perceber que Sonam deixava o aposento e depois tive a impressão de que nada mais no mundo existia além dessa presença na sombra e eu mesmo. A intensificação e a aceleração de minha vida psíquica, pensamentos e sentimentos, transcendiam toda experiência descritível. Todas as lembranças, todas as imagens, todas as possibilidades apresentavam-se de uma só vez. Eu possuía dez, cem cérebros que funcionavam ao mesmo tempo. Talvez aqueles que quase se afogaram e reviveram sua existência inteira em poucos segundos tenham conhecido uma experiência semelhante. Eu era capaz de manter dez raciocínios de uma só vez, viver dez cenas de lembranças (e lembranças, ah! completamente esquecidas) ao mesmo tempo. Depois, tudo parou de funcionar, mas isto não era nem a inconsciência, nem o vazio dos desmaios. A consciência e o despertar eram absolutos, aquela era a experiência do verdadeiro silêncio, *“beyond the mind”* [além da mente], transcendendo o pensamento e a individualidade, o nome e a forma, o tempo e o espaço e, sobretudo, a dualidade.

Sonam disse-me: *“I saw you were in deep meditation with the guru and I left the room”* [Vi que você estava em meditação profunda com o guru e sai do aposento]. E ele me contou que isso que ele denominara de “meditação com o guru” havia durado cerca de uma hora. Desejoso de confirmar minha opinião sobre Kangyur Rinpoché, convenci Sonam a retardar em um dia nossa partida. Na manhã seguinte, o mesmo fenômeno se reproduziu, igualmente intenso e prolongado, e seu efeito devia durar vários dias e desaparecer progressivamente. Desaparecer completamente? Não, a lembrança, a marca daquela experiência – ou de outras, da mesma ordem – são indeléveis. Mas não é menos verdade que o estado excepcional, o nível de consciência, não são duráveis. De repente, aparece: “Vivo neste momento uma experiência sublime, miraculosa”, e no momento seguinte tudo está perdido.

## DENISE DESJARDINS

### Sétimo dia

Respiro profundamente com todo o meu fôlego. Meu diafragma se abre, se dilata cada vez mais. *Aum* ao expirar, *tat* ao inspirar completamente,<sup>1</sup> em seguida um tempo de intervalo. Respirando assim, parece-me, com o *aum*, criar a manifestação, que com o *tat* retorna a mim e torna-se novamente o não-manifesto, o vazio. Depois é uma passagem de um vazio a um outro vazio, e eu mergulho no interior desse centro, um pouco à direita do peito. E um abismo não delimitado, a tranquilidade do fundo dos mares, uma noite que nada vem interromper, sem começo e sem fim.

Não há palavras para descrever esta grandeza sem medida, onde não existe mais nem tu nem eu, mas uma ampla plenitude, em mim, que não é mais eu, que não está nem no exterior nem no interior.

Esta respiração continua. Com o *aum*, sinto-me devolver toda dificuldade, todo pensamento, como a maré que quando se retira varre tudo o que está sobre a praia, conduzindo o mais ao longe. Assim me abandonam meu desespero, Iryamani, meu filho, minha mãe e meu pai.

Tudo se desvanece e se apaga como fantasmas irreais, inúteis e incômodos, sombras sem consistência levadas pelo *aum* de minha respiração.

Somente permanece este maravilhoso vazio tecido de plenitude. Meu corpo também está fluido, leve, aéreo; apenas fumaça sem densidade, uma sombra que se desloca como uma nuvem no ar. Ele pode-se movimentar sem movimento, em todos os sentidos, levantar-se sem esforço, sem dificuldade. Eu o percebo fora de mim, dentro desta perspectiva informal. Ele é inconsistente, desencarnado. Em que ele me concerne? Ele não tem nada de mim, de eu. Aboliu-se a distinção entre o que está em mim e fora de mim.

Apenas uma ampla vacuidade onde se desloca um fantasma de corpo evanescente, irreal, que se apaga e desaparece.

O Nada que contém todas as coisas.

1. É o inverso da Respiração que Shariputra realizava habitualmente.

O Vazio que é plenitude.

Somente É.

Denise Desjardins, *De Naissance em naissance -  
Témoignage sur une vie antérieure*, La Table Ronde, Paris, 1977.

## KARLFRIED GRAF DURCKHEIM

### Experiência do SER (o período de Munique)

Com o fim do período militar iniciaram-se meus estudos. A atração pessoal exercida por Max Weber fez-me escolher inicialmente a economia política. Depois de algum tempo, uma mudança de cabeça orientou-me em direção à filosofia. A fenomenologia ocupava naquela época um lugar de destaque com os cursos de Alexandre Pfänder, aluno de Husserl. O primeiro curso tratava sobre a obra de Bergson *A Evolução Criadora*.

Os encontros que realizei durante os primeiros anos de estudos tiveram grande importância. Sobretudo aquele, decisivo, com minha futura esposa, Enja von Hattingberg. Graças a ela, entrei bastante cedo em contato com a psicanálise. Além disso, ela me aproximou de todo um círculo de amigos. Minha esposa era ligada, entre outros, à poetisa Elisabeth Schmidt-Pauly, a Rainer Maria Rilke, Richard Wilhelm, Wilhelm Otto, Ludwig Klages, Else Lasker-Schüler, Ferdinand Weinhandl, Otto Zopf. Entre todos eles, o desastre de 1918 havia despertado algo de novo. Reconheci depressa, eu também, que naqueles anos do pós-guerra minha preocupação era o problema de um homem novo, O impacto de um determinado acontecimento fez-me reconhecer nesta questão não apenas uma necessidade geral de nosso tempo, mas também a obrigação de fazer dela o centro de minha vida. Este acontecimento, para mim capital, foi também o primeiro encontro de meus vinte e quatro anos com Lao Tsé.

Isto se passou no ateliê do pintor Willi Geiger. Minha futura esposa, que era sua amiga, abriu ao acaso o *Tao Te King*, e começou a ler o décimo primeiro aforismo:

Trinta raios sustentam o eixo de uma roda

Mas é o vazio que há nele que cria a natureza da roda.

Os vasos são feitos de argila

Mas é o vazio que há neles que faz a natureza do vaso.

E aquilo foi inesperado. Enquanto o escutava, fui atingido por uma revelação súbita. O véu se rasgou: eu fora despertado. Eu havia experimentado *aquilo*. Todo o resto era e não obstante não era mais, era este mundo e ao mesmo tempo transparente para um outro. Eu mesmo também era e não era a um só tempo. Eu estava preenchido, capturado. Não obstante, completamente presente. Feliz e como que vazio de sentimentos, muito distante e todavia profundamente imerso nas coisas. Eu havia experimentado aquilo de um modo evidente, como o impacto de um raio, e claro, como um dia de sol; aquilo, que era totalmente incompreensível. A vida continuava, a vida de antes, e no entanto já não era a mesma. Havia a espera dolorosa de mais “Ser”, uma promessa profundamente sentida. E ao mesmo tempo forças crescendo até o infinito e a aspiração no sentido de um compromisso – com o quê?

Esse estado excepcional durou o dia inteiro e uma parte da noite. Ele me marcou definitivamente. Eu vivenciara aquilo que através dos séculos testemunharam muitos homens, que em um momento qualquer de suas vidas tiveram essa experiência. Ela os atingiu como um relâmpago. Ela os ligou para

sempre à corrente da verdadeira vida. Ou antes, ela lhes tornou perceptível a fonte de uma grande felicidade e ao mesmo tempo de sofrimento que experimentamos quando essa corrente é interrompida. Mas é também uma experiência inseparável de um compromisso com a via interior. Repetida depois por várias vezes, embora com menos força, ela continua a servir de ponto de referência para indicar, para mim e para outros, a direção acertada de conhecimento e de trabalho.

Tudo o que encontrei desde então orienta-se na direção de um pé lo preciso. Que Mestre Eckhart tenha mais tarde entrado em minha vida não tem nada de surpreendente. Não me separei mais de seus tratados e de seus sermões. Seu conteúdo é uma espécie de eco multiplicado do grande apelo que ressoava dentro de mim. Ainda hoje, é suficiente uma única frase de Mestre Eckhart para que eu me sinta novamente penetrado por uma grande corrente. Eu percebo o mesmo tom, ainda que através de outros registros, em Rilke, em Nietzsche e sobretudo na primeira leitura dos escritos budistas. A doutrina de que a natureza do Buda está presente em cada homem, pareceu-me imediatamente evidente. Já naquele momento uma questão me preocupava: Mestre Eckhart, Lao Tsé, o Buda, a grande experiência que os havia atingido não era fundamentalmente a mesma?

Karlfried Graf Dürkheim, *Pratique de l'expérience, spirituelle*,

Éd. du Rocher, Monaco, s/d.

ALBERT EINSTEIN

A emoção mais bela que podemos experienciar é a mística. Ela é a propagadora de toda verdadeira arte e ciência. Aquele para quem essa emoção é estranha ... está, por assim dizer, como morto. O que é impenetrável para nós existe realmente, manifestando-se como a mais alta sabedoria e a mais radiante beleza, que nossas entorpecidas aptidões podem compreender somente em suas formas mais primitivas – este conhecimento, esta sensibilidade, está no centro da verdadeira religiosidade. Neste sentido, e unicamente nele, pertencço à classe dos homens devotamente religiosos.

In Ken Wilber, *Up from Eden*, Shambhala, Boulder, 1983.

PADRE JOSÉ INÁCIO FARAH

(Testemunho recolhido pelo autor, pessoalmente, em 17 de outubro de 1974)

Dia 9 de novembro de 1961, entre dez e onze horas da manhã, no momento em que se preparava meu enterro; três médicos cardiologistas do Prontocor que trabalhavam na Avenida Barbacena estavam em torno de mim e cuidavam de meus últimos momentos. Minha enfermeira particular, Srta. Zeni Mendonça, ajoelhada ao meu lado, recitava a Litania da Santa Virgem. Um dos médicos chorava.

Quando se recitava a invocação *Salas Infirmorum*, senti-me carregado e um

outro mundo todo feito de luz e de uma alegria indizível se abriu diante de mim. Sentia-me feliz, tão feliz que não via mais nada do que se passava em torno de mim. Não sentia mais as dores do meu coração (tivera um enfarte). Chorava de alegria; sentia-me realizado.

De repente, um velho capuchinho se aproximou de mim, barba longa, veio em minha direção e se curvou; senti sua barba roçar meu rosto, um perfume desconhecido na terra exalava de toda a sua pessoa; fitou-me, abraçou-me e disse: Sou Frei Leopoldo; venho te trazer uma mensagem, meu irmão; teu exílio ainda não acabou; viverás ainda o suficiente para continuar minha obra na terra; mas sofrerás muito na terra; tem confiança e coragem. Beijou-me e desapareceu como que evaporando-se. Nesse momento, abri os olhos e vi a triste cena, emocionante, descrita acima.

Senti-me triste, porque vi escapar a felicidade que tanto desejei em minha vida; senti a presença de Cristo na luz fulgurante que me contornava. Tinha a impressão de possuí-lo, e que ele preenchia todo o meu ser.

De volta realidade terrestre, senti de novo o vazio e a primeira palavra que pronunciei, decepcionado pela dura realidade: “O que é que há? Por que choram? Tenho fome, dêem-me algo a comer”.

À minha volta, a alegria era geral; em mim, era a tristeza e eu o deixo adivinhar por quê...

In Pierre Weil, *Á Consciência Cósmica*,  
Editora Vozes, Petrópolis, 1991, pp. 21-22.

## ANDRÉ FROSSARD

Desde logo estas palavras são-me insufladas: *vida espiritual*.

Não são ditas, não as formo eu, ouço-as como se fossem pronunciadas perto de mim, em voz baixa, por uma pessoa que vê o que ainda não vejo.

A última sílaba desse prelúdio murmurado apenas atingiu em mim a margem do consciente e começa a avalanche ao inverso. Não digo que o céu se abre. Não se abre, projeta-se, subitamente se alça, silenciosa fulguração, dessa insuspeitável capela na qual estava misteriosamente incluso. Como descrevê-lo com estas palavras demissionárias, que recusam seus serviços e ameaçam interceptar meus pensamentos para consigná-los ao armazém das quimeras? O pintor ao qual fosse dado entrever cores desconhecidas, com que cores as pintaria? É um cristal indestrutível, de uma infinita transparência, de uma luminosidade quase insustentável (um grau a mais me aniquilaria) e talvez azul, um mundo, outro mundo, de um brilho e uma densidade que devolvem o nosso às sombras frágeis dos sonhos inacabados. Ele é a realidade, ele é a verdade, eu a vejo na margem obscura em que estou retido. Há no universo uma ordem, e no seu ápice, para lá desse véu de bruma resplandecente, a evidência de Deus, a evidência feita presença e a evidência feita pessoa daquele que um momento antes eu teria negado, chamado pelos cristãos “Nosso Pai”, e deles ouço que é suave de uma

suavidade que nenhuma outra iguala, que não é a passiva qualidade às vezes designada por esse nome e sim uma suavidade ativa, explosiva, sobrepassando toda violência, capaz de despedaçar a pedra mais dura e, mais duro do que a pedra, o coração humano.

*André Frossard, Deus Existe – Eu O Encontrei,*  
Record, Rio de Janeiro - São Paulo, s/d, pp. 157-158.

## JEANNE GUESNE

A tempestade brame como uma fera ferida.., as nuvens escuras varrem o céu riscado pela fulguração dos relâmpagos que iluminam os baluartes rochosos das montanhas.

O estrondo surdo do trovão, multiplicado pelo eco da montanha, enche o ar ao repercutir sobre os rochedos, despertando em mim uma estranha alquimia de pensamentos e emoções. Recebo a tempestade chicoteante como o embate de uma identidade com os elementos desencadeados, e ela me envia sua mensagem:

O instante presente não é um valor temporal, mas uma intensidade a experimentar, um estado radiante como o amor, O real não pode ser conhecido exteriormente. Ele deve ser vivido em uma ultrapassagem desconcertante para a noção conceitual que temos de nós mesmos e do mundo. As fórmulas verbais não conseguem traduzir a realidade.

O materialismo considera o mundo da matéria como a única realidade, e a consciência como um resultado de processos físicos. O idealismo nega a realidade do mundo material e confere ao espírito a realidade última. Cada um desses sistemas de pensamento exclui o outro como se fosse irreal. Não obstante, parece evidente que sua incompatibilidade não passa de um artifício.

A física ultrapassou há muito tempo este dilema mostrando que a matéria e a energia podem transformar-se uma na outra.

O espírito e a matéria são os dois pólos de uma mesma força, e apenas a “posição” do observador decide se há matéria ou espírito. Não há direito sem avesso, alto sem baixo, exterior sem interior, espírito sem matéria etc. Uma coisa só é matéria ou espírito em relação a outra coisa. E ainda aqui, minhas experiências fora do corpo provaram-me que estas palavras não são senão termos que significam uma analogia, uma maneira pela qual as coisas se revelam a nós, e mais nada. Não cometamos o erro de esquecer sua relatividade,

Sinto que existe um poder de cura espiritual no contato com os grandes ritmos da natureza, contato que estabeleceu em mim uma praia de luz, desfazendo a bruma espessa de meu monólogo habitual.

Assim, cada instante do tempo torna-se uma porta a ser aberta, uma soleira a se transpor. Eu sou o peixe prisioneiro na rede, e a única evasão possível torna-se o ato de deixar “a condição de ser” do peixe. Responder ao apelo da vida que há nas criaturas é tomar consciência da escravidão causada pela identificação com nossa selva interior. Abrir a porta, transpor a soleira.

Eu sou a “percepção daquilo” e minha percepção não tem limite fora daquele que lhe impõe meu intelecto. A fé é, para mim, a certeza irracional da *presença*. Tenho fé nesta harmonia que me contém e me penetra, mesmo quando ignoro as leis de sua manifestação. É existir verdadeiramente no interior de um campo de forças do qual tomo emprestada, sem o saber, toda a energia que me anima, de forma que cada impressão sentida é multiplicada ao infinito. Vivo intensamente o instante e o lugar do encontro com a *presença*, simultaneamente em mim e fora de mim.

Através de minha inteligência racional, sou espectador da natureza. Através de minha abertura à intuição não racional, participo de sua atividade a cada instante, em um estado de sensibilidade universal.

Os racionalistas lógicos menosprezam o caráter irreal da intuição. Os partidários desta denunciam os limites da lógica. Na realidade, uma não exclui a outra.

A descoberta mais extraordinária que fiz fora de meu corpo é que tudo o que posso ver nesse estado emana de mim. Mais exatamente, que eu sou o centro de tudo o que constato como existente e sou igualmente sua totalidade. *Eu sou o que conheço*.

Poder-se-ia objetar que tudo isto é subjetivo, mas eu não posso tomar consciência de objeto algum, de nenhum fato, que não seja subjetivo. É um erro de apreciação que faz descobrir um hiato imaginário entre um mundo que chamo “exterior-objetivo” e um outro “interior-subjetivo”, uma vez que eles constituem precisamente os dois pólos de um movimento perpétuo, onde um provoca e determina as emoções e os pensamentos dentro do outro. ... Sua aparente dualidade é resolvida na tomada de consciência de sua interdependência.

Faço experiências de percepção-associação fora de meu corpo, mas *não* fora de *mim*. Eu as realizo fora do personagem que vejo habitualmente no espelho e cujo rosto figura em minha cédula de identidade, mas não fora “daquilo” que nele sente, que pensa, que age...

O mistério do *Quem sou eu?* não é um problema a ser resolvido, mas uma realidade a ser vivida. E este mistério é o maravilhamento daquela idade de ouro da infância que nada pode esgotar. É o *canto eterno da criação*, presente em cada parcela do *criado*.

Nosso grande erro é viver sempre no nível das palavras e esquecer que elas simplesmente representam a tradução de nossa sensação da realidade, mas não a própria realidade. Nós não percebemos senão sensações que estabelecem relações entre si. Esquecendo a relatividade de nossas traduções verbais, nós as ornamentamos com uma autenticidade que elas de maneira alguma possuem.

A evidência de minhas experiências, sua “vivência”, destruíram em mim as muralhas das falsas certezas, providas de ambições sem sentido, de inquietações inúteis, verdadeiras doenças da alma.

## MAX JACOB

Depois de tirar meu chapéu, eu me preparava, como bom burguês, para calçar os chinelos quando lancei um grito. Havia um Hóspede na parede. Caí de joelhos, meus olhos se encheram subitamente de lágrimas. Um inefável bem estar desceu sobre mim, e permaneci imóvel sem compreender. Em um minuto, vivi um século. Pareceu-me que tudo me foi revelado. ... Instantaneamente também, depois que meus olhos encontraram o Ser inefável, senti-me despojado de minha carne humana, e apenas duas palavras me preenchiam: morrer, nascer. ... Após a desapareição da imagem sagrada, eu escutava uma multidão de vozes e palavras muito nitidas, muito claras e sensatas, que me mantiveram desperto durante toda a tarde e toda a noite, sem que eu sentisse necessidade de qualquer coisa além da solidão.

*Paul Misraki, Plaidoyer pour l'extraordinaire, Mame, Paris, 1969.*

## WILLIAM JAMES

Retomando à minha própria experiência, todas estas formas de consciências convergem em direção a uma espécie de insight ao qual não posso evitar de atribuir um certo significado metafísico. Seu ponto principal é invariavelmente a reconciliação. E como se os opostos do mundo, cujo caráter contraditório e conflitante provoca todas as nossas dificuldades e perturbações, se dissolvessem na unidade. Como espécies, elas pertencem a um único e ao mesmo gênero, mas uma destas espécies, a mais nobre e a melhor, é ela mesma o gênero, e impregna e absorve seus opostos em si mesma.

Esta é uma maneira obscura de dizê-lo, bem sei, pois é expresso em termos de lógica comum, mas não consigo escapar completamente de sua autoridade. Sinto que isto deve significar alguma coisa, alguma coisa como a filosofia hegeliana.

*William James, As Variedades da Experiência Religiosa,  
Editora Culrix, São Paulo, 1991.*

## CARL GUSTAV JUNG

No início de 1944 fraturei um pé e logo depois tive um enfarte cardíaco. Durante a inconsciência tive delírios e visões que provavelmente começaram quando, em perigo de morte, administraram-me oxigênio e cânfora. As imagens eram tão violentas que eu próprio concluí que estava prestes a morrer. Disse-me minha enfermeira mais tarde: "O senhor estava como que envolvido por um halo luminoso".

... Parecia-me estar muito alto no espaço cósmico. Muito ao longe, abaixo de mim, eu via o globo terrestre banhado por uma maravilhosa luz azul. Via também o mar de um azul intenso e os continentes. Justamente sob os meus pés estava o Ceilão e na minha frente estendia-se o subcontinente indiano. Meu campo visual não abarcava toda a Terra, mas sua forma esférica era nitidamente perceptível e seus contornos brilhavam como prata através da maravilhosa luz azul. Em certas regiões, a esfera terrestre parecia colorida ou marchetada de um verde escuro como prata oxidada. Bem longe, à esquerda, uma larga extensão – o deserto vermelho alaranjado da Arábia. Era como se ali a prata tivesse tomado uma tonalidade alaranjada. Adiante o mar Vermelho e mais além, como no ângulo superior esquerdo de um mapa, pude ainda perceber uma nesga do Mediterrâneo. Meu olhar voltara-se sobretudo para essa direção, Ficando o restante impreciso. Evidentemente via também os cumes nevados do Himalaia, mas cercados de brumas e nuvens. Não olhava “à direita”. Sabia que estava prestes a deixar a Terra.

Mais tarde informei-me de que distância dever-se-ia estar da Terra para abarcar tal amplidão: cerca de mil e quinhentos quilômetros! O espetáculo da Terra visto dessa altura foi a experiência mais feérica e maravilhosa da minha vida.

Após um momento de contemplação eu me voltei. Postara-me, por assim dizer, dando as costas ao octano índico com o rosto voltado para o norte. Parecia-me agora virar em direção ao sul. Algo de novo surgiu no meu campo visual. A uma pequena distância percebi no espaço um enorme bloco de pedra, escuro como um meteorito, quase do tamanho de minha casa, talvez um pouco maior. A pedra flutuava no espaço e eu também.

Vi pedras semelhantes nas costas do golfo de Bengala. São blocos de granito marrom escuro, nos quais às vezes se escavavam templos. Minha pedra era também um desses escuros e gigantescos blocos. Uma entrada dava acesso a um pequeno vestíbulo; à direita, sobre um banco de pedra estava sentado na posição de lótus, completamente distendido e repousado, um hindu de pele bronzeada vestido de branco. Esperava-me sem dizer uma palavra. Dois degraus conduziam a esse vestíbulo: no interior, à esquerda, abria-se o portal do templo. Vários nichos cheios de óleo de coco em que ardiam mechas cercavam a porta de unia coroa de pequenas chamas claras. Isso eu realmente vira em Kandy na ilha do Ceilão, quando visitava o templo do Dente Sagrado; inúmeras fileiras de lâmpadas a óleo cercavam a entrada dele.

Quando me aproximei dos degraus pelos quais se chegava ao rochedo, ocorreu-me algo estranho: tudo o que tinha sido até então se afastava de mim. Tudo o que eu acreditava, desejava ou pensava, toda a fantasmagoria da existência terrestre se desligava de mim ou me era arrancada – processo extremamente doloroso. Entretanto alguma coisa subsistia, porque me parecia então ter ao meu lado tudo o que vivera ou fizera, tudo o que se tinha desenrolado a minha volta. Poderia da mesma maneira dizer: estava perto de mim, e eu estava lá; tudo isso, de certa forma, me compunha.

Tive ainda uma outra preocupação: enquanto me aproximava do templo, estava certo de chegar a um lugar iluminado e de aí encontrar o grupo de seres humanos aos quais na realidade pertencço.

Então finalmente compreenderia – isso também era para mim uma certeza – em que relação histórica me alinhava, eu ou minha vida.

... Enquanto pensava nessas coisas, um fato atraiu minha atenção: de baixo da Europa, ergueu-se uma imagem: era meu médico, ou melhor sua imagem, circundada por uma corrente de ouro ou por uma coroa de louros dourada. Pensei imediatamente: “Ora veja! é o médico que me assistiu! Mas agora aparece em sua forma primeira, como um *Basileus de Cos*<sup>1</sup>. Durante sua vida fora um avatar desse *Basileus*, a encarnação temporal da forma primeira, que existe desde sempre. Ei-lo agora em sua forma original”.

Sem dúvida eu também estava na minha forma primeira. Não cheguei a percebê-lo, somente imagino que deva ter sido assim. Quando ele chegou diante de mim, pairando como uma imagem nascida das profundezas, produziu-se entre nós uma silenciosa transmissão de pensamentos. Realmente meu médico fora delegado pela Terra para trazer-me uma mensagem: protestavam contra a minha partida. Não tinha o direito de deixar a lena e devia retomar. No momento em que percebi essa mensagem a visão desapareceu.

Decepionei-me profundamente; tudo parecia ter sido em vão. O doloroso processo de “desfolhamento” tinha sido inútil: não me fora permitido entrar no templo, nem encontrar os homens entre os quais tinha o meu lugar.

Na realidade passaram-se ainda três semanas antes que me decidisse a viver; não podia alimentar-me, tinha aversão pelos alimentos. O espetáculo da cidade e das montanhas que via do meu leito de enfermo parecia uma cortina pintada com furos negros ou uma folha de jornal rasgada com fotografias que nada me diziam. Decepcionado, pensava: “Agora é preciso voltar ‘para dentro das caixinhas!’”. Parecia, com efeito, que atrás do horizonte cósmico haviam construído artificialmente um mundo de três dimensões no qual cada ser humano ocupava uma caixinha. E de agora em diante deveria de novo convencer-me que viver nesse mundo tinha algum valor! A vida e o mundo inteiro se me afiguravam uma prisão e era imensamente irritante pensar que encontraria tudo na mesma ordem. Apenas experimentara a alegria de estar despojado de tudo e eis que de novo me sentia – como todos os outros homens – preso por fios dentro de uma caixinha. Quando estava no espaço não tinha peso e nada podia me atrair. E agora, tudo terminado! Sentia resistência contra meu médico porque ele me reconduzira à vida. Por outro lado, inquietava-me por ele: “Por Deus, ele está ameaçado! Não me apareceu sob a forma primeira? Quando alguém chega a essa forma é que está para morrer e desde então pertence à sociedade de ‘seus verdadeiros semelhantes’”. Repentinamente tive o terrível pensamento de que ele deveria morrer – no meu lugar! Procurei fazê-lo entender da melhor maneira, mas não me compreendeu. Então me aborreci. “Por que finge ignorar que é um *Basileus de Cos* e que já reencontrou a sua forma primeira? Quer me fazer acreditar que não sabe?” Isso me irritava. Minha mulher reprovou a falta de amabilidade que eu demonstrava em relação a ele. Ela tinha razão, mas ele me contrariava, recusando-se a falar de tudo o que vivêramos em minha visão. “Deus meu, é preciso que ele preste atenção! Não pode ficar tão despreocupado assim. Gostaria de falar-lhe a fim de que tomasse cuidado consigo.” Era minha firme convicção de que ele estava em perigo porque eu o vira em sua forma original.

1. *Basileus-Rei Cos* era um lugar famoso na Antiguidade, por causa do templo de Esculápio. Lá nasceu Hipócrates (séc V a.C).

E, com efeito, fui seu último paciente. Em 4 de abril de 1944 – sei ainda exatamente a data – fui autorizado pela primeira vez a sentar-me à beira da cama e nesse mesmo dia ele se deitou para não mais levantar. Soube que tivera um acesso de febre. Pouco depois morreu de septicemia. Era um bom médico; tinha algo de gênio, senão não teria aparecido sob os traços do príncipe de Cos.

CG. Jung *Memórias, Sonhos, Reflexões*,  
Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1983, pp. 253-256.

SRA. D.K.

Eu estava num jardim num dia de primavera; o ar parecia tremer de forma estranha, como se a seqüência do tempo comum se tivesse expandido numa dimensão, e tomei consciência de que alguma coisa desfavorável ia acontecer, se não naquele dia, muito em breve. Querendo preparar-me de algum modo para isto, dupliquei meu costumeiro tempo de sentar para meditar e estudei os livros budistas até tarde da noite.

Poucas noites mais tarde, depois de reler com cuidado o *Livro Tibetano dos Mortos* e de tomar meu banho, sentei-me diante de uma pintura de Buda e escutei tranquilamente, à luz da vela, o movimento lento do Quarteto em Lá menor de Beethoven – uma expressão profunda de auto-renúncia do homem – e depois fui para cama. Na manhã seguinte, logo depois da refeição, de repente senti como se estivesse sendo atingida por um raio de luz e comecei a tremer. Subitamente todo o trauma do meu difícil nascimento ocorreu à minha mente. Como uma chave, abriu quartos escuros de ressentimentos secretos e medos desconhecidos, que fluíram de mim como venenos. Lágrimas correram e me enfraqueceram de tal forma que tive de deitar-me. Apesar disto, uma profunda alegria lá estava. ... Devagar meu foco mudou:

*Eu estou morta!* Não há nada para me chamar de *eu!* Nunca houve *eu!* E uma alegoria, uma imagem mental, um padrão pelo qual nada foi jamais modelado!” Fiquei tonta de felicidade. Objetos sólidos apareciam como sombras, e tudo que meus olhos encontravam tinham uma beleza radiante.

Estas palavras só podem referir-se ao que me foi vividamente revelado nos dias que se seguiram:

1. O mundo como é apreendido pelos sentidos é ... o menos importante numa vasta “geometria da existência”.
2. As palavras são embaraçosas e primitivas ... quando procuram sugerir a verdadeira obra multidimensional de um vasto ... complexo de forças.
3. Não há realmente nada para conhecer, nada que possa ser conhecido.
4. O mundo físico é uma infinitude de movimento, de tempo experiência. Mas ... simultaneamente ... de silêncio e de vazio.

5. Não há nada para se fazer: simplesmente ser, é o ato mais imensamente total.
6. Olhando para os rostos, vejo alguma coisa da longa cadeia de sua existência passada e, às vezes, algo do futuro.
7. Cada uma e toda coisa tem sua própria música; ... Entretanto, debaixo desta variedade, elas se confundem numa inexprimível e vasta unidade.
8. Sinto um amor que não tendo objeto, pode-se chamar melhor de afetuosidade. Mas minhas antigas reações emocionais interferem ainda grosseiramente nas manifestações dessa afetuosidade sumamente gentil e desembaraçada.
9. Sinto uma consciência que não é eu mesma nem deixa de ser eu mesma, e que me está protegendo ou levando em direções que colaboram para meu próprio crescimento e maturidade.

Philip Kapleau, *Os Três Pilares do Zen*,  
Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1978, pp. 279-281.

## KRISHNAMURTI

Surgindo por detrás das colinas, a lua rodeada por uma nuvem serpentina transformou-se em uma forma fantástica. Ela projetava uma claridade luminosa sobre as colinas, a terra e as pastagens verdejantes, desaparecendo imediatamente por entre espessas nuvens escuras que anunciavam chuva.

Durante o passeio, a meditação surgia em plena conversação e no meio da beleza noturna. De uma profundidade incrível, ela circulava interior e exteriormente; ela explodia em expansão.

Estávamos conscientes; aquilo chegava; não se pode dizer que estávamos *fazendo* a experiência, pois toda experiência é limitada; aquilo simplesmente surgia. Não havia nenhuma participação nisso; o pensamento não podia aí tomar parte, pois o pensamento é tão fútil e mecânico que a emoção não podia estar a isso associada; era verdadeiramente muito vivo e ao mesmo tempo perturbador para os dois. Aquilo surgiu de uma profundidade de tal modo desconhecida que não havia nenhum meio de medi-la. Mas havia um grande silêncio. Era absolutamente surpreendente e completamente incomum.

As folhas brilhavam intensamente sob a ação da lua que, em seu movimento em direção do oeste, inundava de luz o quarto. Até mesmo os latidos altos dos cães não perturbavam o silêncio absoluto da noite. Ao acordar, aquilo se encontrava lá, de uma maneira clara e precisa, e era o despertar que se revelava necessário e não o sono; estava bem decidido que era preciso estar consciente do que se passava, atento com plena consciência de todos os acontecimentos. Adormecido, poder-se-ia confundir tudo aquilo com *um* sonho, uma ilusão do inconsciente, um ardil do cérebro; mas completamente desperto, essa alteração estranha e desconhecida era uma realidade palpável, um fato e não uma ilusão ou um sonho. Aquilo tinha a qualidade, se é que podemos nos exprimir assim, de imponderabilidade e de força impenetrável.

E no repentino despertar, aquilo lá estava. E juntamente com aquilo surgiu um êxtase inesperado, uma alegria irracional; não havia nenhuma causa para isso, pois isso jamais fora objeto de uma pesquisa ou de uma busca. Aquele êxtase estava presente no novo despertar à hora habitual; ele estava lá e continuou durante um tempo bastante longo.

*Krishnamurti's Notebook*, Victor Gollanez, Londres, 1976

(Embora seja originário da Índia, o caráter universal de seu ensinamento não permite classificá-lo em nenhuma das tradições espirituais, o que explica o porquê de o situarmos entre os ocidentais contemporâneos.)

## GENEVIEVE LAFRANCHI

(Excertos de seu jornal íntimo)

25 de outubro de 1951

Energia diamantina, clara, tão preciosa. Espaço substancial. Alguns movimentos mais opacos. Porém, este vazio em mim chama, parece-me, as idéias e os seres que me rodeiam, eles se tornam transparentes para mim e encontram sua consistência exata.

27 de outubro de 1951

Absoluto da energia. A mais alta vibração do amor: no ponto em que o calor se faz luz. A mais alta claridade da inteligência: o lugar de toda relação.

Esta gota de eterno: mantê-la, preciosa, entre seus dedos. Atravessar com ela os momentos. Ela lhes dará luz, transparência, beleza.

21 de outubro de 1968

O estalo foi esta ligação: de um relance, *viver a experiência de vacuidade em uma estrutura abrangente, Então, a vacuidade é onipresente.*

No nível da vivência cotidiana, o que há para ser dito exatamente? Integrar a vacuidade de forma a abranger o todo é senti-la e viver tão intensamente como se o espaço fosse um cristal imenso no qual o sol, a catedral na bruma ensolarada, as paredes do aposento, a pessoa que datilografa, fossem vênulas nesse cristal.

Sem dúvida tal impressão tem sido freqüentemente vivenciada a partir de 1950; mas, desta vez, ela seria como uma renovação, constituindo-se na estrutura permanente da vida psicológica.

Uma conseqüência imediata: o “eu deixa de ter a importância que teve de 1963 a 1968. A linguagem utilizada, de preferência, será então a linguagem impessoal.

O sentimento dominante: aquele da alegria viva e completa – e ampla; e

aquele de liberdade, de liberdade como sendo definitiva. Anteriormente (em 1950-1951, sobretudo), é “o fundo do balde *que* está furado”, quer dizer: o fundo de mim. Desta vez, é a totalidade de todos os objetos, é cada um tomado individualmente que parece ter “furado”, ou antes, “estourado”, em toda a superfície de todas as suas faces, em toda a espessura de seu volume. A Vacuidade É; esta alta qualidade de consciência É, absolutamente em toda parte, ao redor, em cada objeto ou pensamento. Ela é a substância inalterável de tudo. Impossível escapar a ela, impossível perdê-la!

Geneviève Lafranchi, “Vivre em Vacuité”, in *Le Vide*,  
Hermès, Éd. Deux Océans, Paris, 1981.

## LAMARTINE

Li, reli, tomaria a ler... Lancei gritos, fechei os olhos, prostrei-me de admiração em meu silêncio. Experimentei um desses instintos de ato exterior que o homem sincero consigo mesmo raramente experimenta quando está só, e quando nada de teatral se mescla ctnidida simplicidade de suas impressões. Senti como se uma mão pesada me houvesse atirado para fora de minha cama pela força de um impulso físico. Desci da cama sobressaltado, com os pés descalças, o livro na mão, os joelhos trêmulos; senti a necessidade irrefletida de ler essa página na atitude da adoração e da prece, como se o livro tivesse sido muito santo e muito belo para ser lido de pé, sentado ou deitado; ajoelhei-me diante da janela ao nascer do sol, de onde fulgurava menos esplendor do que da página. Eu não chorava, pois minhas lágrimas são raras tanto no entusiasmo quanto na dor, mas agradecia a Deus em voz alta, exaltando-me, por pertencer a uma classe de criatura capaz de conceber noções tão claras de sua divindade e exprimi-las com uma tão divina expressão.

Alphonse de Lamartine, *Opinions sur Dieu, le bonheur, et  
L'éternité, d'après les livres sacrés de l'Inde*, Sand, Paris, 1984.

## SAMUEL LAMBERT

Samuel Lambert calou-se. Muito emocionado, eu apertava sua mão na minha. No silêncio que se fez entre nós, havia para mim, no contato desta consciência desperta, uma lição cujas luzes eu recolhia piedosamente.

Foi naquele momento que meu hóspede fixou sobre mim seus olhos claros e doces. Digo: naquele momento, porque ele é inesquecível para mim.

Mas como traduzir em palavras o que é inexprimível?

Em seu olhar eu *vi* repentinamente brilhar a outra alma, a que nossos místicos denominam “a alma do sabá”, privilégio dos verdadeiros fiéis que fazem suas delícias do dia do Senhor. Foi uma irradiação, uma paz, um regozijo de

natureza superior, alguma coisa de indefinível, ou antes de divino, pois esta última palavra diz tudo. Mas vi ainda outra coisa. Posso dizer “vi”, embora não tenha distinguido nenhuma forma ou imagem, não, nada que fosse evidente. E no entanto a percepção que tive foi tão nítida que nenhuma outra forma de me expressar dada uma idéia tão exata do que se passou então comigo. Vi, pois, uma presença. Se estava ao lado de Samuel Lambert ou sobre sua cabeça, não o saberia dizer, mas a presença estava lá e era dela que emanava, tive dela imediatamente a sensação muito nítida, a “alma do sabá” cujo reflexo puro brilhava nos olhos de meu hóspede.

No mesmo instante, percebi um outro fato igualmente real: que havia um vínculo entre a “alma do sabá” em Samuel Lambert e a presença invisível; disso resultava uma espécie de troca misteriosa que não estava fundada simplesmente em uma relação de subordinação, mas sobre uma verdadeira união, que admitia no homem um constante elã em direção ao seu Deus e, em Deus, uma vontade de se comunicar com o homem, na medida em que sua materialidade pode ser permeável ao divino.

Ah! como gostaria de fazê-los compreender de uma maneira mais inteligível tudo o que me foi dado perceber durante alguns instantes. Experimentei tamanho sobressalto que, cedendo a um impulso irresistível, levantei-me com as mãos estendidas e dei um passo adiante, sem um intuito determinado, na direção de Samuel Lambert. Ele tomou meu gesto como a expressão de um desejo de pôr fim à conversa. Levantou-se também e, passando seu braço ao redor do meu, disse-me: “Você gostaria, Jacques, que antes de nos retirarmos para repousar, ainda déssemos juntos uma última volta no jardim?”

in Aimé Pallière, *Le Voile soulevé*, Éd. La Bourdonnais, Paris, 1936.

## CINCO RELATOS COLHIDOS POR TIMOTHY LEARY

(a) Muitas vezes eu entrava e saía de um estado de relaxamento, deixando-me levar por um fluxo poderoso, acima, ao redor e através de meu corpo (mais que em meu corpo).

Todos os objetos fluíam e dissolviam-se sob a cálida luz branca, ou eletricidade, que ondulava no ar. Era como se nós contemplássemos o mundo, recém-criado, esfriando-se, com sua substância e sua forma ainda derretidas e apenas começando a endurecer.

(b) O corpo se anulava após ter sido muito pesado para carregar. O espírito divagava, errava através de uma luz extática, uma paisagem indescritível. Como pode haver tanta luz, ondas e ondas de luz, luz sobre luz? Tudo é iluminação.

(c) Eu me tornava cada vez mais consciente de que havia vibrações – vibrações em meu corpo, cada corda da harpa emitia sua própria sonoridade. Sentia que eu compunha progressivamente um corpo com a vibração cósmica. ... Neste nível não havia mais nem formas, nem divindades, nem personalidades – somente a felicidade.

(d) A impressão dominante era a de que eu entrava no âmago substancial da existência.... Era como se cada um dos milhares de átomos da experiência, que, em circunstâncias normais, se reduzem e se resumem em impressões grosseiras e cegas, fosse agora visto e saboreado por ele mesmo. A relatividade cósmica era uma outra sensação bastante clara. Talvez a experiência não se restrinja jamais a uma única visão de conjunto. Talvez tudo isto nada mais seja do que a soma eterna de um número infinito de pontos de vista particulares, cada um considerando o todo de acordo com sua própria perspectiva.

(e) Eu podia ver toda a história da evolução que conduz ao homem. Fui projetado no futuro e vi o velho ciclo da paz e da guerra, dos tempos felizes e infelizes, que iria se renovar e pensei: “Sempre a mesma velha história”. Oh, meu Deus! Isso mudou e está diferente! E eu evocava a passagem do homem do estado animal para o estado espiritual. Mas eu continuava projetado no futuro e vi o planeta inteiro destruído e toda a história, a evolução e os esforços do homem varridos por esse último gesto destruidor de Deus.

in Timothy Leary, *Politique de l'Extase*, Fayard, Paris, 1973.

## JOHN LILLY

... A lancinante dor de cabeça, a náusea e os vômitos forçaram-me a abandonar meu corpo. Tomei-me um centro focal de consciência, viajei para outros espaços e encontrei outros seres, entidades ou consciências.

... Vou tentar traduzir em palavras o que aconteceu:

Estou num amplo espaço vazio sem nada em nenhuma direção, exceto luz. Há uma luz dourada que permeia todo o espaço, em toda parte e em todas as direções, para além do infinito. Sou um só ponto de consciência, de sentimento, de conhecimento. Sei que sou. Isso é tudo. O espaço onde estou é pleno de paz, assombro e inspira reverência. Não tenho corpo. Não necessito de um corpo. Não há corpo. Sou apenas eu. Pleno de amor, calidez e resplendor

Subitamente, à distância, aparecem dois pontos semelhantes de consciência, fontes de radiância, amor, calor Sinto sua presença, vejo sua presença, sem olhos, sem corpo. Sei que estão lá, então estão lá. À medida que se movem em minha direção, sinto os cada vez mais interpenetrando meu próprio ser Eles transmitem pensamentos confortantes, reverentes, assombrosos. Percebo que se trata de seres bem maiores que eu. Eles começam a me ensinar. Dizem-me que posso ficar neste lugar, que deixei meu corpo, mas que posso voltar a ele se assim o desejar. Então, mostram-me o que aconteceria se deixasse meu corpo para trás – um caminho alternativo que posso decidir tomar Mostram-me também aonde posso ir se permanecer neste lugar. Dizem-me que não é hora de abandonar meu corpo de modo definitivo, que ainda tenho uma opção de voltar a ele Estou absolutamente seguro de que eles existem. Não tenho dúvida alguma.

... À medida que se aproximam de mim, encontro cada vez menos de mim mesmo e cada vez mais deles em meu ser. Eles se detêm a uma distância crítica. ... Se chegassem mais perto, me dominariam e eu perderia a mim mesmo como uma

entidade cognitiva, fundindo-me com eles. Eles acrescentam que eu os separei em dois ... mas que em realidade são um no espaço onde eu próprio me encontro. Dizem que insisto em continuar a ser um indivíduo, impingindo assim uma projeção sobre eles, como se fossem dois. Comunicam-me em seguida que se eu retomar a meu corpo ..., eventualmente perceberei a unidade deles, a minha e a de muitos outros.

Eles dizem que são meus guardiões.... Estou em condições de percebê-los quando estou perto da morte do corpo. Neste estado, não há tempo. Há uma percepção imediata do passado, do presente e do futuro, como se estivessem no momento presente.

John Lilly, *The Center, of the Cyclone*,  
Julian Press, Nova York, 1974, pp. 25-27.

## J. S. – MÉDICO

Estava assentado em minha cama, quando, subitamente, vi-me no meio dos trilhos de um trem e, à medida que percorria esses trilhos, via a cidade à direita.

De repente, meu pé direito sai do trilho e bate no solo e olho meu pé para ver o que se passava; quando olho minha perna direita, atraído por não sei o que, encontro-me, subitamente, diante de uma cena dantesca: uma floresta extraordinária, na qual os sentidos do homem não tinham mais razão de ser – a lógica se tornava ilógica. Assim, sem que fosse necessário olhar, via tudo o que estava em tomo de mim desmoronar e se fechar; via as folhas no chão; sentia as ceder, mas não havia nenhum som; sentia os galhos das árvores, infinitamente elevados, balançando ao vento; pressentia-os mas não os sentia; a copa das árvores se confundia com o horizonte; o silêncio era absoluto.

A uma certa distância, vi, a milhares de quilômetros, um homem e uma mulher, assentados, de costas para mim; tive o pressentimento de que me viam, assim como pressentia que estava lá para ser apresentado a alguém. De súbito, vi-me nos trilhos; eram duas dimensões diferentes; uma caracterizada pela cidade; a outra dimensão caracterizada por esta visão e, agora, reunida na minha visão como se fosse uma só realidade.

Senti-me assentado, de novo, na cama, vestido, como se nada tivesse se passado. Eram três horas da tarde. A experiência durou apenas alguns segundos; mas tenho a impressão de que vários séculos se passaram.

Durante todo o dia, senti uma paz indescritível e um amor infinito por todas as coisas e pessoas. Esta é a descrição de minha primeira experiência.

Nunca falei disso a ninguém porque, na minha lógica pessoal, não encontrei nenhuma explicação para essa experiência de cuja certeza não tenho nenhuma dúvida – tratava-se de algo superior à vida de todos os dias; tinha medo que pensassem que era fruto de uma imaginação muito fértil.

A partir dessa experiência, comecei a diagnosticar as doenças à distância, a ter intuições quanto a medicamentos que minha formação médica não podia aceitar

e que salvaram várias vidas; previ, contra toda lógica, várias mortes que não pude evitar apesar da intervenção de colegas. Não são acontecimentos quotidianos; mas quando acontecem nunca erram.

In Pierre Weil, *A Consciência Cósmica*, Editora Vozes, Petrópolis, 1990, p. 22, e *L'Homme sans frontières*, Éd. de l'Espace Bleu, Paris, 1987.

## SATPREM

... Eu era um fogo que abrasa. Era como o amor. Era puro como o fogo, sem nada além do fogo. Um amor fogo. E aquilo aumentava cada vez mais. Era como a alegria que incendeia. Era intenso como a alegria. Um amor-alegria.

... não havia mais vida, não havia mais morte, não havia mais nada, apenas um fogo laranja. E então desceu: uma catarata de Poder quente. Aquilo tomava tudo, preenchia tudo, imobilizava tudo. Eu estava lá dentro como o fogo no fogo, como a torrente na torrente, a alegria na alegria, sem mim, sem ti, sem diferença, sem outro lugar, sem aqui, sem lá, sem longe nem perto, nem dentro, nem fora. Não havia nada além *daquilo*.

Uma catarata imóvel de Poder quente e dourado. E acima desta catarata, ou atrás, alguma coisa, como uma luz branca, branca, resplandecente, cintilante, plena de uma alegria absoluta, triunfante, oh! que tocava tudo aquilo com um amor tão jubiloso, tão translúcido, vivo, uma imensidão de contentamento luminoso, uma cintilação de contentamento, e tranqüila, tranqüila, inabalável: uma rocha de eternidade. E não havia mais morte em seu interior...

Havia uma alegria indizível, uma alegria que ama, um amor alegria radioso que trespassava tudo, que mudava tudo, mudava a visao – oh! é para isso, é para isso que se vive! Uma plenitude total. Uma flor de fogo muito vermelho que absorvia-se em seu próprio fogo como em um delírio de encontro absoluto.

Como se a morte fosse somente uma invenção de nossos sentidos; o sofrimento, uma invenção de nossos sentidos; a duração fixa do mundo, uma invenção de nossos sentidos, e ontem e antes de ontem e todos os passados do mundo fossem as separações do mundo: havia apenas *este* presente, eternamente presente ... uma torrente de alegria que cria, que recria tudo a cada segundo ... uma explosão de todas as fronteiras ... Era o Poder ... Onde estão o amanhã, o ontem, a noite, o dia? Existe apenas isto, em toda parte, e que ama tudo para-sempre, e que é tudo ... Tudo está lá e eu tenho tudo para-sempre – queima meu amor, queima, um milhão de vezes eu te amo, em tudo o que é, em tudo o que vive; tu te fundes em mim, eu me fundo em ti...

Satprem, *Par le corps de la terre ou La Sannyasin*,

R. Laffont, Auroville, 1973.

## JACQUES MARITAIN

*Como é possível que eu tenha nascido?...*

Quando um homem está assim empenhado em um ato de pensar puramente intelectual (na medida em que isso é possível ao animal racional) acontece que a intuição da qual se trata não se produz; como é possível que o que está pensando, um ato de inteligência, o que está imerso no fogo do conhecer e a apreensão intelectual do que é, um dia tenha existido para nada, um dia não tenha existido? Aqui onde eu estou agora em ato de inteligência e de consciência de meu pensamento, um dia não houve *nada*? É impossível, não é possível que num certo momento o que pensa agora não tenha existido absolutamente, tenha sido um pouco nada. Como isto poderia ter nascido para a existência? Não estou aqui diante de uma contradição lógica, estou diante de uma contradição vivenciada, de uma incompatibilidade de fato (conhecida *in actus, exercite*): como se eu me encontrasse em uma sala sem ter saído dela em nenhum instante, e me dissessem que acabo de entrar nela – sei que o que me dizem é impossível. Assim eu, que estou agora no ato de pensar, sempre existi; esta visão se impôs a mim e não me parece bizarra a não ser quando me afasto dela para considerá-la de fora. Mas sei bem que nasci. ... E esta certeza de ter nascido, comum a todos os homens, que reprime em nós a eclosão – quando se ativa em nós a espiritualidade natural da inteligência – da outra certeza, a da impossibilidade de que nossa existência como espíritos pensantes tenha começado ou sucedido ao nada dela mesma, e que impede aquela outra certeza de chegar à consciência. Eis-me preso entre duas certezas contrárias. Não há senão uma saída: eu existi sempre, eu que penso, mas não em mim mesmo. Onde, então? É necessário que seja num ser de personalidade transcendente ... e que em seu próprio si infinito era, antes que eu fosse, e é agora que eu sou, mais que eu mesmo, e que é eterno, e do qual o meu eu que pensa agora um dia originou-se, surgindo na existência temporal. Eu tinha (mas sem poder dizer eu) uma existência eterna em Deus antes de receber uma existência temporal em minha própria natureza e minha própria personalidade.

Jacques Maritain, *Approches de Dieu*, Alsatie, Paris, 1953,  
in *Doctrine de la non-dualité et christianisme*, Dervy Livres, Paris, 1982.

## A MÃE<sup>1</sup> (DE AUROVILLE)

Mas a outra experiência, precedente, e que agora é contínua (ela não me abandonou, o que é muito raro: habitualmente, as experiências vêm, afirmam-se, impõem-se e depois desaparecem para serem substituídas por uma outra; mas, neste caso, ela não partiu, ela continua) e é uma experiência de ordem mais geral...

1. Deu-se esse nome à companheira espiritual de Sri Aurobindo.

O amor humano, isso que os homens chamam “amor”, mesmo quando possível, mesmo que o tomemos em sua essência mais pura, é algo que vale para um mas não para outro: amamos *peessoas* (amamos mesmo às vezes somente qualidades nas pessoas); amamos *peessoas*, e isto quer dizer que é parcial e limitado. E mesmo entre aqueles que são incapazes de odiar, há todo um número de pessoas e coisas que lhes são indiferentes: não há amor (para a maioria das pessoas). O amor é limitado, parcial e detenninado. Mais do que isso, ele é instável: o homem não é capaz (quero dizer o ser humano), não é capaz de sentir o amor de forma contínua e sempre com a mesma intensidade – algumas vezes, por momentos, ele se torna muito intenso, muito poderoso, e há momentos em que se atenua; às vezes ele fica inteiramente adormecido. E isto, nas melhores condições – não falo de todas as degradações, falo do sentimento que os homens chamam de “amor” e que é o sentimento mais próximo do amor verdadeiro – é assim: parcial, limitado, instável e flutuante.

Depois, imediatamente, sem transição, fui como que mergulhada no banho do Amor do Supremo ... com a sensação de alguma coisa que é sem limite; quer dizer, quando se tem a percepção do espaço, que está em toda parte (está além da percepção do espaço, mas dentro da percepção do espaço, está em toda parte). E é uma espécie de massa vibratória homogênea, IMÓVEL, e entretanto com uma intensidade de vibração sem igual, que pode-se traduzir por uma luz quente, dourada (mas não é isto, é muito mais maravilhoso que isto!). E, então, está em toda parte ao mesmo tempo, em toda parte idêntica a si mesma, sem alternâncias de alto e baixo, sem mudança, numa intensidade de sensação que é invariável. E esta “alguma coisa” que é própria à natureza divina (que é muito difícil de exprimir em palavras) é ao mesmo tempo imobilidade absoluta e intensidade vibratória absoluta. E Isto... Isto ama. Não há “Senhor” e não há “coisas”; não há sujeito, não há objeto. E Isto ama. E como dizer o que é Isto?... E impossível. E isto ama em toda parte e tudo, o tempo todo, ao mesmo tempo.

E todas as histórias que todos os supostos santos e sábios contaram, que o Amor de Deus “vai e vem”, Oh! são de uma enorme estupidez! – Isto está aqui, eternamente; Isto sempre esteve aqui, eternamente; Isto sempre estará aqui, eternamente, sempre semelhante a si mesmo e no máximo de sua possibilidade.

Isto não partiu, e não poderá mais partir agora.

Então uma vez vivenciado Isto ... tornamo-nos irrevogavelmente conscientes de que tudo depende da percepção individual, inteiramente; e esta percepção individual (do Amor divino) depende, naturalmente, da insuficiência, da inércia, da incompreensão, da incapacidade, do fato de que as células não podem conter nem

conservar a Vibração, enfim, de tudo aquilo a que o homem chama seu “caráter” e que provém de sua evolução animal.

(silêncio)

Diz-se que o Amor divino não se manifesta porque, no atual estado de imperfeição do mundo, resultaria em quase uma catástrofe

– esta é uma visão humana. O Amor divino se manifesta, tem se manifestado eternamente, manifestar-se á eternamente, e é a incapacidade do mundo material ... e não apenas do mundo material, mas do mundo vital e do mundo mental, e de muitos outros mundos que não estão prontos, eles não são capazes – mas Ele, Ele está aqui, Ele está aqui, aqui! Ele está em permanência: é A Permanência. Esta Permanência que o Buda buscou, ela está aqui. Ele afirmou tê-la encontrado no Nirvana – ela está aqui mesmo, no Amor.

(silêncio)

Depois que esta experiência aconteceu, não há mais, na consciência, aquela espécie de cuidado que tive durante anos de não concentrar demasiada Força ou Poder, ou Luz, ou Amor, sobre os seres e as coisas com medo de alterar seu crescimento natural – isso parece uma infantilidade! Está aqui, está aqui, está aqui – está aqui. E são as coisas por si próprias que estão na impossibilidade de sentir mais do que podem suportar.

(silêncio)

Desde que eu tenha um minuto para meditar, quero dizer, quando não estou cercada por todos os lados pelas pessoas, pelas coisas, pelos acontecimentos; desde que eu possa simplesmente fazer assim (*gesto de entrada no interior*) e olhar, pois bem, vejo que as células, elas próprias, começam a captar a Vibração.

É evidentemente o agente da criação.

E aquela espécie de “chuva de Luz de Verdade” que aconteceu há alguns meses, eu disse que aquilo anunciava alguma coisa – evidentemente, aquilo preparou, começou esta espécie de infusão de uma Harmonia superior nas vibrações materiais. Aquilo preparou não uma “nova descida”, mas a possibilidade de uma percepção nova, uma percepção que permite uma ação exterior e física.

(silêncio)

Seria necessário empregar uma outra palavra; o que os homens chamam de “amor” é tantas coisas diferentes, com mesclas tão diferentes e vibrações tão diferentes, que não se pode chamar a isso de amor, não se pode dar a isso um único nome. Então é melhor dizer simplesmente: “Não, não é o Amor”. E guardar a palavra para a Verdadeira Coisa ... A palavra amor, em francês, tem um certo poder evocador pois, quando a pronuncio, ela estabelece o contato; é por isto que prefiro guardá-la.

Eu disse e escrevi em algum lugar: “O amor não é o relacionamento sexual.

O amor não são os apegos. ... O amor não é, e concluí dizendo: “O amor é uma vibração todo poderosa emanada diretamente do Um. Era uma primeira percepção d’Aquilo.

Mas esta é uma descoberta formidável, no sentido de que uma vez reconhecida, apesar de tudo, ela não nos deixa mais. Podemos ter nossa atenção voltada para outra coisa quando estamos trabalhando, como por exemplo naquela noite em que tive uma atividade bem simbólica: durante uma hora, passei por todos os aposentos do Ashram, querendo encontrar uma poltrona em algum canto onde pudesse-me sentar e fazer um determinado trabalho interior – e era impossível! Eu ia de um aposento a outro e em cada um havia um grupo de pessoas, uma ou duas pessoas, ou vários grupos de muitas pessoas, cada uma com uma descoberta “maravilhosa”, uma invenção “maravilhosa”, um projeto “maravilhoso” – cada um tinha trazido o que havia de maravilhoso! e cada um queria me mostrar e demonstrar seu caso. E então eu olhava e olhava (pessoas que eu conheço; esta deve ser a expressão do que eles pensam de melhor: verdadeiramente era pleno de uma grande boa vontade: a *Mãe ri*), mas havia gente e mais gente! Então, eu olhava, dizia uma palavra, depois avançava alguns passos com a idéia de encontrar o canto solitário e a poltrona onde eu pudesse fazer meu trabalho; e ia de aposento em aposento, de aposento em aposento... Isto durou uma hora. Uma hora de vida invisível, é um tempo extremamente longo. Despertei, quero dizer, saí daquele estado ... sem ter conseguido encontrar uma poltrona! Despertei no momento em que disse a mim mesma: “Não vale a pena procurar (havia cantos com poltronas, mas havia tanta gente que era impossível chegar a eles), não vale a pena tentar, em toda parte será igual, é inútil, vou entrar no interior de mim mesma”, e uma vez que decidi entrar dentro de mim mesma, ficou resolvido.

1. Ver *Agenda* de 29 de janeiro de 1964 e de 4 de março de 1964.

2. Ver *Agenda IV* de 25 de setembro de 1963, p. 335.

Evidentemente, naquelas atividades, não fiz nenhum apelo ao Amor divino para ter a solução do problema – e não é permitido fazê-lo. Agora compreendo que foi isto que ficou traduzido no pensamento das pessoas pela idéia de que o Amor divino não pode-se manifestar inteiramente, senão haveria catástrofes, – não é absolutamente isto, não é absolutamente desta forma. Mas é evidente que em minha consciência, a relação (*suprema*) estabeleceu-se (em certa medida com limitações, mas enfim estabeleceu-se), e não acontece nada – nada, absolutamente nada, mesmo as coisas mais completamente insignificantes – sem que, não posso sequer dizer o “pensamento” ou a “sensação” (diz-se *awareness* em inglês, mas é muito menos que isto), o sentimento (é ainda uma palavra impossível), o sentimento da Presença do Senhor, a Presença suprema esteja lá vinte e quatro horas por dia. Durante toda esta atividade da noite que acabo de contar, Ele estava lá, a Presença do Senhor estava lá todo o tempo, em cada segundo, dirigindo tudo, organizando tudo – MENOS ISTO. E Isto, que eu chamo de Amor, esta Manifestação, ela é tão formidavelmente poderosa que, eu já o disse uma vez, é intolerante a qualquer outra coisa – só Isto existe. ... Isto mesmo existe; Isto mesmo é – e ponto final. Enquanto que o Senhor (o “Senhor”, aquele a quem eu chamo Senhor) é todas as coisas; o Senhor é tudo o que está manifesto, tudo o que não está manifesto, tudo aquilo que é, tudo aquilo que será, e tudo tudo tudo é o Senhor – é o Senhor. E o Senhor

(*risonha*), ele é forçosamente tolerante Consigo mesmo! Tudo é o Senhor, mas tudo é percebido pelo Senhor através das limitações da percepção humana!<sup>1</sup>. Mas tudo está aí – tudo está aí; tudo, tal como é a cada segundo; e com a percepção do tempo cada segundo é diferente, em um perpétuo vir a ser. E isto é a Tolerância suprema: não há mais lutas, não há mais batalha, não há mais destruição – só existe Ele.

1. Na verdade, foi a Mãe, ela própria, que pensou isto : ver *Agenda IV* de 24 de agosto de 1963, p. 297.

Aqueles que tiveram esta experiência geralmente pararam por aí. E se tivessem querido sair do mundo, teriam escolhido “o aspecto de aniquilamento” do Senhor; eles teriam se refugiado ali e permaneceriam ali – todo o resto não existe mais. Mas o outro... o outro é o mundo de amanhã, ou de depois de amanhã. O outro é uma glória inexprimível. É uma glória tão todo-poderosa que apenas ela existe.

É UMA maneira de ser do Senhor.

(silêncio)

Essa experiência marca uma etapa.

E para voltar dela ao mundo ordinário, o resultado é a epidemia no Ashram<sup>2</sup>, são as pessoas que perdem o controle de si mesmas.

Mas eu NÃO POSSO ver as coisas como eles – isto não pode me parecer tão catastrófico! É como as pessoas que abandonam seus corpos, então elas derramam lágrimas – eu não posso! Eu não posso chegar a isso. É como quando se põe algo para cozinhar numa panela: isso ferve.

1. A Mãe repetiu: “É o Senhor que capta a Ele mesmo através das limitações humanas”.

2. Mais de trezentos casos de febre.

(silêncio)

Mas o notável é que você é a única pessoa a quem posso falar – não é que eu não tenha tentado (durante sua viagem à França), pois eu tinha a impressão de que se determinadas coisas se perdessem isso seria uma pena; eu tentei com Nolini e Pavitra: isto não acontece, exceto uma espécie de transcrição mental.

Quando o chamei de Satprem, era isto que eu queria dizer, que certamente você deve ter a capacidade de entrar em relação com Aquilo.

E aquilo é... Não sei se este mundo (não falo unicamente da terra, falo do universo atual), se este mundo será seguido de outros ou se ele próprio continuará, ou se... mas Aquilo, do que falo, e a que chamo Amor, é o Mestre deste mundo.

No dia em que a terra (porque nos foi prometido, e não são promessas vãs), no dia em que a terra manifestar Aquilo, será uma glória.

Eu tive pequenas percepções momentâneas do que isso poderia ser – foi belo. Foi magnífico.

E o mundo físico é feito para expressar a Beleza; se ele se tornasse harmonioso em lugar de ser essa coisa ignóbil que é, se ele se tornasse harmonioso teria uma qualidade vibratória excepcional!

... E bastante curioso: o mundo vital é magnífico, o mundo mental tem seus esplendores, o mundo supramental com todos os seus deuses (que são seres existentes, que conheço bem) é verdadeiramente muito belo; mas imagine, desde que tive aquele Contato, tudo isto parece oco – parece oco e ... falta o essencial em seu interior.

E esta coisa essencial está em princípio aqui, sobre a terra.

*L'Agenda de Mère, 1964,*

Institut de Recherches Evolutives, Paris, 1979.

## MILOSZ

... E esta é a experiência espiritual de 14 de dezembro de 1914, relatada na *Epístola a Storge* (composta em 1916):

... Então, uma imobilidade perfeita, absoluta, atingia o sol e as nuvens, causando-me a sensação inexprimível de uma plenitude suprema, de um apaziguamento definitivo, de uma suspensão completa de toda operação mental, de uma realização sobre humana do último ritmo, minha letra 17 fora acrescentada ao meu nome, eu gozava a paz, sim, Storge, Storge! eu gozava, eu! uma santa paz, não havia mais em minha cabeça traços de inquietude ou de dor, eu era sacerdote, segundo a ordem de Melquisedec.

Algum tempo depois deste “acesso ao lugar da Presença”, uma segunda iluminação permite a Milosz, conforme ele declara com uma humildade um tanto afetada, “visitar sua verdadeira pátria espiritual”.

... A noite caiu. Então um universo terrível, milhares e milhares de vezes mais vasto, mais povoado e mais cintilante que nosso céu sideral, iluminou-se acima de minha cabeça, e o movimento, visível a olho nu, destes cosmos atormentados fez-se acompanhar de um ruído odioso, criminal, inimigo de qualquer meditação, de qualquer recolhimento.

E o sentido secreto de todo esse movimento e de todo esse tumulto em: é preciso multiplicar e dividir o infinito pelo infinito durante uma eternidade de eternidades; dívida, dívida; pois mundos cairão no caos e você os substitui por outros; mas você estará sempre lá, sempre naquele mesmo lugar, e você multiplicará e dividirá.

Logo que abandonamos esta imagem da infinidade de espaços ordenados e a substituímos por aquela de um infinito único e, conseqüentemente, não situado em relação a um outro, a lei do movimento perde sua universalidade e o ilimitado-se revela ao nosso olhar em toda a aterrorizante majestade do “repouso absoluto”.

In Jacques Buge, *Milosz et la notion sainte du rien*,

Hermès, nº 2, Paris, 1981.

ANAGARIKA MUNINDRA

... Era o treinamento *vipassana* da tradição Theravada. Uma vez por dia, eu teria uma entrevista com meu instrutor para posteriores elucidações. Depois de dois meses e meio, tive uma experiência de meditação bastante profunda que transformou completamente minha vida, com uma confiança inabalável no *dharma*

... No início era me difícil continuar a prática, muito difícil. Eu não conseguia sentar [para meditar]. Lentamente, porém, comecei a aprender. Às vezes eu ficava sentado durante cinco, seis, sete horas, ou até mais; às vezes caminhava e sentava. Mais tarde, nos estágios avançados, parei de dormir. Eu não me sentia cansado, e minha mente estava muito equilibrada.

Primeiramente experimentei muito sofrimento e dor, porém mais tarde havia grande alegria e interesse. Nos estágios mais profundos não havia nem exaltação nem depressão, nem prazer nem dor, mas um estado de equanimidade. Naquele estado profundo, passei vários dias vivenciando claramente cada uma das características de impermanência, insatisfatoriedade e inexistência do eu. Nesse estado, não se pode fazer nenhum esforço. A pessoa se entrega completamente e tudo se torna natural e sem esforço. E uma consciência livre de escolha; a mente está totalmente desprendida de todas as condições. Isto é conhecido como o estado maduro de insight ou *vipassana*.

Em seguida há um estado mais avançado. E como uma morte, mas também como um renascimento. Certa noite eu estava em estado de repouso, relaxado e consciente com grande lucidez. Repentinamente, senti um fogo assustador e muito poderoso queimar todo o meu ser, da cabeça aos pés, com uma tremenda velocidade. Aquela foi minha primeira experiência aflitiva durante minha prática de meditação intuitiva. Logo surgiu uma luz, acompanhada de frescor e profunda percepção. De acordo com a tradição *vipassana*, isto é conhecido como o início da vida espiritual, ou a “entrada na corrente”.

Assim, depois de dois meses e meio, passei por essas experiências e desenvolveu-se em mim uma confiança profunda e inabalável no *dharma*, além de uma clareza da mente. Depois disso, continuei com minha prática durante alguns meses.

Anagarika Munindra, “The Path of Insight”,  
in *The Vajradhatu Sun*, Boulder, fevereiro-março de 1984.

## REMBRANDT

Seu rosto de ressuscitado... Seu olhar de Além... A luz desse rosto, desse olhar..

A luz!

Eis que meus lábios acabam de pronunciar as palavras carregadas de mistério. Uma emoção me invade, a mesma de todos os dias, quando mergulho na contemplação, no segredo da luz. É meu momento de oração. Todos os dias, de manhã e à noite, quando o um verso se ilumina, quando o universo se apaga, um delírio sagrado se apodera de mim. Meu corpo se imobiliza. Um deus penetra em meu âmago. Meus olhos se ampliam mais e mais. Eles se tornam um espelho de aumento, um filtro por onde vêm passar todos os raios de luz do ar. Meus olhos

absorveram esta luminosidade terrestre de tal maneira que dominam até os mínimos matizes. Primeiramente eles a decompõem em uma infinidade de cores, todas aquelas do arco íris. Cada uma dessas cores começa então a dançar, a vibrar, a reunir-se às outras, a tomá-las e a deixá-las. Tal como as trinta mil abelhas de um enxame que vai se formar.

Ao meu redor, há uma dança contínua e turbilhonante de raios coloridos. Cada um é composto de milhões de grãos de areia, onde alguns são de orno brilhante e outros, de ouro opaco, e eles giram prodigiosamente, em uma louca e feérica sarabanda. Eles se colocam sobre o chão, sobre minha mão, a parede, cada objeto. E o chão, a minha mão, a parede, o objeto, por sua vez, começam a fremir, a tremer, a vibrar. Eles também estão tomados de uma histeria luminosa. Eles também se decompõem em todas as cores, todos os matizes do sol. Minha mão não é mais feita de carne humana, imensuravelmente granulosa, mescla de um cinza descorado e um amarelo sujo. Ela se torna uma praia enrugada e rósea, onde brincam miríades de tons sobre os quais corre uma espécie de rio de ouro. Na sombra das árvores ou nos cantos mais escuros do aposento, a luz se insinua, conquista, explode. Sob sua pressão, porções de sombra se iluminam pouco a pouco como versos brilhantes se preparando para nascer. Depois, aos poucos, a sombra se enche de um calor vivo. Resta a sombra, mas sombra que respira e convida. Ela é um ventre em trabalho. Prisioneiros da sombra, uma multidão de corpúsculos se agitam, captam grãos de luz, apoderam-se deles, fazem nos faiscar, depois voltam ao seu nada e, em seguida, retornam à vida ardente e flamejante. E é um combate que não tem interrupção, onde se podem sentir, na sombra que queima, dois exércitos em terrível luta, onde milhares de grãos de poeira passam sucessiva e indefinidamente, no mesmo segundo, da morte mais negra à vida mais brilhante.

Sobre cada coisa difunde-se um fluxo de luminosidade. De meus olhos, parece-me, verte-se um outro fluxo dourado. Já não sei mais se a irradiação vem das coisas ou se ela nasce de meu olhar. Estou mergulhado em um banho de sol. Em toda parte e por sobre tudo, chove luz. Entre mim e a natureza, há uma cortina transparente de gotículas douradas. Uma correnteza de mel líquido ensolarado, uma imensa poeira de estrelas.

E eis que este rio dourado torna-se o fundo ornamental de tudo o que quero pintar. Ele impregna tudo com sua chama quente, enriquecendo-se ao mesmo tempo com os tons próprios de cada corpo, de cada sentimento que nasce do próprio objeto.

Saskia está sentada em meus joelhos. Aperto seu corpo e levanto meu copo. A tela toda vibra com um ouro alegre, com um dourado de juventude inebriante e triunfante.

O Dr. Tulp ensina a seus sete colegas os segredos da anatomia. O ouro verde e frio do cadáver reflete-se nos rostos tensos, nos colarinhos, em todo o ar do quadro.

Os advogados trabalham, ao redor da mesa do conselho. Sua carne iluminada comunica seu ouro avermelhado, um tanto pesado, ao tapete, ao livro, aos colarinhos, às paredes forradas de madeira – a toda a sala.

Do Gólgota, descem o Crucificado. Já não é mais o verde natural, razoável, do cadáver de Tulp. É um verde fúnebre e misterioso, embaçado e um tanto carregado de ouro manchado que, a partir do corpo encurvado, se espalha e se

concentra sobre a roupa branca, sobre a madeira com marcas de sangue, os apóstolos compassivos, o espectador opulento.

Luz, luz, alegria e tortura de minha vida! Glória à tua embriaguez e ao teu reino fascinante. Chove luz! Chove luz! Tu me levaste tão alto quanto a Alighieri, no esplendor dos Paraísos que os homens absolutamente não conhecem. Tu fizeste de mim o maior ser do mundo. Um Visionário... Um Maldito!...

Então eu te bendigo, prosternado na mais escura de tuas sombras ardentes; eu te bendigo, Tu, minha esposa, Tu, minha alma: Luz!

In Raoul Mourgues, *Rembrandt Kabbaliste - Le Manuscrit de Rembrandt*, Éd. de la Baconnière, Boudry-Neuchâtel, Suíça, 1948.

## JEAN-PAUL SARTRE

(através de seu personagem Roquentin)

E subitamente, de repente, o véu se rasga: compreendi, “vi”... a Náusea, não a suporto mais ... sou eu ... O encontro do castanheiro, eu já não me lembrava mais que era uma raiz. As palavras haviam se desvanecido e, com elas, o significado das coisas. ... Os frágeis pontos de referência que os homens traçaram em sua superfície ... E depois, eu tive esta iluminação ... comumente a existência se esconde. Está presente, à nossa volta, em nós, ela somos nós a existência subitamente se revelam. Perdem seu aspecto inofensivo de categoria abstrata. A raiz ... o banco ... a relva ... tudo se desvanecera; a diversidade das coisas, sua individualidade, eram apenas uma aparência, um verniz. Esse verniz se dissolvera ... eu pensava sem palavras, *sobre* as coisas, *com* as coisas ... E sem formular claramente nada, compreendi que havia encontrado a chave da Existência ... tive a experiência do absoluto ... o mundo das explicações e das razões não é o da existência ... esse momento foi extraordinário ... Mas, no próprio âmago desse êxtase, algo de novo acabava de surgir ... Quanto tempo durou essa fascinação? Eu *era* a raiz de castanheiro. Ou antes, era por inteiro consciência de sua existência ... o tempo parara ... a existência não é algo que se deixe conceber de longe; tem que nos invadir bruscamente ... meus olhos só encontravam plenitudes. Era um fervilhar de existências ... de existências que se renovavam permanentemente e que nunca nasciam ... a árvore se arrepiava. Mas o arrepio não era uma qualidade nascente ... era uma coisa; uma coisa arrepio que se introduzia na árvore ... tudo estava pleno, ... tudo, até o mais imperceptível estremecimento, era feito com existência ... abandonava-me ... atordoado, afligido por essa profusão de seres sem origem: eclosões por todo lado, desabrochamentos; meus ouvidos zumbiam de existência ...

Jean Paul Sartre, *La Nausée* Gallimard, Paris, 1951. Citado por Thérèse Brosse, *La Conscience - Energie structure de l'homme et de l'univers*, Éd. Présence, Paris, 1978.

## HENRI LE SAUX

(Swami Abhishiktananda)

... Eu não sei mais nada, nem de mim, nem do mundo, nem de Deus, nada além desta luz resplandecente sem raios, sem reflexo, sem qualquer horizonte onde o olho possa repousar e se avaliar ... Onde tudo é luz, na frente, atrás, em cima, embaixo, mar de cristal sem limites.

... Deus é luz demais para nos mantermos diante dele. Desaparecemos absorvidos por seu manancial.

Seleção de Marie.Madeleine Davy.

## LANZA DEL VASTO

– Assim, então, longe de afastar toda imagem, esforcem-se para manter uma, para torná-la todo-poderosa em vós. Tomem-na de tal modo que possam se fixar nela inteiramente – conclui o *sadhu* [sábio mestre]

– A Cruz.

– Sim, sirvam-se da Cruz.

Eu avançava muito rapidamente neste caminho traçado a partir da influência e trilhado por meus pais, e onde eu poderia esperar que o Salvador viesse ao meu encontro.

... Creio que atualmente me aproximo das campinas celestes, sinto-me envolvido por perfumes suaves e músicas inauditas. Caminho sobre os pedregulhos como se fossem nuvens.

– Não acreditem – disse o *sadhu* – não acreditem, estas não são mais que ilusões dos sentidos, mas alegremo nos, pois é o sinal de que alguma coisa está sendo preparada.

... Perdido o fio de meus desejos, falta-me qualquer razão de viver. Eu havia deslocado meus outros eus interiores e não sabia mais em qual eu me encontrava.

Eu já não sabia quem eu era, pois não era um homem e sim uma sombra, urna forma esvaziada, uma alma aflita.

“Tu te conheces a ti mesmo? Ou, antes, esta palavra do Evangelho: “Aquele que por Mim perder a sua alma, a encontrará...”

Entretanto, eu não deixava de trabalhar com afinco, tirando proveito dos exercícios cotidianos, como o inseto que se prepara para o fim do inverno, mas cujos primeiros dias não alcançará com vida.

E, no meio do deserto, encontrei o que jamais havia buscado em minha vida, algo pelo qual eu jamais havia feito nada e o que menos esperava encontrar: a felicidade.

Praticar a ioga é aprender a viver e a morrer como se aprende a tocar um instrumento.

... Liberdade resulta de maestria e a eia retoma.

A melodia, enfim, é a alegria daquele que toca e daqueles que têm ouvidos para escutá-la.

Aquele que sabe executar esta música não apenas possui a alegria, ele se toma a alegria.

Lanza del Vasto, *Le Pèlerinage aux sources*, Denoël, Paris, 1983.



## A VIA DO BUDA

*A representação do Buda sentado sobre um trono de lótus sereno firme, lúcido, irradiando luz e compaixão, é o exemplo supremo do hara, manifesto por uma perfeita iluminação. Em compensação, o Pensador de Rodin, solitário, perdido em seus pensamentos, o corpo curvado, separado de seu si próprio, apressa o estado oposto.*

Yasutani Roshi

## O BUDISMO

Assim como o hinduísmo, do qual se origina, o budismo compreende numerosas escolas que, no entanto, podem ser agrupadas sob três grandes vias: o Hinayana, ou pequeno veículo – o Mahayana, ou grande veículo – abrangendo, entre outras, as escolas japonesas do Zen – e o Vajrayana, ou veículo do diamante, mais própria dos tibetanos, mas que incluiu as duas outras.

Chögyam Trungpa, um lama tibetano que assimilou o Ocidente de forma brilhante, explica nos claramente o que é o budismo e o que busca:

De acordo com a tradição budista, o caminho espiritual é o processo de atravessar e superar a nossa confusão, de descobrir o estado desperto da mente. Quando este estado se encontra entulhado pelo ego e pela paranóia que o acompanha, assume o caráter de um instinto subliminar. Dessa forma, não se trata de construir o estado desperto da mente, mas sim de queimar as confusões que o obstruem. No processo de consumir as confusões, descobrimos a iluminação. Se o processo fosse outro, o estado desperto da mente seria um produto dependente de causa e efeito e, assim, passível de dissolução. Tudo o que é criado, mais cedo ou mais tarde, tem de morrer. Se a iluminação fosse criada dessa maneira, haveria sempre a possibilidade de o ego reafirmar se, provocando um retorno ao estado de confusão. A iluminação é permanente porque não a produzimos; apenas a descobrimos. Na tradição budista, a analogia do Sol que surge por trás das nuvens é freqüentemente empregada para explicar o descobrimento da iluminação. Na prática da meditação, removemos a confusão do ego a fim de vislumbrar o estado desperto. A ausência da ignorância, da sensação de opressão, da paranóia, descerra uma visão fantástica da vida. Descobrimos um modo diferente de ser.

O cerne da confusão é o fato de o homem ter um senso de ego que lhe parece contínuo e sólido. Quando ocorre um pensamento, uma emoção, ou um evento, há o sentido de que alguém tem consciência do que está acontecendo. Você sente que você está lendo estas palavras. Esse senso de eu, na realidade, é um evento transitório, descontínuo, que em nossa confusão parece perfeitamente estável e contínuo. Como tomamos por real a nossa visão confusa, lutamos para manter e incrementar esse eu sólido. Tentamos alimentá-lo com prazeres e escudá-lo contra a *dor*. A experiência ameaça continuamente revelar nos nossa transitoriedade, de modo que lutamos continuamente para encobrir qualquer possibilidade de descoberta da nossa verdadeira condição. “Mas”, poderíamos perguntar, “se a nossa verdadeira condição é um estado desperto, por que nos ocupamos tanto em evitar que tomemos consciência disso?” Porque estamos tão imersos em nossa confusa visão do mundo que consideramos real o único mundo possível. Essa luta por manter o senso de um eu sólido e contínuo é obra do ego.

O ego, contudo, consegue apenas sucesso parcial em sua tentativa de defender nos do sofrimento. E a insatisfação que vem junto com a luta do ego que nos inspira a examinar o que estamos fazendo. E, uma vez que sempre existem hiatos na consciência que temos de nós mesmos, torna-se possível algum discernimento.

Chögyam Trungpa, *Além do Materialismo Espiritual*,  
Editora Cultrix, São Paulo, 1986, pp. 10-11.

Mas o que é esta extinção do ego, o que é este nirvana que Buda pregava e que ele realizou em si mesmo? Façamos a pergunta diretamente a ele, como o fez Mahamati, um de seus discípulos. Então Mahamati perguntou ao Buda: “Quereis me falar do nirvana?” O Buda respondeu:

O termo nirvana é empregado com significados diferentes, por pessoas

diferentes, porém essas pessoas podem ser classificadas em quatro grupos: há aqueles que sofrem ou temem o sofrimento e que pensam no nirvana; há os filósofos que tentam definir o nirvana; há uma categoria de discípulos que compreendem o nirvana em relação a eles mesmos; e finalmente há o nirvana dos Budas.

Aqueles que sofrem ou temem o sofrimento entendem o nirvana como uma escapatória ou uma recompensa. Imaginam que o nirvana consiste em uma futura aniquilação dos sentidos e das faculdades sensoriais; não são conscientes de que o Espírito Universal e o nirvana são Um, e que não é necessário separar do nirvana esse mundo de vida e de morte.

... Cada filósofo, apoiando-se no seu próprio manual do qual toma sua compreensão, peca contra a verdade, porque a verdade não está onde se imagina que está.

O único resultado é que seu espírito gira em torno de si mesmo e se torna mais e mais confuso, pois o nirvana não pode ser encontrado através de uma busca mental; e quanto mais seu espírito se torna confuso, maior confusão provoca em outras pessoas.

A idéia de nirvana entre os discípulos e mestres que advogam a existência de um si próprio e que tentam encontrá-lo retirando-se à solidão, é a de uma eternidade de felicidade – como a felicidade do samádi – para eles mesmos ... Chegam ao seu *nirvana*; mas esse não é o *nirvana dos Tathagatas* (Budas).

... O nirvana se encontra lá onde a atividade mental com todas as suas discriminações, apegos, aversões, egoísmos, foi definitivamente eliminada; é lá onde as medidas lógicas, percebidas como inertes, não estão mais em uso; é lá onde mesmo a noção de verdade é tratada com indiferença porque ela é fonte de perturbação; é lá onde há intuição direta do domínio da Realidade.

É lá onde a manifestação da Nobre Sabedoria se expressa como Perfeito Amor por todos; é lá onde a manifestação do Amor Perfeito, que é o estado de Buda, se expressa na Nobre Sabedoria para a iluminação de todos; isto é verdadeiramente o nirvana!

“Lankavatara Sutas”, in D. Goddard, *A Buddhist Bible*,  
Beacon Press, Boston, 1970.

## SATORI

No Japão, no Zen, o objetivo é atingir o *satori*. Como coloca Yasutani Roshi, são três as finalidades do *zazen*:

1) o desenvolvimento da capacidade de concentração (*joriki*), 2) o despertar-satori (*kensho-godo*) e 3) a atualização do Caminho Supremo em nossas vidas diárias (*mujodo no taigen*).

... Quem exercitou o *joriki* não é mais um escravo de suas paixões, nem tampouco está à mercê do ambiente. Sempre no comando, tanto de si próprio como das circunstâncias de sua vida, é capaz de caminhar com perfeita liberdade e serenidade.

... A segunda destas finalidades é o *kensho godo*, ver por dentro de sua Verdadeira natureza, e ao mesmo tempo, ver por dentro da natureza última do universo e “todas as dez milhões de coisas” nele. É a súbita compreensão de que “fui completo e perfeito desde o

princípio mais remoto. Que maravilha, que milagre!” Se o *kensho* é verdadeiro, sua substância será sempre a mesma, para qualquer um que o experimente, seja o Buda Shakyamuni, o Buda Amida, ou algum de vocês reunidos neste templo. Mas isto não significa que todos podemos experimentar o *kensho* no mesmo grau, pois na claridade, na profundidade e na totalidade da experiência há grandes diferenças. Como ilustração, imaginem uma pessoa cega de nascimento que gradualmente começa a adquirir a visão. No princípio poderá apenas ver de modo muito vago e obscuro e somente os objetos que lhe estão próximos. Depois, à medida que sua vista melhora, será capaz de distinguir coisas a cerca de uma jarda, depois objetos a dez jardas, mais tarde a cem jardas até que finalmente reconhece qualquer coisa além de mil jardas. Em cada um destes estágios o mundo dos fenômenos que vê é o mesmo, mas as diferenças de clareza e acuidade de suas visões deste mundo são tão grandes como as que existem entre a neve e o carvão. Assim é com as diferenças em claridade e profundidade de nossas experiências do *kensho*.

O último dos três objetivos é o *mujodo no taigen*, a atualização do Caminho Supremo através de todo o nosso ser e de nossas atividades diárias. Neste ponto não distinguimos o fim dos meios. O *saijojo*, do qual já falei como o quinto e o mais sublime dos cinco tipos do Zen, corresponde a este estágio. Quando vocês se sentam convicta e desprendidamente, de acordo com as instruções de um mestre competente, isto é, com sua mente, ainda que plenamente consciente, tão livre de pensamentos como um simples papel em branco que não foi manchado – há uma manifestação da sua natureza Buda intrinsecamente pura, quer tenham tido o satori ou não. Mas o que salientamos é que somente com a verdadeira iluminação vocês aprenderão diretamente a verdade de sua natureza-Buda.

Yasutani Roshi, in Philip Kapleau, *Os Três Pilares do Zen*,

Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1978, pp. 61-62.

## BASSUI

... Com sete anos a inclinação sensivelmente religiosa de Bassui revelou-se. Num serviço religioso em memória de seu falecido pai, de repente perguntou ao sacerdote que oficiava: “Para quem são estas ofertas de arroz, bolos e frutas?” “Para seu pai, naturalmente”, respondeu o sacerdote. “Mas meu pai não tem forma ou corpo agora, então como pode comê-los?” Ao que o sacerdote respondeu: “Embora ele não tenha mais um corpo visível, sua alma receberá estas oferendas”. “Se existe uma coisa tal como uma alma”, insistiu a criança, “eu devo ter uma no meu corpo. Com quem se parece?”

... Um intenso e incansável autoquestionamento que deveria continuar pela idade viril – de fato, até ele chegar à plena iluminação.

... Quando tinha dez anos, conta ele, era acordado muitas vezes por vivos raios de luz que enchiam seu quarto, e eram seguidos de uma escuridão que tudo envolvia.

... Frequentemente se questionava: “Se depois da morte a alma sofre as agonias do inferno ou goza das delícias do paraíso, qual será a natureza desta alma? Mas se não houver alma, o que está dentro de mim agora, neste exato momento, vendo e escutando?”

Seu biógrafo relata que Bassui se sentava durante horas “cozinando a fogo lento” esta pergunta num estado de extremo desprendimento, a ponto de não mais saber que tinha um corpo ou uma mente. Numa dessas ocasiões em que idade, não nos foi dito Bassui de repente compreendeu que o substrato de todas as coisas era um Vazio e que, em essência, não existe nada que possa ser chamado de alma, ou de mente. Esta percepção levou-o a um acesso de riso intenso e não mais se sentiu oprimido por seu corpo e por sua mente.

Num esforço de saber se isto constituía um verdadeiro *satori*, Bassui perguntou a um grande número de ilustres monges, mas nenhum pôde dar-lhe uma resposta satisfatória.

... “Eu já vi que o fundamento do universo é o Vazio, entretanto o que é esta *alguma coisa* dentro de mim que pode ver e escutar?”

... Durante suas viagens espirituais, Bassui finalmente encontrou o mestre Zen por meio do qual o olho de sua Mente seria completamente aberto Koho-zenji.

... Um dia Koho, sentindo o amadurecimento da mente de Bassui, perguntou-lhe: “Diga-me, o que é o Mude Joshu?”, Bassui respondeu com um verso:

Montes e rios

Gramma e árvores

Manifestam igualmente o Mu.

... Bassui sentiu-se como se tivesse “perdido a raiz da vida, como um barril cujo fundo tivesse sido arrancado violentamente” Quando chegou à sua cabana, chorou durante horas, do mais profundo das entranhas.

## KHEMPO JAMYANG DORJE

Monge tibetano

... Pude encontrar um mestre espiritual sem igual, uma jóia que caiu do céu.

Minha fé nele é tão pura quanto um mar de leite sobre a superfície das profundezas.

Então, como os seixos comuns, no sopé de uma montanha de ouro também são tingidos de um maravilhoso brilho,

Meu espírito – preso na rede do pensamento discursivo, reserva-me o erro fundamental,

Prisioneiro das cadeias pontiagudas do dualismo sujeito objeto e da crença em qualquer coisa de sólido – meu espírito encontrou o repouso.

Eu sou um vagabundo, não tenho nada a fazer e durmo com a alma feliz e aliviada;

Recolhi as cordas da esperança e da apreensão que me ligavam às oito ilusórias inquietações mundanas.

E, como diz Longchenpa, o rei do Dharma, “Sem fim são nossas atividades, tais como ondas sobre as águas, que diminuem quando o permitimos, pois tal é a sua natureza”.

Graças ao meu mestre que me ensina que tudo vem de si próprio sem que se faça nada,

A idéia me veio da realização espontânea de todas as coisas, sem que nada tenha contribuído para isso...

Não tenho diante de mim ninguém para proteger, sou um iogue e estou muito contente!

Não tenho atrás de mim ninguém para alimentar, sou sozinho, e como sou feliz!

Nenhum trabalho para sempre adia; não perco meu tempo, e estou muito contente!

Nenhum projeto a longo prazo, que alívio, ah, como sou feliz!

Tudo o que chega até mim me satisfaz, é tudo simples, e estou muito contente!

Não sinto orgulho de ser aprovado, sem pretensão, ah, como sou feliz!

As críticas não me deixam triste, nada me desencoraja, e estou muito contente!

É graças a meu mestre que me ensina a primazia do supremo ensinamento iluminado

Que estou sempre pleno de amor e bondade para com aqueles que há muito

tempo são meus pais;

Todos aqueles a quem encontro, homens e mulheres, qualquer que seja a sua condição,

Eu os amo e do fundo do coração os trato como meus irmãos e irmãs.

Os tolos e os invejosos encontram, então, motivo para zombar de mim

Mas eles não podem modificar em nada meu coração que, por natureza, é bom.

Na verdadeira dimensão das coisas – que não tem origem e ultrapassa o verbo e a imaginação,

Minhas cadeias caem, as cadeias da afirmação negação, das esperanças e da apreensão!

Extraído do *Chant de l'illusion*, Carta de instrução a seus discípulos, traduzido para o francês por Patrick Carré, inédito.

## LONGCHENPA

Nesse estado – quando eu observava a motilidade – a consciência pura em sua radiância estava além de qualquer conceito, e quando observava a entrada bioenergética, a consciência pura resplandecia em seu prazer, e em ambos os casos eu olhava intensamente a essa pura consciência em *mim*. Mesmo nessa experiência de um prazer, unia radiância e uma não separatividade (sem conceitos) tão despojados, nada havia que se assemelhasse a uma presença ou não presença. Na pura facticidade dessa pura consciência dentro de mim, radiante e aberta, nada havia que pudesse indicar o seu modo de ser nem sequer o fato de existir ou não existir. Essa pura consciência – na qual desapareceu até mesmo o próprio valor de estar além das palavras e pensamentos, indescritível até por analogias – era como um oceano, cristalino e calmo; como as orbes do sol e da lua, que não têm idéias sobre si próprios em sua radiância; como a vasta imensidão do céu, contínua e impassível. Essa pura consciência em cada um de nós, na qual a agitação da mente e dos acontecimentos mentais amainou, é o fundamento da razão de ser, *Mahamudra*, a cognição primordial intrínseca, também denominada *rDzogs-pa chenpo*, *Madhyamika*, a essência dos seis tópicos das técnicas de Naropa, a verdadeira natureza do Caminho-e-da-Meta, o sistema *Zhi-byed* pelo qual toda agitação desaparece. É a *Prajñaparamita*, que lida com o sentido da experiência de ser.

Longchenpa, in Herbert V Guenther, *Kindly Bent to Ease Us*, parte 2: Meditation, Dharma Publishing, Berkeley, 1976, p. 107.

## MARPA

A percepção da verdade foi mostrada por estes sinais:

Não fixação, nem sobre o samsara nem sobre o nirvana,

Não se apegando à aceitação ou rejeição em seu ser,  
Sem expectativa de benefícios provenientes de outros,  
Mente livre de ocupação e complexidade,  
Não caindo nos quatro extremos,  
Não-meditação e não-dispersão,  
Livre de pensamento e fala,  
Além de toda e qualquer analogia.

Através da bondade do guru, compreendi isto.  
Desde que a experiência destas percepções despontaram,

A mente e os eventos mentais cessaram,  
O espaço e a percepção são inseparáveis.  
Defeitos e virtudes não aumentam nem diminuem.  
Bem-aventurança, vazio e luminosidade não cessam,  
Conseqüentemente, a luminosidade desponta além do ir ou vir.

Marpa, in *The Rain of Wisdom*, organizado por Chögyam Trungpa,  
Shambhala, Boulder e Londres, 1980, p. 164.

## TESTEMUNHOS DE DISCÍPULOS DO BUDA

### 1. BHADRAPALA

... Um dia, que coincidiu com a festividade dedicada aos banhos, ao banhar-me percebi repentinamente, através do tato, a verdadeira singularidade da água: que ela não lavava minha verdadeira sujeira. ... Através desta intuição, compreendi a natureza essencial de meu coração e meu espírito. Através desta compreensão, parece que não restava nada além da calma e da paz. Esta experiência permanece em minha consciência até hoje.

In D. Goddard, *A Buddhist Bible*, Beacon Press, Boston, 1970, p. 229.

### 2. MAHAKASHYAPA

... Pelo respeito pleno de fé por suas relíquias e imagens (de meu mestre), meu espírito se iluminou com uma luz púrpura dourada ...

*Idem.* p. 230.

### 3. ANARUDDHA

... A partir dessa experiência não apenas atingi a percepção intuitiva e a iluminação, mas também o samádi adamantino. Desde então, tenho o poder transcendental de ver as dez direções do universo, e posso ver a essência espiritual de qualquer coisa – não importa a que distância – tão claramente como vejo a fruta que trago em minha mão.

*Ibid.*, p.231.

#### 4. SUDDHIPANTHAKA

... Desde então, sempre concentrei meu espírito em minha respiração, que se tornou cada vez mais calma e apaziguada. Ao mesmo tempo, as preocupações causadas pelos conceitos de renascimento, continuidade, mudança e morte desapareceram pouco a pouco, e meu espírito tornou-se iluminado.

*Ibid.*, pp. 231-232.

#### 5. GAVAMPATI

... No curso da longa experiência durante a qual concentrei-me sobre a natureza dos gostos da língua, fui levado a constatar que não havia nenhuma espécie de matéria nem qualquer espécie de essência, e subitamente, por uma iluminação do espírito, atingi a perfeita liberação de todos os apegos e contaminações, de tal forma que, interiormente, fiquei livre de todos os conceitos arbitrários, tanto daqueles do corpo como do espírito, e, exteriormente, fiquei livre do apego a todas as coisas mundanas – ou seja, eu era capaz de viver longe de todos os problemas dos três mundos. Senti-me como um pássaro que tivesse fugido dos limites de sua gaiola.

*Ibid.*, p. 232.

#### 6. PILANKAPATHA

Certo dia em que eu estava na cidade e mendigava pão, com meu espírito fixo sobre a Porta do Dharma, uma ponta envenenada feriu inesperadamente meu pé e meu corpo inteiro contorceu-se em sofrimento. Isto me trouxe a lembrança de que era somente devido às sensações e percepções que eu experimentava a dor. Embora eu a sentisse na totalidade de meu corpo, estava bem consciente de que em meu Espírito essencial e puro não havia nem dor nem percepção de sensação dolorosa. Eu estava igualmente atento ao fato de que, se havia apenas um corpo como o meu, como era possível ter duas diferentes espécies de sensação – dor em meu pé, devido ao veneno, e alegria em meu espírito profundo devida à minha visão intuitiva na Porta do Dharma?

Enquanto eu mantinha meu espírito concentrado nesta questão, subitamente meu corpo e meu espírito esvaziaram-se de todo pensamento arbitrário sobre as coisas. Em três semanas todos os apegos e as contaminações desapareceram, e atingi o grau de *Arhat*...

*Ibid.*, p. 233.

## 7. SUBHUTI

Então Subhuti levantou-se de seu assento e, prostrando-se diante do Buda, pronunciou as seguintes palavras: “Senhor Abençoado! Cheguei ao estado puro de liberdade de espírito há muitos ciclos cósmicos (*kalpas*) e lembro que meus renascimentos têm sido tão numerosos quanto as areias do Ganges. Nesta vida, quando ainda estava no ventre de minha mãe, compreendi a vacuidade pura do Espírito essencial e, progressivamente, ao longo de meu crescimento, compreendi a vacuidade pura de todas as dez moradas do universo, e em meu espírito desenvolveu-se o voto de que todas as criaturas alcancem a realização de sua essência espiritual.

Finalmente, pela inspiração do ensinamento de meu Senhor, no que diz respeito ao princípio da perfeita e verdadeira vacuidade da maravilhosa e misteriosa essência espiritual e de sua mais alta e perfeita Sabedoria, vi-me, de repente, absorvido no glorioso e radiante oceano do espírito de meu Senhor, então o meu espírito tornou-se tal e qual o espírito de meu Senhor, compartilhando a sua intuição da sua inteligência.

*Ibid.*, p. 233.

## 8. SHARWVTRA

... Compreendi o caráter infinito da pura essência do Espírito. A partir desse momento segui *meu* Mestre, e minha percepção da visão mental tornou-se transcendental e perfeitamente iluminada, atingindo de modo instantâneo um alto grau de confiança e de ausência de medo.

*Ibid.*, p. 234.

## 9. SAMANTABHADRA

A audição transcendental e intrínseca de meu Espírito essencial tornou-se muito pura e transparente, de tal modo que pude empregá-la para discernir o grau de compreensão e as idéias de todas as criaturas. Não importa quem, não importa onde nem quando – passado, presente ou futuro – para desenvolver a incessante compaixão de Samantabhadra em seu espírito, tornar-me-ei consciente de suas vibrações graças à sensibilidade transcendental de minha audição, e chegarei até ele sobre meu misterioso elefante de seis presas, com cem mil diferentes manifestações de meu semblante. Auxiliá-lo-ei em seu próprio lugar, qualquer que seja seu problema, mesmo que profundo e sério. Quer esteja apto a sentir ou não minha presença, estarei perto dele para pousar minha mão sobre sua testa, a fim de dar-lhe encorajamento e apoio, paz e conforto, de tal maneira que ele possa chegar à realização suprema.

*Ibid.*, p. 235.

#### 10. SANDRANANDA

Meu Senhor solicitou ao irmão Vaustila e a mim que concentrássemos nossa atenção na ponta de nosso nariz, e o fiz comecei a notar, depois de três semanas, que minha inspiração e minha expiração pelo nariz assemelhavam-se a uma fumaça saindo de uma chaminé. Ao mesmo tempo, meu corpo e meu espírito ampliaram-se interiormente e pude ver o mundo inteiro tornar-se claro e transparente como uma esfera de cristal. Mais tarde, a aparência de fumaça proveniente do nariz desapareceu gradualmente e minha respiração tornou-se luminosa e brilhante. Minha inspiração e minha expiração ampliaram-se e pareciam propagar-se por todo o universo. Depois disso atingi o grau *de Arhat*, e meu Senhor Buda diz que logo chegarei à Iluminação.

*Ibid.*, p. 236.

#### 11. MAUDGALYAYANA

A partir de então, meus poderes transcendentais desenvolveram-se de maneira maravilhosa: visitei as dez moradas do universo, sem nenhum obstáculo, passando instantaneamente de um campo de Buda a um outro sem estar consciente da forma como isto se realizava.

*Ibid.*, p. 237.

#### 12. AKSHOBHYA

Naquela época eu possuía quatro pérolas preciosas com o poder transcendental de penetrar o elemento fogo: em razão disto, tudo era claramente luminoso ao nível de minha percepção intuitiva, até mesmo os domínios de Buda do mais distante dos universos. A luz destas pérolas mágicas tudo se tomava vazio e transparente como o espaço puro. Mais ainda, em meu espírito, um grande espelho manifestou-se, iluminando-se de maneira maravilhosa; ele irradiava uma luminosidade magnífica, gloriosa, que se estendia ao longe e inundava as dez moradas dos universos.

*Ibid.*, p. 241-242.

#### 13. MAITREYA

Na época em que o Buda Dipankara apareceu no mundo, eu lia via alcançado o supremo, maravilhoso e perfeito estado da Consciência transcendental. Graças a este supremo samádi eu estava consciente do espaço infinito, e compreendia que todos os domínios de Buda, quer fossem puros ou impuros, existentes ou não existentes, nada mais eram do que a manifestação de meu próprio espírito. Meu Senhor! Em consequência de minha perfeita compreensão – do fato de que todas estas habilidades dos Budas não eram senão os desenvolvimentos de

minha própria consciência mental – a natureza essencial de minha consciência manifestou-se em formas inúmeras de Budas e fui escolhido como o próximo Buda, depois de meu mestre Shakyamuni Buda.

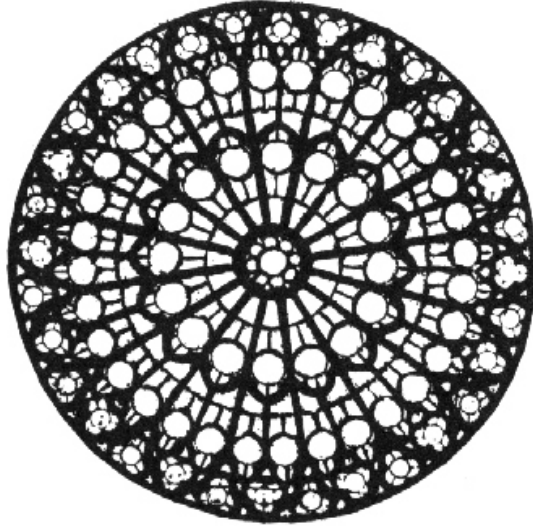
*Ibid.*, pp. 243-244.

#### 14. AVALOKITESHVARA

... Quando alcancei pela primeira vez minha audição transcendental, meu espírito recolheu-se em sua natureza essencial e todos os poderes naturais de escutar, ver, respirar, saborear, tocar e compreender chegaram a um estado de iluminação pura, gloriosa, de uma perfeita reciprocidade e acomodação dentro de uma perfeita unidade de consciência.... Adquiri a grande liberdade transcendental; quando liberto as criaturas, posso transformar-me em maravilhosas aparências.

*Ibid.*, pp. 247-248.

# EXPERIÊNCIA DO REINO DOS CÉUS VIVIDA NO CRISTIANISMO



*Este Reino que parece oculto, à espera do final dos tempos para manifestar-se em plena luz, é indicado com precisão pelo Cristo para o momento presente da condição terrestre...*

*O mistério não está aqui ou lá, ele se mantém no interior do homem. Cada criatura traz em si mesma o Reino, e cabe a ela descobri-lo e aí instalar sua morada. Da mesma forma, a luta pelo reino messiânico se desenrola ao nível de cada ser.*

Serge Missatkine, *Mystique du Nouveau Testament*, in Encyclopédie des mystiques, dirigida por Marie-Madeleine Davy, Laffont Paris, 1972.

## O REINO

O *leitmotiv* de toda a atividade de Jesus, de tudo o que ele pregava e aconselhava, é o Reino do Pai, ou, ainda, o Reino dos Céus. *Este* Reino, ele o situa em nós mesmos:

Ele é interrogado pelos fariseus:

“Quando vem o Reino de Elohim?”

Ele responde dizendo-lhes:

“O Reino de Elohim não vem a olhos vistos.

Não se dirá:

“Ei-lo aqui!”

Ou: ‘lá!’

Sim, o Reino *de* Elohim está em vós”.<sup>1</sup>

Jesus tentava explicar por todos os meios o que é esse Reino. Para o povo, o fazia sob a forma de parábolas:

Ele diz, pois:

“A que é semelhante o Reino *de* Elohim? A que hei de compará-lo?

Ele é semelhante a um grão de mostarda que um homem apanha e joga em seu jardim. Ele cresce e torna-se uma árvore: as aves do céu repousam em seus ramos”. Ele diz ainda: “A que compararei o Reino de Elohim?

1. *Evangiles*, Lc 17,20-21, tradução de André Chouraqui.

Ele é semelhante ao fermento:

uma mulher o toma e o mistura

em três medidas de farinha,

até ficar toda fermentada”.<sup>1</sup>

Além do grão de mostarda e do fermento, Jesus compara o Reino a um tesouro, compara-o às pérolas ou aos melhores peixes de uma rede:

“O Reino dos Céus é semelhante

a um tesouro escondido no campo.

Um homem o encontra: esconde-o,

e em sua alegria, ele vai, vende tudo o que possui,

e compra o campo.

E ainda:

o Reino dos Céus é semelhante  
a um mercador que compra belas pérolas.  
Quando ele encontra uma pérola muito preciosa,  
ele se vai, vende tudo o que possui,  
e ele a compra.

Ainda:

o Reino dos Céus é semelhante  
a uma rede lançada ao mar: ela apanha de tudo.  
Quando está cheia, eles a puxam para a praia,  
Sentam-se e recolhem nos cestos  
o que há de bom.  
O que não presta, deitam fora”.<sup>2</sup>

Mas por que ele se dirigia ao povo e aos seus discípulos mais próxima de maneira diferente? Os discípulos lhe fizeram essa pergunta:

Os adeptos aproximam-se e lhe dizem:

1. *Ibid.*, Lc. 13. 18-21.

2. *Ibid.*, Mt. 13, 44-48.

“Por que lhes falas por meio de exemplos?”

Ele responde dizendo:

“Porque a vós foi dado  
penetrar os mistérios do Reino dos Céus.  
Mas a eles não lhes foi dado”.

Seus discípulos, portanto, tinham a experiência direta dos mistérios do Reino; eles passaram pela experiência transpessoal, vivenciaram a Luz:

“...e penetrareis a verdade  
e a verdade vos tornará livres”.<sup>2</sup>

É, portanto, através de um retomo a si mesmo, através do conhecimento de si próprio, que é possível compreender este Reino.

O *Logia* 3 do Evangelho de Tomas é ainda mais explícito a esse respeito:

Jesus dizia:

Se aqueles que vos guiam afirmam: ei-lo,  
o Reino está no Céu,  
então as aves estão mais perto dele do que vós;  
se eles vos dizem: ei-lo,  
ele está no mar,  
então os peixes já o conhecem...  
O Reino: ele está no interior de vós,  
e está no exterior de vós.  
Quando vos conhecerdes a vós mesmos,  
então sereis conhecidos e sabereis  
que sois os filhos do Pai, o Vivente;  
mas se não conheceis a vós mesmos,  
sois em vão  
e sois vaidade<sup>3</sup>.

1. *Ibid.*, Mt. 13,10-11..

2. *Ibid.*, Jo. 8, 32.

3. Cf. Mt. 24, 26-27; Mc 13, 5-7/21-22; Lc. 17, 21; Dt. 30, 11-14

Mas como definir mais precisamente esse Reino? Jean-Ives Leloup, na sua qualidade de teólogo cristão e psicólogo transpessoal, oferece-nos, a seguir, uma resposta de rara beleza e clareza.

Antes de definir o que é o Reino, é conveniente perguntar-se:

“O que reina sobre nós?” Nosso passado, nosso inconsciente, o ambiente, uma paixão ou uma idéia qualquer?

O Reino é o Reinado do Espírito em nós, em todas as nossas faculdades; não é apenas nosso ego com suas memórias, crenças, desejos que reina sobre nós, é o próprio Espírito do Vivente que nos anima.

Este *logia* nos indica que o Reino, a Presença do Espírito de Deus em nós, não deve ser buscado unicamente no interior ou no exterior; ele nos convida a sair da dualidade, que é a condição de nossa consciência habitual.

O clima dualista das oposições, dos conflitos, das exclusões. ... conhecemos, por exemplo, as dificuldades que pode criar uma frase como: “Fora da Igreja, não há salvação”; há aqueles que estão dentro e aqueles que estão fora, e quando o termo “Igreja” é tomado em sentido institucional, isto faz com que muita gente esteja “fora”, e haja muitos indivíduos não habilitados para a salvação. Santo Agostinho pressentiu os limites desta linguagem dualista quando afirmou: “Há muitas pessoas que, dizendo-se dentro da Igreja, estão na realidade fora dela, pois não praticam o amor e a vida do Cristo; e muitas pessoas que se dizem estarem “fora” estão, na realidade, no coração da Igreja, pois praticam o amor e a vida do Cristo”.

Além disso, toda exterioridade é uma interioridade, o que está fora de nós está no interior de um espaço mais amplo. Uma casa está no “interior” de uma cidade que está, ela própria, no interior de um país etc.; e toda interioridade é habitada pelo exterior, quer seja nossa respiração, nossos pensamentos (as

palavras, a fala dos outros), nossos desejos íntimos (“o homem é desejo do desejo do outro”), e assim por diante.

Já se pressente a sabedoria desta linguagem não-dual no próprio Evangelho, pois se apenas dissesse: “O Reino está no interior de vós”, privilegiaríamos as experiências interiores, as meditações. Seria então preferível fugir do mundo, fechar os olhos a quem nos rodeia. A felicidade seria unicamente espiritual, estaríamos separados de nossa metade física. A matéria, o mundo, os outros não seriam senão tentação e ameaça rondando o nosso ser essencial.

Se o Evangelho dissesse: “O Reino está no exterior de vós, é o vosso próximo, é a transformação do mundo”, então seria pecado sentar-se, estar em silêncio e escutar o Vivente que canta no coração...

Assim, trabalhar para a vinda do Reino de Deus é – em um movimento duplo – interiorizar todas as coisas, espiritualizar a matéria, e também é exteriorizar, manifestar o Espírito que habita em nós, encarná-lo no espaço e no tempo, na sociedade, nas situações que vivemos. O Reino não está no alto nem embaixo, nem à direita nem à esquerda, nem dentro nem fora. ... Ele é a altura, a profundidade, a largura, a espessura, o dentro, o fora, a interioridade, a exterioridade. Ele é a totalidade do que é e do que somos.

*L'Évangile de Thomas*, traduzido por Jean-Yves Leloup,  
Albin, Michel, Paris, 1986, pp. 54-58.

## SÃO JOÃO DO ALVERNE

... e muitas vezes foi arrebatado, como viu aquele frade o qual primeiramente escreveu estas coisas: entre as quais, uma noite ficou tão enlevado e arrebatado em Deus que viu nele, Criador, todas as coisas criadas e celestiais e terrenas com todas as suas perfeições e graus e ordens distintas. E então conheceu claramente como cada coisa criada representava o seu criador, e como Deus está sobre e dentro e fora e ao lado de todas as coisas criadas. E conheceu depois um Deus em três pessoas e três pessoas em um Deus, e a infinita caridade a qual fez o filho de Deus se encarnar, por obediência ao Pai. E finalmente conheceu naquela visão como não há outra via pela qual a alma possa ir a Deus e ter a vida eterna, senão pelo Cristo bendito, o qual é caminho, verdade e vida da alma. Amém.

*I Fioretti de São Francisco de Assis*, Editora Vozes, Petrópolis, 1985, p. 128.

## SÃO FRANCISCO DE ASSIS

... Daí por poucos dias, estando São Francisco ao lado da dita cela e considerando a disposição do monte, e maravilhando-se das grandes fendas e aberturas de rochedos grandíssimos, pôs-se em oração; e então lhe foi revelado por Deus que aquelas fendas tão maravilhosas tinham sido feitas miraculosamente na

hora da Paixão de Cristo quando, conforme o que disse o evangelista, as pedras se espedaçaram. E isto quis Deus que singularmente aparecesse sobre o monte Alverne, para significar que nesse monte se devia renovar a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo na sua alma, pelo amor e a compaixão, e, no seu corpo, pela impressão dos estigmas. Tendo tido São Francisco esta revelação imediatamente se encerrou na cela e todo se recolheu em si mesmo, e dispôs-se a compreender o mistério desta revelação. E doravante, São Francisco pela continua oração começou a saborear mais frequentemente a doçura da contemplação; pela qual ele muitas vezes ficava tão arrebatado em Deus, que corporalmente era visto pelos irmãos elevado da terra e arrebatado fora de si.

... Pela qual coisa frei Leão, maravilhando-se muitíssimo, levantou os olhos e olhou o céu, e olhando viu vir do céu uma chama de fogo belíssima e esplendíssima, a qual, descendo, pousou na cabeça de São Francisco, e da dita chama ouviu sair uma voz a qual falava com São Francisco; mas frei Leão não entendia as palavras.

... Cristo, o qual aparecia, falou a São Francisco certas coisas secretas e altas as quais São Francisco jamais em vida quis revelar a ninguém, mas depois de sua vida as revelou segundo se demonstra adiante, e as palavras foram estas: Sabes tu, disse Cristo, o que fiz? Dei-te os estigmas que são o sinal de minha Paixão, a fim de que sejas meu gonfaloneiro.

... e assim paruciam as mãos e os pés pregados no meio com cravos parecendo recurvos e rebatidos, de modo que entre a curvatura e o rebite ... facilmente se poderia meter o dedo da mão como num anel ...

... Semelhantemente, no lado direito, apareceu a imagem de uma ferida de lança ..., a qual depois muitas vezes ... ensangüentava-lhe a túnica e o pano das bragas.

*I Fiorette São Francisco, Editora Vozes, Petrópolis, 1985, pp. 143, 149-150, 154, 156.*

## SANTA TERESA D'ÁVILA

Desta divina Verdade que se me representou, sem saber como nem que, ficou-me impressa uma verdade que me faz ter um novo acatamento a Deus, porque dá um conhecimento de Sua Majestade e do Seu poder e isto de uma maneira que não se pode dizer. Sei somente entender que é grande coisa um tal dom. Ficou-me uma grandíssima vontade de não falar senão em coisas muito verdadeiras estejam acima do trato que se usa aqui no mundo e assim que comecei a ter pena de viver nele. Deixou-me esta mercê com grande ternura, deleite e humildade. Parece-me, sem entender como, que o Senhor me deu aqui muito.

Não me ficou suspeita alguma de que fosse ilusão. Nada vi, mas compreendi o grande bem que bá em não fazer caso de coisa que não seja para nos achegarmos mais a Deus e assim entendi o que é andar uma alma na verdade diante da mesma Verdade. Isto, que entendi, é dar-me o Senhor a entender que Ele é a mesma Verdade.

Compreendi tudo isto que tenho dito, falando-me Ele algumas vezes e outras, sem me falar, deram-se-me a entender algumas com mais claridade do que as que se me diziam por palavras. Aprendi grandíssimas verdades sobre esta Verdade, até mais do que se muitos letrados mo tivessem ensinado. Parece-me que

de nenhum modo eles me poderiam imprimir assim no espírito, nem tão claramente se me daria a entender a vaidade deste mundo. Esta verdade, que digo que se me deu a entender, é em si mesma verdade e não tem princípio nem fim, e todas as demais verdades dependem desta Verdade, como todos os demais amores deste Amor e todas as demais grandezas desta Grandeza. Isto vai, no entanto, obscuro em comparação da claridade com que o Senhor quis que se me desse a entender.

Santa Teresa de Jesus, *Obras Completas*,  
Carmelo do Coração Imaculado de Maria, Porto, 1970,  
capítulo XL, pp 377-378.

## SÃO BENTO

... O *homem* de Deus, Bento, antecipava em vigília a hora da oração noturna. Ora, eis que, estando à janela em prece a Deus Onipresente, de súbito, na calada da noite, olhou para cima e viu uma luz que se difundia do alto e dissipava as trevas da noite, brilhando com tal esplendor que, apesar de raiar nas trevas, superava o dia em claridade. Nesta visão, seguiu-se uma coisa admirável, pois, como depois ele mesmo contou, também o mundo inteiro lhe apareceu ante os olhos, como que concentrado num só raio de sol.

Ainda quando o venerável Pai fixava atentamente a vista no esplendor da cintilante luz, viu a alma de Germano, bispo de apua, levada ao céu pelos anjos numa esfera de fogo. Querendo, então, que alguém lhe servisse de testemunha de tão grande visão, chamou repetidamente, duas ou três vezes, em alta voz, o diácono Servando pelo próprio nome. Este, perturbado pelo insólito clamor de tão grande homem, subiu, olhou para o alto e ainda viu um rasto exíguo de luz. Ficou estupefato por tão grande maravilha e o homem de Deus narrou lhe por ordem tudo que acontecera e imediatamente encarregou o virtuoso Teóprobo de Cassino, de mandar alguém na mesma noite a Cápuia para saber o que havia com o bispo Germano e comunicá-lo a Bento. De fato, aconteceu que o enviado encontrou já defunto o reverendíssimo bispo Germano; e, indagando minuciosamente, apurou que ele morrera no mesmo instante em que o homem de Deus tomou conhecimento de sua ascensão.

Dom Claude J. Nesmy, *São Bento e a Vida Monástica*,  
Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1962, pp. 18-19.

## WILLIAM BLAKE

Não posso parar com minha grande tarefa,

Abrir os Mundos eternos, abrir os Olhos imortais, Do Homem para o Interior  
dos Mundos do Pensamento, da Eternidade Que se estende ininterruptamente no  
Santo de Deus – a Imaginação humana.

(K 623)

...em seu próprio interior vocês trazem o Céu e a Terra e tudo o que contemplam; embora isso surja sozinho, está dentro de vocês. Em vossa imaginação.

(K 109)

Este mundo da Imaginação é o mundo da Eternidade; ele é o seio divino para onde iremos após a morte deste corpo que vegeta. Este mundo da Imaginação é infinito e eterno, enquanto que o mundo da Geração, ou da Vegetação<sup>1</sup>, é finito e temporal. Neste mundo eterno existem as Realidades permanentes de cada coisa que vemos refletidas neste vidro vegetal da Natureza. Todas as coisas estão contidas, sob sua forma eterna, no Corpo Divino do Salvador, a verdadeira Vinha da Eternidade, a Imaginação humana, que se me apresentou chegando sob forma de Julgamento entre seus Santos, e rejeitando para longe o Temporal para que o Eterno pudesse se estabelecer.

(K 605)

Apenas o que é mental é real: o que chamamos de físico, ninguém sabe onde reside: reside no sofisma e sua existência é uma impostura. Onde está a Existência fora do espírito e do pensamento?

(K 617)

E as árvores e os pássaros e os animais,  
e os homens contemplam sua alegria eterna.  
Levantem-se pequenas asas brilhantes, e cantem sua alegria infantil.  
Levantem-se, e bebam sua felicidade, pois tudo o que vive é santo.

Tendo um Mundo em um grão de areia  
E um Céu em uma flor selvagem,  
Ter a Infinitude na palma de sua mão  
E a Eternidade em uma única hora.

Textos citados por Kathleen Raine, "Science et imagination chez William Blake", in *Science et Conscience*, Stock, Paris, 1980.

## JESUS CRISTO

Tendo sido submerso  
rapidamente, Yeshua emerge da água.  
E eis que:  
os céus se abrem.  
Ele vê o sopro de Elohim  
descer como uma pomba:

ela vem sobre ele. E eis então,  
uma voz, dos céus.

Ela diz:

“Este é meu filho, meu amado,  
em quem me comprazo”.

*Evangiles, Mt 3,16-17, tradução de André Chouraqui.*

Os setenta voltaram com alegria.

Eles dizem:

“Adonai! Até mesmo os demônios  
se submetem a nós em teu nome”.

Ele lhes diz:

“Vi Satã

como um raio, cair fora do céu.

Eis que vos dei o poder

de caminhar sobre serpentes e escorpiões,

e sobre todo o poder do inimigo,

nada poderá vos prejudicar.

Entretanto, não vos regozijeis

porque os espíritos se submetem a vós,

mas alegrai-vos

porque vossos nomes estão inscritos nos céus”.

Nessa mesma hora ele exulta

em sopro de santidade.

Ele diz:

“Eu te louvo, Pai, Adonai do céu

e da terra,

porque ocultaste isto aos sábios

e aos sagazes

e porque tu o revelas aos pequeninos.

Sim, Pai. Aqui está: e esta é tua vontade ou tua força.

Tudo me foi entregue por meu Pai:

ninguém conhece quem é o Filho,

senão o Pai,

e quem é o Pai, senão o Filho,  
e aquele a quem o Filho o quiser revelar”.  
Voltando-se para seus discípulos, em particular ele diz:  
“Ditosos os olhos  
que vêem o que vós vedes!  
Sim, eu vos digo:  
numerosos profetas e reis  
desejaram ver o que vós vedes  
e não o viram,  
ouvir o que vós ouvis,  
e não o ouviram”.

*Idem, Lc. 10, 17-24.*

## PADRE JOÃO CRISÓSTOMO

... Ao mesmo tempo que o Ser de Deus se manifestava, estas criaturas que se mostravam tão excelentes e tão plenas de glória se recolhiam com uma rapidez incrível em seu centro, que é o nada. E vendo que o grande Deus estava em mim, e mais em mim do que eu mesmo estava, experimentei por isso uma alegria inefável, e não podia compreender como era possível ter Deus em si e em toda a parte fora de si, e ocupar-se das criaturas. Eu estava encantado de que aquilo fosse só eterno, só imutável, só infinito, e vos digo em verdade que, ao dizer: “Em meu Deus tudo é Deus”, minha vontade *foi* tocada por um tão grande e tão ardente amor, que me parecia que todo o ser criado desaparecia diante de mim, e que eu jamais me ocuparia de nada mais além de Deus. Não posso explicar o júbilo infinito de meu coração à vista de suas imensas perfeições, mas vendo suas grandezas incompreensíveis e, por outro lado, o meu nada com todas as misérias que o acompanham, eu ia do intinito ao infinito, e sentia-me incapaz, do infinito ao infinito, de ama-lo como eu desejaria, o que me fazia sofrer intensamente; pois quanto mais eu me sentia impotente para amá-lo com um amor recíproco, mais me devorava interiormente um amor secreto. Então, eu seguia buscando segredos em minha baixeza, como se angustiado e embriagado de amor, não sabendo o que fazia. E, coisa estranha, neste trabalho da alma, tanto os ímpetus do infinito em perfeição, como os do infinito de minha baixeza, eram igualmente fogos de amor que me consumiam com seus ardores.

“L’Homme interieur, ou La Vie du vénérable père Jean-Chrysostome, religieux pénitent du tiers-ordre de Saint-François”, in *L’Imitation de Jésus-Christ*, Brepols, Tuschout, 1905.

## SANTO AGOSTINHO

Eis um belo texto em que Santo Agostinho nos descreve: “O meu Deus, o que é que amo quando vos amo? ... É uma certa luz, uma certa voz, um certo odor, um certo alimento, um certo abraço: tudo isto não sendo experimentado senão pelo que ha em mim de interior. Minha alma vê brilhar uma luz que não está no espaço, ela escuta um som que não se cala com o tempo, ela sente um perfume que o vento não leva embora, ela saboreia um alimento que a avidez não faz diminuir, ela se apeg a um objeto que a saciedade não a faz abandonar. Eis o que amo quando amo meu Deus”.

Adolphe-Alfred Tanquerey, *Précis de théologie ascétique et mystique*, Société de Saint Jean l’Evangéliste, Desclée et Cie, Paris, 1923.

### JACOB BOEHME

É porque suplico por Deus que ele me libera de Deus, pois meu ser essencial está acima de Deus desde que nós compreendamos Deus como princípio das criaturas. Neste mesmo ser onde Deus está acima do ser e acima da distinção, eu era eu mesmo, eu queria a mim mesmo, eu me conhecia a mim mesmo para criar este homem que sou.... É porque eu sou não nascido e segundo meu modo não nascido, não posso morrer jamais. ... Em meu nascimento eterno, todas as coisas nasceram e eu fui a causa de mim mesmo e de todas as coisas. ... Com efeito, o dom que recebo nesta descoberta, é que eu e Deus, nós somos um.

In, Louis Gardet, *La Mystique*, trad. Ancelet-Hustache, coleção Que Sais Je?, Presses Univertsitaires de France, Paris, 1970, II, pp. 148-149.

### SÃO JOÃO DA CRUZ

... Estava tão embevecido,  
Tão absorto e alheado,  
Que se quedou meu sentido  
De todo o sentir privado,  
E o espírito dotado  
De um entender não entendendo,  
*Toda a ciência transcendendo.*

O que ali chega deveras  
De si mesmo desfalece;  
Quanto sabia primeiro

Muito baixo lhe parece,  
E seu saber tanto cresce,  
Que se queda não sabendo,  
*Toda a ciência transcendendo.*

Este saber não sabendo  
É de tão alto poder,  
Que os sábios discorrendo  
Jamais o podem vencer,  
Que não chega o seu saber  
A não entender entendendo,  
*Toda a ciência transcendendo.*

São João da cruz, *Obras Completas*, Editora Vozes, Petrópolis,  
em co-edição com o Carmelo Descalço do Brasil, 1984, p. 39.

## MESTRE ECKHART

“Cada linha de Mestre Eckhart testemunha o embaraço diante da inadequação fundamental da língua perante a alegria experimentada. Talvez haja balbucios ilógicos que mobilizam forças mais profundas em nós como não o faz o rigor de um discurso construído. Mestre Eckhart ousou o desafio do ‘místico especulativo’: expor sob vestimenta racional a proximidade transbordante da origem. O fato de essa vestimenta estar furada em todas as partes é para nós ainda um indício do fogo que a consumia.” (Reiner Schürmann)

Digo pois: quando o homem, a alma, o espírito contempla a Deus, ele se sabe e conhece como conhecente, quer dizer: ele sabe que contempla e conhece a Deus. Ora, houve quem opinasse – como aliás parece ser assaz verossímil – que a flor e o cerne da bem aventurança residem naquele conhecimento em que o espírito conhece que conhece a Deus; pois, se eu tivesse tudo o que é deleite e não o soubesse, que me aproveitaria isso, e que espécie de deleite seria isso para mim? No entanto, eu digo com certeza que assim não é. Embora seja verdade que sem isso a alma não seria bem aventurada, não obstante, a bem aventurança não reside nisso; pois a bem-aventurança consiste, principalmente, em que a alma contemple a Deus sem véu. É nisso que ela recebe todo o seu ser e a sua vida e tira do fundo de Deus tudo o que ela é, sem nada saber de saber nem de amor nem do que quer que seja. A alma se aquieta total e exclusivamente no ser de Deus. Nada sabe ali senão o ser e Deus. Quando porém ela sabe e conhece que contempla, conhece e ama a Deus, isto constitui – segundo a ordem natural – uma saída do Primeiro, e um retorno a Ele ...

Quando a alma recebe um beijo da Divindade, ela adquire toda a sua perfeição e sua beatitude, e então ela é abraçada pela Unidade (*In Diebus suis placuit Des*).

Eis o que Mestre Eckhart nos disse de mais preciso sobre o modo impessoal de sua experiência interior. E desta vez, se revelando: “Se vocês pudessem reconhecê-lo com meu coração, compreenderiam o que digo e a verdade o diria por si mesma”. (*Introit Jesus in quoddam castellum*)

Eckhart não foi mais longe na confidência.

Mestre Eckhart, *O Livro da Divina consolação e Outros Textos Seletos*, Editora Vozes, Petrópolis, 1991, p. 96.

## SÃO JOÃO, O EVANGELISTA

Eu, João, vosso irmão e vosso companheiro na tribulação, na realeza e na constância em Jesus. Eu me encontrava na ilha de Patmos, por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus. Caí em êxtase, no dia do Senhor, e ouvi atrás de mim uma voz clamar, como uma trombeta: “Tua visão, escreve a num livro para enviá-la às sete Igrejas

Voltei-me para olhar a voz que me falava; e me havendo voltado, vi sete candelabros de ouro e, no meio dos candelabros, alguém semelhante a um Filho de homem, trajando uma veste longa e cingido à altura do peito com um cinto de ouro. Sua cabeça, com seus cabelos brancos, é como a lã branca ou a neve, seus olhos são como uma chama ardente, seus pés, semelhantes ao bronze precioso purificado num cadinho, sua voz é como o rugir de muitas águas. Em sua mão direita ele traz sete estrelas e de sua boca sai uma espada afiada, de gume duplo; e seu rosto é como o sol que brilha com todo o seu esplendor.

Perante ele, caí a seus pés como morto.

Apocalipse 1, 9-11.

## SÃO PAULO

Foi assim que me encaminhei para Damasco com plenos poderes e a missão dos sumos sacerdotes.

No caminho, próximo do meio-dia, vi, ó rei, proveniente do céu e mais brilhante que o sol, uma luz que refulgia ao meu redor e ao redor dos que me acompanhavam. Todos nós caímos por terra, e escutei uma voz que me dizia em língua hebraica: “Saul, Saul, por que me persegues?” Perguntei: “Quem és tu, Senhor?” O Senhor diz: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Mas ergue-te e mantém-te de pé. Pois foi para isto que te apareci: para te constituir servidor e testemunha da visão na qual acabas de me ver e daquelas nas quais tornarei-a-me mostrar a ti”.

Atos 26,12-16.

Seus companheiros de viagem estavam parados, mudos de espanto: eles ouviram bem a voz, mas sem ver ninguém.

Saul ergueu-se do chão, mas embora mantivesse os olhos abertos, não enxergava nada. Conduziram-no pela mão para fazê-lo entrar em Damasco. Durante três dias ele permaneceu sem ver, não comendo nem bebendo nada.

Atos 9, 7-9.

BLAISE PASCAL



Ano da Graça de 1654

Segunda-feira, 23 de novembro, dia de São Clemente

Papa e mártir e outros no martirológio romano

Véspera de São Crisógono mártir, e outros etc.

Desde aproximadamente dez e meia da noite

até cerca de meia-noite e meia.

---

## FOGO

---

Deus de Abraão. Deus de Isaac. Deus de Jacó não *de* filósofos e *de* eruditos

*Certitude joye certitude, sentiment veue joye paix.*<sup>1</sup>

Deus de Jesus Cristo *Deum meum a Deum vestrum*

Jeh. 20.17

Teu Deus será meu Deus. Rute.

Esquecimento do mundo e de tudo exceto Deus

Ele não é encontrado senão pelas vias ensinadas  
no Evangelho. Grandeza *da* alma humana.

Pai justo, o mundo não te

conheceu, mas eu te conheci. Jeh. 17

Alegria, alegria, alegria, e prantos de alegria

Separei-me dele \_\_\_\_\_

*Dereliquerunt me fontem aqua viva* \_\_\_\_\_ meu Deus me abandonareis  
vós \_\_\_\_\_

que eu não seja separado dele eternamente.

---

Esta **é** a vida eterna que eles te conhecem

Único Deus verdadeiro e aquele que tu enviaste

Jesus Cristo \_\_\_\_\_

Jesus Cristo \_\_\_\_\_

Eu me separei dele eu o renunciei, o crucifiquei,  
que eu dele jamais seja separado \_\_\_\_\_

Ele não é conservado senão pelas vias ensinadas no Evangelho

Renúncia total e doce \_\_\_\_\_

Submissão total a Jesus Cristo e a meu Diretor.

eternamente em alegria para um dia de exercício sobre a terra *non obliviscar sermones tuos*. Amem.

Talismã de Pascal. Documento encontrado por um criado, dentro de um bolso,  
após sua morte. Uma cópia se encontra na Biblioteca Nacional, em Paris.

## SANTA TERESA DO MENINO JESUS

Alguns dias após minha oferenda ao Amor Misericordioso, comecei no coro o exercício do Caminho da Cruz, quando me senti aubitamente ferida por uma flecha de fogo tão ardente que pensei que fosse morrer.

Não sei como explicar esse arrebatamento, não há comparação que possa fazer compreender a intensidade daquela chama. Parecia-me que uma força invisível mergulhava-me no fogo por completo. Ah! Que fogo! Que doçura!

Como a Madre Superiora perguntou-lhe se aquele arrebatamento era o primeiro de sua vida, ela respondeu simplesmente:

Minha Mãe, eu tive vários arrebatamentos de amor, particularmente uma vez, durante meu noviciado, quando fiquei uma semana inteira bem longe deste mundo. Não consigo traduzir em palavras, mas parece-me que eu agia com um corpo emprestado; havia como que *um véu* lançado por *mim* sobre todas as coisas da terra. Mas *eu não* era queimada por uma chama real, podia suportar aquelas delícias sem esperar *ver meus* vínculos se romperem sob seu peso. Em contrapartida, naquele dia do qual *falo*, *um* minuto, um segundo mais, minha alma se separaria do corpo ...

Ai de mim! Eu me encontrava novamente na terra, e a sequeidão tornou imediatamente a habitar meu coração!

*Sainte Thérèse de l'Enfant Jésus, Histoire d'une âme écrite par elle-même, Office Central de Lisieux.*

## O EREMITA JULIENNE DE NORWICH

Ele me mostrou, na palma de minha mão, um pequeno objeto do tamanho de uma avelã e redondo como uma bola. Eu o olhei com os olhos do meu entendimento, e perguntei a mim *mesmo*: o que pode ser isso? e a resposta foi, em suma: isso é tudo o que foi feito.

In Pl. Morrison e col., *Les puissances de dix*, Belin, 1984.

Vede! Eu sou Deus! Vede! Eu estou em todas as coisas! Vede! Eu faço todas as coisas!

Citações in *Les Révélations du divin amour*, editadas a partir de um manuscrito do British Museum, por Grace Warrick, Mathuen and Co., Londres, 1901.

## VALENTINO

O mais importante teórico do Gnosticismo foi, no século II depois de Cristo, o filósofo egípcio cristão Valentino. Ele foi a Roma, rompeu com a Igreja e foi fundar uma escola – que se tomou a Igreja do Oriente – em Chipre. Uma visão iluminadora

o transformou. Hipólito relata que Valentino, tendo visto um bebê recém nascido, perguntou-lhe quem era, e aquele respondeu lhe que era o Logos.

Transcrevemos, a seguir, um hino deste filósofo:

Vejo tudo misturado ao Pneuma no éter.

Vejo no espírito tudo sustentado pelo Pneuma,

A carne suspensa pela alma,

A alma transportada pelo ar,

O ar suspenso no éter,

Frutos saindo do abismo,

Uma criancinha saindo da matriz.

*Eleuchos*, VI, 37. Relatado por H. Leisang in *La Gnose*.

Em êxtase, seu espírito se separava do corpo: ele se erguia no éter e penetrava no mundo irreal. Retornava à terra e contava suas revelações. Ele descreveu a imagem do Demiurgo, “mergulhado no esplendor do mundo do Espírito”. O Homem se integra no Cosmos espiritual “imane a Deus”.

In F.D. Dumas, *La Lamière et l'illumination*, Dangles, Paris, 1982.



## O HINDUÍSMO: IOGA E TANTRA

*A manifestação de uma verdadeira consciência supramental será, portanto, a realidade capital que permitirá a vida divina. Somente quando todos os movimentos do pensamento, todos os impulsos; todos os atos forem governados e dirigidos por uma consciência verdadeira, independente e luminosamente automática, quando nossa natureza por inteiro for constituída por ela, feita de sua substância é que a vida divina será completa e absoluta. Mesmo no estado atual das coisas e nos fatos, mas não nas aparências, um conhecimento, uma verdade secreta, independente, luta por se manifestar na criação aqui embaixo. O Divino já está aqui, imanente em nós, nós somos Aquilo em nossa realidade profunda – é esta realidade que devemos manifestar.*

Sri Aurobiando, *La Manifestation supramentale sur la Terra*,  
Buchet-Castel, Paris, 1974.

# BRAHMAN

O hinduísmo é, sem dúvida alguma, uma das mais antigas tradições das que temos conhecimento. Ela encontra sua raiz nos textos védicos. Os Vedas, seguidos pelos Upanixades, constituem a base do bramanismo, cujo objetivo essencial é realizar em si próprio a unidade do *Atman*, ou Si individual, e do *Brahman*, o Ser universal. É a experiência do samádi.

Toda a tradição gira em torno desta realização. O *Mandukya* e *Karika* Upanixade, por exemplo, é muito preciso quando distingue quatro estados de consciência que são “quatro Quartos” do *Atman*. É o quarto estado que constitui a realização suprema simbolizada pelo OM:

Upanixade 1 – Diz-se: OM! pois esta sílaba representa este nosso universo por inteiro, que é assim designado: “o que foi, o que é, o que será”.

Sim, a sílaba OM é o universo todo; e esta outra coisa que está além dos três espaços temporais, é também a sílaba OM.

Up. 2 – Mas o universo é Aquilo, é o *Brahman*; ora, o *Brahman* é o *Atman* que aqui está, e o *Atman* que aqui está é composto de quatro Quartos.

Up. 3 – O primeiro Quarto é o Fogo “comum-a-todos os seres”: ele corresponde ao estado de vigília, onde se tem conhecimento do mundo exterior; com sete membros, com dezenove bocas, ele desfruta do universo material.

Up. 4 - O segundo Quarto provém da Luz: ele corresponde ao estado de sono leve, com sonhos, onde se tem conhecimento do mundo interior; com sete membros, com dezenove bocas, ele desfruta do elemento sutil.

Up. 5 – O terceiro Quarto, por sua vez, provém do Conhecimento e corresponde ao estado de sono profundo, sem sonhos; ainda que dormindo, não desejamos nada, não vemos nenhum sonho; tendo realizado a Unidade, não somos nada além de conhecimento e beatitude;

desde então, tendo feito do pensamento sua boca, o terceiro Quarto desfruta da beatitude.

Up. 6 – É Ele, o Senhor do universo, o Onisciente, o Regente interno! Ele é a matriz de todas as coisas pois é ao mesmo tempo a origem e o fim de tudo o que existe.

O quarto estado corresponde ao fim da dualidade sujeito objeto. É despertando destes estados de torpor, que são o de vigília e o de sonho, que alcançamos a iluminação. O texto<sup>1</sup> é claro a esse respeito.

Karika 1. 14 – “Os dois primeiros estados, o Comum e o Luminoso, são condicionados pelo sono e o sonho; o Conhecedor pelo sono sem sonho; mas no Quarto não há nem sono nem sonho”, dizem aqueles que sabem.

Kar. 1. 15 - Na vigília e no sonho apreendemos somente o erro; no sono profundo não conhecemos a Realidade última: quando esses dois erros, comuns aos três primeiros estados, são ultrapassados, atingimos o Quarto estado.

Kar. 1. 16 - Quando o vivente, adormecido pela ilusão cósmica que não tem nem começo nem fim, desperta para a verdade, ele percebe o que é a unidade permanente, desprovida de sono e de sonho.

Kar. 1. 17 – E se este nosso mundo existisse verdadeiramente, então, com certeza, ele se desvaneceria; se ele subsiste, é porque ele não é mais que dualidade e ilusão; a unidade, ao contrário, é a realidade suprema.

Kar. 1. 18 – A diversidade fenomênica, além disso, desapareceria facilmente se ela não existisse senão na imaginação deste ou daquele: não se fala dela senão por necessidades

pedagógicas; mas para quem chega ao conhecimento, a dualidade deixa de existir.

1. A. M. Esnoul. *L'Hindouisme*, Paris, Fayard et Denoël, 1972, p. 134-137,

In A.M. Esnoul, *L'Hindouisme*,  
Fayard et Denoël, Paris, 1972, pp. 1134-137.

Os textos épicos posteriores, como o *Mahabharata* e o *Ramayana*, são verdadeiros tratados de ioga, sob forma simbólica ou mesmo de conselhos diretos pela boca de seus personagens, de hinos e de salmos.

Os sutras são textos de ioga de caráter mais técnico. O Ioga consiste, etimologicamente, em recolher, reunir, colocar sob domínio o que está disperso, em religar o que está desligado. Começando por métodos de descondicionamento e de restabelecimento de uma ética – os *yama* e os *nyama* –, é através de posturas especiais, de experiências de respiração e de concentração que se chega ao samádi.

O tratado de Patanjali,<sup>1</sup> intitulado *Yoga-sutra*, constitui um conjunto clássico de técnicas que permitem chegar à realização. Ele começa assim:

1. Agora uma exposição de ioga (vai ser feita).

2. Ioga consiste na detenção (intencional) das atividades espontâneas da substância mental.

1. In I.K. Taimni, *La Science du yoga*, Adyar, Paris, 1974.

3. Então o vidente está estabelecido em sua natureza essencial e fundamental.

Eis o que nos diz Ramana Maharishi a respeito deste estado:

A iluminação vem do coração e chega ao cérebro, sede do espírito. O mundo é visto com o espírito; assim vocês vêem o mundo pela luz refletida do Si. O mundo é percebido por um ato do espírito. Quando o espírito é iluminado, ele é consciente do mundo, quando ele não é iluminado, ele não é consciente do mundo.

O Si próprio em sua pureza é vivenciado no intervalo entre dois estados ou entre dois pensamentos. O ego é como uma lagarta que solta uma folha apenas quando já se apoderou de outra. Sua verdadeira natureza é conhecida quando ele é subtraído do contato com os objetos ou os pensamentos. É necessário que vocês compreendam este intervalo como sendo a permanente Realidade sem mudança, seu ser real, graças à convicção adquirida pelo estudo dos três estados

... Qualquer que seja o estado em que nos encontremos, nossas percepções participam desse estado. A explicação disso é que no estado de vigília o corpo físico capta nomes e formas físicas; no estado de sonho, o corpo mental capta as criações mentais em suas múltiplas formas e nomes; no sono profundo sem sonho, não existindo mais a identificação com o corpo, não há percepções; da mesma maneira, no Estado transcendental, a identidade com *Brahman* (o Si) coloca o homem em harmonia com tudo, e não há nada fora do Si.

“Conhece-te a ti mesmo” e o que temos o costume de dizer. Mesmo isto não está correto. Pois, se falamos de conhecer o Si, deveria haver aí dois Si, sendo um o

conhecedor do Si e, outro, o Si que é conhecido, da mesma maneira que o processo do conhecimento. O estado a que chamamos de realização consiste simplesmente em ser si mesmo, não conhecendo nada nem se tornando nada. Se nós o realizamos, somos o que unicamente é sempre foi.

A realização do Si é o maior auxílio que pode ser prestado à humanidade. Eis porque se diz que os santos são éteis, mesmo quando permanecem nas florestas. O auxílio é imperceptível, porém, presente. Um santo auxilia a humanidade inteira, ainda que ignorado por ela.

Não há maior mistério que esse – o de que sendo nós mesmos a Realidade, buscamos alcançar a Realidade. Pensamos que existe alguma coisa obstaculizando nossa Realidade, algo que deve ser destruído antes de alcançarmos a Realidade. Isto é ridículo. Dia virá em que vocês rirão de seu próprio esforço.

Ramana Maharishi, *Thus Spoke Ramana Sri Ramanasraman*,  
Tiruvannamalai, 1971.

O hinduísmo é também a fonte dos Tantras, isto é, textos que se ocupam de métodos de transformação da energia, do despertar da *shakti kundalini*, ou energia primordial situada na base da coluna vertebral, como uma serpente enrolada em uma espiral de três voltas. Foi sobretudo o xivaísmo da Caxemira que guardou até hoje uma tradição intacta de transmissão direta por um mestre encarnado, como o foi Muktananda.

Eis um texto tântrico clássico:

18-19 – Uma vez que não pode haver jamais nenhuma distinção entre energia e detentor de energia, nem entre substância e atributo, a energia suprema é idêntica ao Si supremo ...

20-21 – Se aquele que penetra no estado da energia percebe que não há nenhuma distinção nele, sua energia divinizada (*savi*) assume a essência de Shiva e nós a chamamos então de “abertura”.

Da mesma forma que, graças à luz de uma lâmpada ou aos raios do sol, tomamos conhecimento das diversas partes do espaço, assim também, ó bem amado!, é graças à sua energia que podemos conhecer Shiva.

In, A.M. Esnoul *L'Hindouisme*, Fayard et Denöel, Paris, 1972.

Na tradição tântrica da Caxemira, o mestre desperta diretamente a *kundalini*, seja através do toque, seja pelo pensamento ou pelo olhar. Suas manifestações são bastante diversas e dependem de condições individuais. Todavia, uma vez desencadeado, o processo evolutivo continua sem parar. Quando se é tocado pela graça, não há mais retrocesso possível.

Passemos, para finalizar, a palavra a Muktananda,<sup>1</sup> o qual, melhor do que ninguém, foi capaz de transmitir a tradição tântrica do xivaísmo da Caxemira.

Diga-se de passagem, para o leitor desprevenido, que todas estas divindades hinduístas, como Shiva,<sup>2</sup> por exemplo, são unicamente representações simbólicas de diferentes aspectos do Ser ou *Brahman*. Assim, Shiva simboliza a destruição dos apegos característicos de nossa era.

O grau de liberdade que uma pessoa atinge depende da extensão pela qual ela assimila os objetos no Si. A libertação final ou o fato de alcançar a liberdade perfeita consiste na assimilação de todos os objetos no sujeito, ou self. Assumindo-se que o processo de assimilação é inverso ao processo de manifestação, ele é caracterizado por uma interiorização crescente e por uma universalização da visão acompanhada de um acréscimo progressivo de liberdade. Ao final, quando todos os objetos estão totalmente absorvidos, a polaridade sujeito-objeto se rompe; e o espírito se dissolve na Consciência Pura. Eis o que significa a realização do Si Supremo. Para um espírito assim realizado, os objetos de conhecimento e o processo cognitivo não diferem do conhecedor. Ele não considera mais a si mesmo como uma alma individual, pois o conceito de individualidade está fundado sobre uma falsa noção segundo a qual existem um sujeito e um objeto. Para o espírito realizado, tudo aquilo que anteriormente foi vivenciado como exterior aparece agora como interno. Quem conhece o Si não tem mais medo de nada nem se aflige, pois a Fonte Suprema de toda diversidade é iniperecível.

1. *Introduction to Kashmir Shivaisme*, Syda Foundation Oakland 1977, pp. 53-54.

2. O Ser Absoluto *Brahman* manifesta-se na existência sob a forma simbólica de Brahma;

Vishnu representa a força de conservação da existência, o que faz com que nos agarremos a ela, e Shiva simboliza o fim deste ciclo, ou seja, a liberação desse apego.

## RAMANA MAHARISHI

Ele tinha dezesseis anos quando a coisa aconteceu. Havia subido até o templo. Lá, não sei o que se passou entre Deus e ele.

Não obstante, ele saiu do local santo com olhos desprovidos de olhar e sem voz na boca.

Desceu ao tanque das purificações, e de lá saiu abandonando suas roupas nos degraus.

Saiu do templo, completamente nu, e acorreu-se ao pé das paredes exteriores; permaneceu lá durante vários dias sem se mexer.

As pessoas o sacudiam acreditando que ele dormia, mas ele mantinha os olhos abertos. Outros lhe levaram alimentos, que secaram a seus pés. Então mulheres piedosas lhe verteram na boca um pouco de leite, que restou no templo após haver escorrido sobre os deuses.

Finalmente, ele se levantou, andou e comeu, mas não falava nada. Se tinha fome, batia à porta de uma casa, e o que lhe traziam ele engolia e depois seguia seu caminho.

Depois de alguns meses, todo mundo o tomava por um louco e as crianças começaram a lhe atirar pedras.

Como não gostava de barulho, retirou-se para aquela montanha que não mais deixou por trinta anos. Ela era então toda coberta de árvores e freqüentada pelas feras.

Alguns curiosos se aventuraram à sua procura. Eles o encontraram sentado dentro de uma gruta úmida, em meio aos escorpiões.

A reputação do Bem aventurado se propagou, a gruta tornou-se um local de peregrinação.

Quando o vi sentado sobre uma escadaria de pedra, deixei cair o cesto e, a face contra a terra, eu chorei sem mais poder me conter.

Ao erguer a cabeça, ele havia descido e inclinava-se sobre mim. Falou. Não falava há cinco anos e foi comigo que falou, devido às minhas lágrimas, e disse-me: “Meu filho, não chore. Ou melhor, chore agora e chore de revolta. Você chorou de desespero, mas eis chegadas as lágrimas de salvação”.

*In Lanza del Vasto, Le Pèleringe aux sources, Denöel, Paris, 1982.*

A grande mudança em minha vida ocorreu cerca de seis semanas antes de eu sair de Madura. Aconteceu subitamente.

Eu estava sentado sozinho em um dos aposentos do primeiro andar da casa de meu tio.

Eu quase nunca adoecera e, naquele dia, minha saúde era normal, mas fui tomado por um brusco medo da morte. Não havia nada em meu estado de saúde que pudesse justificar aquilo, e não procuro explicar ou encontrar alguma razão para aquele medo. Somente senti “Eu vou morrer” e comecei a pensar no que deveria fazer a respeito disso. Não me ocorreu a idéia de consultar um médico, minha família ou meus amigos. Senti que deveria resolver o problema por mim mesmo, naquele instante e naquele lugar.

O impacto do medo da morte dirigiu minha atenção para meu interior e eu disse mentalmente a mim mesmo, sem formular verdadeiramente as palavras: “Agora a morte chegou; o que significa isso? O que é que morre? O corpo morre”. E então passei a representar o acontecimento da morte.

Deitei-me com os membros estendidos e rígidos como se a rigidez cadavérica houvesse chegado e imitei um morto para dar mais realidade à minha pesquisa. Retive a respiração e mantive os lábios hermeticamente fechados para que nenhum som pudesse escapar, para que nem sequer a palavra “Eu” ou qualquer outra pudesse ser pronunciada. “Muito bem”, disse a mim mesmo, “este corpo está morto. Ele será conduzido rapidamente ao local da cremação e lá queimado e reduzido a cinzas. Mas estou morto com a morte deste corpo? Será que o corpo é o Eu? Ele está silencioso e inerte, mas eu sinto a força plena de minha individualidade e até mesmo a voz do Eu em mim, separada dele. Eu sou pois o Espírito transcendendo o corpo. O corpo morre, mas o Espírito que o transcende não pode ser atingido pela morte. Isto significa que eu sou o Espírito Imortal.”

Tudo aquilo não era um pensamento inerte: aquilo brilhava luminosamente em mim como uma verdade viva que eu percebia de modo direto, quase sem associação de idéias. “Eu” era qualquer coisa de muito real, a única coisa real em meu estado de então, e toda a atividade consciente ligada a meu corpo estava centrada sobre esse “Eu”. Apartir daquele momento o “Eu” ou o Si concentrou a atenção sobre ele mesmo através de uma poderosa fascinação. O medo da morte havia desaparecido para-sempre. A absorção no Si continuou sem interrupção a partir de então. Os outros pensamentos podiam ir e vir como as diferentes notas de um trecho musical, mas o “Eu” continuou sendo a nota fundamental que sustenta e une todas as outras notas. Quer o organismo estivesse engajado em uma conversação, uma leitura, ou o que quer que seja, eu estava sempre centrado sobre o “Eu”.

Antes dessa crise, eu não tinha nenhuma percepção clara de meu Si e não experimentava nenhuma atracção consciente por ele. Eu não sentia nenhum

interesse direto ou perceptível por esse assunto, e ainda menos qualquer inclinação que me situasse nele de forma permanente.

In Arnaud Desjardins, *Ashrams - Les Yogis et Les Sages*, La Table Ronde, Paris, 1962.

## GOPI KRISHNA

Como a transformação de meu estado de consciência é a particularidade mais importante de minha experiência, aquela sobre a qual desejaria chamar a atenção, devido à extensão incalculável de seus resultados, é necessário que eu me estenda um pouco mais sobre esta modificação extraordinária, que durante muito tempo considerei como uma anomalia ou uma ilusão.

O estado de consciência elevado e ampliado, permeado por uma indizível felicidade de ordem supraterestral, o qual experimentei quando da primeira manifestação da serpente de fogo em mim, era um fenômeno interior, de natureza subjetiva, indicando uma expansão do campo de consciência, ou do eu conhecedor, sem forma, invisível e infinitamente sutil. Em o observador dentro do corpo, sempre além de qualquer exame, impossível de definir ou descrever. A partir da unidade de consciência que eu em originalmente, dominada pelo ego, e à qual eu estava habituado desde a infância, eu me expandia repentinamente em um círculo de consciência resplandecente, que se alargava cada vez mais, até que um máximo fosse atingido: o “eu” continuava a ser o que sempre fora, mas em lugar de uma unidade constrangedora, limitadora, ele próprio estava agora arcado de uma esfera de consciência luminosa de grandes dimensões. À falta de melhor comparação, eu diria que de minúsculo clarão que era, a consciência em mim se tornou um vasto lago de luz irradiante; o “eu”, completamente imerso nesse lago, tinha ao mesmo tempo pleno conhecimento do volume beatificamente resplandecente da consciência ao redor, tanto próxima quanto longínqua. Para ser mais preciso, havia a consciência do eu” ao mesmo tempo que um campo de consciência de vasta expansão, existindo simultaneamente, distintos e, no entanto, sendo apenas um.

Este fenômeno notável, indelévelmente impresso em minha memória, tão real que dele me recordo da mesma maneira que quando ele se produziu, não tornou a se repetir em todo o seu esplendor original senão muito tempo depois. Durante as semanas e os meses penosos que se seguiram, não houve nenhuma semelhança entre minha experiência inicial e as condições mentais extremamente perturbadas que vivi, com exceção do fato de que eu estava dolorosamente consciente de que ocorrera uma expansão, de uma maneira ou de outra, produzida naquilo que constituía a área de minha consciência, e que ela estava sujeita com frequência a contrações parciais.

Quando de minha vinda para Jammu, eu havia recobrado meu equilíbrio mental e, ao cabo de pouco tempo, fui plenamente restituído a mim mesmo, com todos os meus traços individuais e as minhas particularidades. Mas a incontestável modificação em minha faculdade cognitiva – que eu havia notado depois de certo tempo e que me era constantemente lembrada quando contemplava um objeto exterior ou uma imagem mental interior – não sofreu nenhuma mudança. O único fato novo é que, à medida que o tempo passava, o círculo luminoso em minha

cabeça se tornava cada vez maior, em graus imperceptíveis, com um aumento correspondente à expansão da consciência. Não havia dúvida alguma de que agora olhava o universo com a ajuda de uma superfície mental notavelmente ampliada, e que, por conseguinte, a imagem do mundo que eu percebia era refletida por uma superfície maior que aquela que provem meu espírito durante todos os anos desde minha infância até o momento de minha visão extática. A capacidade da esfera de minha consciência, sem dúvida alguma, havia aumentado, pois eu não podia me equivocar a respeito de um fato que eu constatava continuamente durante o estado desperto.

O fenômeno era tão estranho e tão fora do comum que estava convencido de que seria inútil buscar o exemplo de um caso análogo, mesmo se a insólita transformação fosse devida à ação do despertar da kundatini e não a uma singular anomalia que afetasse apenas a mim. Compreendendo também a futilidade de querer revelar a outrem essa evolução inteiramente fora do comum e mau dita, eu a conservava estritamente em segredo, e não disse nada, mesmo àqueles que me eram intimamente próximos. Como meu estado físico e mental não me causava mais nenhum mal estar, com exceção do fato de que apresentava essa inexplicável particularidade, deixei pouco a pouco de me preocupar com ele.

Conforme já expliquei ... nos estados iniciais de minha experiência dir-se-ia que observava o mundo através de uma bruma mental, ou, para ser mais claro, como se uma fina camada de poeira, extremamente fina, estivesse suspensa entre mim e os objetos percebidos. Não era um defeito ótico, pois minha visão estava mais penetrante do que nunca e a bruma parecia envolver não os objetos sensoriais, mas os órgãos perceptivos. A poeira estava sobre o espelho consciente que refletia a imagem dos objetos. Dir-se-ia que os objetos percebidos eram vistos através de um meio esbranquiçado, que os fazia parecer como se uma película uniforme e muito fina de pó de giz os cobrisse, sem baralhar nem de leve seu contorno, nem velar a cor normal própria de cada um. Essa película estava suspensa entre mim e o céu, os galhos e as folhas das árvores, a grama verde, as casas, as ruas pavimentadas, as roupas e os rostos das pessoas, emprestando a todos uma aparência esbranquiçada; era exatamente como se o centro de consciência em mim – que interpretava as impressões sensoriais – operasse agora através de um meio branco, que necessitava ser ainda mais refinado e purificado para se tornar de todo transparente.

Tal como no fenômeno de ampliação das imagens visuais, eu estava totalmente desorientado e não encontrava uma explicação satisfatória para a aparência esbranquiçada dos objetos percebidos. Nenhuma mudança de tempo, lugar ou condições atmosférica exercia qualquer efeito sobre essa transformação. Ela era tão evidente à luz das lâmpadas quanto ao sol, tão sensível sob a clara luz da manhã quanto sob o crepúsculo. De fato, a mudança era interior e não era afetada pelas variações de influências externas. Perplexo e permanecendo calado, continuei passando os dias e as noites em Jammu a ocupar-me de meus deveres e a aplicar-me às minhas tarefas como faziam todos os outros. A única razão plausível que eu podia entrever naquela mudança em minha faculdade cognitiva era esta: o princípio que anima o corpo e reside nele agora fazia funcionar esse mecanismo através de um meio vital modificado; este conduzia a uma modificação na qualidade e no comportamento das correntes nervosas que comandam as funções dos órgãos, assim como na qualidade das impressões sensoriais e de sua interpretação pelo espírito observador. Mas tudo o que acontecera e que ainda acontecia era de tal

forma despido de precedentes e inacreditável, que eu me sentia mais à vontade em mim mesmo, tratando tudo aquilo como uma anomalia, do que considerando o como um crescimento natural governado por leis biológicas – o que ao final viria a se confirmar.

Desta maneira, preso de dúvidas e inquietude, eu continuava a passar meu tempo em diversas atividades, até certo dia ensolarado em que estava a caminho de meu escritório: eu olhava ao acaso a fachada do Palácio Rajgarh, no qual estão instaladas as repartições do governo, e passeava o olhar pelo céu, pelo telhado e pela parte superior dos edifícios. A princípio olhava de relance, displicentemente; depois, tocado por alguma coisa estranha em sua aparência, com maior atenção, incapaz de desviar meu olhar; por último cravado no lugar, eu fixava com espanto aquele espetáculo, incapaz de acreditar no que meus olhos testemunhavam. Olhava uma cena que me era familiar antes de minha experiência maior e durante os últimos meses, mas o que eu via agora era tão extraordinário que fiquei completamente paralisado pela surpresa. Contemplava uma cena que não pertencia a este mundo mas a algum reino feérico: a fachada do edifício, antiga, degradada pelo tempo, sem ornamentação e banal, e a abóbada do céu acima dela, banhada pela viva luz do sol, estavam ambas iluminadas por um brilhante clarão prateado que lhes confrria uma beleza e um fausto gloriosos, e criava um efeito maravilhoso de sombras e claridade, impossível de se descrever. Ofuscado, encantado, voltei meus olhos para outras direções, para ser de novo fascinado pelo reflexo prateado que transfigurava todas as coisas. Certamente, eu era a testemunha de uma nova fase de minha transformação. O resplendor que percebia de todos os lados e em todos os objetos não emanava deles mas devia ser, sem nenhuma dúvida, a projeção de minha própria luminosidade interior.

Pandit Gopi Krishna. Koundalini, *L'Énergie évolutrice en l'homme*, Courrier du Livre, Paris, 1978.

## TUKARAM MAHARAJ

Tukaram Maharaj escreve:

Graças a uma experiência direta que a Shakti me concedeu durante uma meditação, compreendi que o Senhor supremo, Ele próprio, é todas as coisas.

E, em um outro trecho:

Quando, pela graça de meu guru, Sri Babaji, percebi o Si consciente, extremamente sutil e luminoso, diferente das luzes vermelha, branca, preta e amarela, o fluido da consciência purificou minha visão, tomando a divina. A partir de então, as distinções imaginárias entre dualismo e não dualismo desapareceram. Ultrapassei completamente a percepção das diferenças de tempo, espaço e substância. (Na verdade, não existe espaço, nem tempo nem substância. As diferenças não têm realidade.) Minha Alma apresentou-se como o universo, e o universo – supostamente realidade objetiva – apresentou-se como minha Alma. O mundo exterior nunca “é”. Somente o Absoluto “é”. Eu sou Ele (So’ham). Eu obtive d’Ele a revelação direta. Na verdade, eu sou o Absoluto. Eu, Tukaram, tomei-me Aquilo que se atinge pela contemplação Vedantina – “Tu és Aquilo” (Tat tvam asi), também chamado de beatitude transcendente.

## MUKTANANDA

Uma vez mais, eu contemplei a Pérola Azul, o Sat-Chit-Ananda, cuja visão concede a alegria livre de qualquer conflito, o conhecimento livre de toda dualidade, a experiência livre de toda dúvida, equilíbrio livre de toda agitação.

Caros aspirantes *siddhas*! Meditando como de costume, recebi repentinamente do Senhor Nityananda um intenso abalo interior. Os raios da luz vermelha puseram-se a brilhar nos setenta e dois mil nadis e em todas as células de meu sangue. A chama branca apareceu com seu suporte, em seguida a luz negra, a bem amada Pérola Azul, o fundamento de tudo! Minha meditação, de súbito, tornou-se mais intensa. Minha visão se fixou no alto. Enquanto eu contemplava a minúscula Pérola Azul, ela se pôs a aumentar de tamanho, difundindo seu brilho azul em todas as direções. Todo o espaço, da terra até o céu, foi iluminado. Não era mais uma pérola; ela se havia ampliado até tomar-se a Luz infinita. Essa luz foi descrita nos textos sagrados, pelos videntes (*rishis*) da verdade última, como a Luz consciente de *Chit* [Consciência Pura]. Eu vi realmente o universo emanar dessa Luz em expansão, como nuvens de fumaça emanam de um fogo. O cosmos me apareceu na Luz consciente e a Luz consciente, no cosmos, como fios em um tecido e o tecido nos fios. Assim como uma semente se transforma em árvore, com seus ramos, folhas, flores e frutos, também a própria Chit se transforma, em seu Ser próprio, e torna-se todas as criaturas: anjos e demônios, homens e mulheres, animais de todas as espécies. A Luz consciente apresentava-se a mim celestialmente bela; eu a sentia vibrar, cálida, de todos os lados, dentro, fora, em cima, embaixo – felicidade suprema envolvendo tudo. Meus olhos estavam abertos e, no entanto, eu estava em meditação. Como o mergulhador que afunda na água e se vê cercado de água, apenas água, eu estava completamente envolvido nessa Luz consciente. Naquele momento, o universo se dissipou; tudo estava banhado nas ondas resplandecentes dessa Luz. Como o deus sol projeta de todos os lados a infinidade de seus mios brilhantes, também a Luz azul difundia seus inúmeros raios luminosos ao meu redor.

Assim como o gelo torna-se água e a cânfora-se evapora, Nityananda se desvanece na Luz onipenetrante. Apenas resplandecia uma glória de Luz, sem nome nem forma. Então, o leque dos raios azuis convergiram até se tornarem novamente a Pérola Azul, tão pequena quanto um grão de gergelim. A Pérola imergiu no saltas rara de onde havia saído. Logo Muktananda foi privado de consciência e de memória. Toda a distinção entre o dentro e o fora desapareceu. Ele não tinha mais consciência de si mesmo. Aqui, há um segredo que não posso revelar, meu Guru não me autorizou a isso, pois não é esta a vontade de Deus nem dos *siddhas*.

Permaneci mergulhado em samádi durante algum tempo. Depois, como a Consciência testemunha reaparecesse, a Luz azul, denominada por Shankaracharya “o Azul eterno da Consciência”, jorrou novamente. Meu espírito fixou-se n’Ela. Senti que penetrava no interior da Pérola Azul, o fundamento azul de tudo, no centro do sahasrara. Mais uma vez, vi o universo desdobrar-se de todos os lados: homens e mulheres de todas as classes, de todas as idades, tinham em si a Pérola Azul, a

mesma que eu havia visto em mim. Percebi plenamente que ela era, na verdade, o Si interior que habita no sahasrara de cada um. Desse modo, minha meditação chegou ao fim. Retomando inteiramente consciência de meu corpo, continuei a perceber a Pérola Azul com o olho interior. Ela atraía minha atenção. Essa experiência me deu uma paz e uma equanimidade perfeitas.

Ainda hoje eu medito, mas tenho a certeza de que vi o que devit ver, que atingi o alvo. E aquela Luz sutil, serena, onipenetrante, que havia aparecido em seguida às três visões captadas na Pérola Azul não se dissipou nem alterou; Ela continua a banhar o universo exterior Mesmo de olhos fechados, eu A vejo, radiante, mais do que a doçura, mais terna que a ternura, mais sutil que a sutileza; quando abro os olhos, vejo os raios azuis ao meu redor. Cada vez que olho para uma pessoa, é a Luz azul que me aparece em primeiro lugar; quando olho para um objeto, vejo primeiramente os raios da Consciência, doces e sutis, depois o objeto. Para onde quer que se volte minha atenção, vejo o universo imerso nesta substância resplandecente de Luz. A partir daquela experiência vejo todas as coisas, grandes ou pequenas, da forma descrita por Tukaram: o “colírio” de raios azuis foi aplicado sobre meus olhos, concedendo-me a visão divina.

Desde então, quando a meditação me absorve, percebo a Pérola Azul no centro dos raios azuis da Luz consciente. Quaisquer que sejam minhas atividades, vejo essa substância de Luz suave de modo incessante. Ela brilha e tremula delicadamente. Envolve-me mesmo durante o sono. Esta Luz é “Aquilo” que penetra ao mesmo tempo dualidade e não dualidade e que me permitiu transcendê-las. Não vejo mais diferenças de espaço, tempo e substância. A Luz azul, sutil, que penetra todo o universo, impregna também minha alma.

Swami Muktananda Paramahansa, *Chitshakti vilas*, All India Press, Pondichéry, Índia, 1974.

## SRI NI SARGADATTA MATA RAJ

Antes de conhecer meu Guru, após numerosas discussões com pessoas religiosas, eu jurara a mim mesmo que jamais me deixaria convencer do que quer que fosse por nenhum ser humano. Quando cheguei aqui, um amigo me disse: “Vamos ver um sábio, ele não mora muito longe”. Respondi-lhe que não queria ir. Meu amigo insistiu: “Você não gastará nada, será tudo por minha conta”, e ele comprou guirlandas de flores e até mesmo um *dhoti* [tanga comprida] novo e uma camisa para mim, e então fomos. O Guru pediu-me para-segurar um relógio, logo disse que fechasse os olhos, e me iniciou. Depois de certo tempo, disse: “Vamos, abra os olhos”. Quando os abri, havia traído meu juramento e, a partir daquele instante, tornei-me um homem novo.

... Meu Guru fez penitência durante muito tempo e, finalmente, atingiu a verdade, mas disse-me: “Vou dar-lhe a verdade, não é necessário que você suporte todas as privações pelas que passei. Agora sei por que realizei todas essas ascetes e lhe entrego o conhecimento da verdade, esteja com ela”.

... Sentindo fé absoluta em Deus e em meu Guru, passei a buscar o divino, o mais alto. Ao longo desse processo, perdi o divino e me perdi eu mesmo.

... Meu Guru apenas me disse que eu era a Realidade: aceitei esse conceito e descobri que era verdadeiro. É daí que eu lhe falo.

... Neste Estado de Buda não há existência. Este estado está além de tudo isso, é meu estado natural ... Minha condição é a de não possuir mais o sentido de ser, o “eu sou” ...

... O conhecimento que possuo, qualquer que seja ele, é um conhecimento que não está ligado à consciência corporal, e isto constitui uma grande diferença.

*Sois!*, Éd. Deux Océans, Paris, s/d.

## RABINDRANATH TAGORE

Luz, minha luz, a luz que enche o mundo, a luz que beija o olhar, a luz que abrandando o coração!

Ah! a luz dança, meu amado, no centro da minha vida; a luz, meu amado, tange as cordas do meu amor; abre-se o céu, precipita-se o vento, percorre a terra uma risada.

As borboletas abrem as suas velas no oceano da luz. Lírios e jasmims desabotoam na crista das ondas da luz.

Em cada nuvem, meu amado, a luz esmigalha-se em ouro, e despeja uma profusão de pedrarias.

De folha em folha, meu amado, esparrama-se a alegria e um desmedido prazer. A caudal do céu inundou as suas margens, e saltou a onda da felicidade.

Rabindranath Tagore, *O Gitanjali*,

Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1939, pp. 63-64.

## PARAMAHANSA YOGANANDA

– Mukunda! – A voz de Sri Yuktésvar soou, proveniente de um lugar distante.

Senti-me tão rebelde quanto meus pensamentos. – O Mestre está sempre me incitando a meditar – murmurei para mim mesmo.

– Ele não deveria me perturbar quando sabe o motivo de minha vinda a esta sala.

Novamente me chamou; permaneci em obstinado silêncio. Na terceira vez, seu tom era ríspido.

– Senhor estou meditando – gritei, em protesto.

– Sei como está meditando – disse meu guru, em voz alta. – Com sua mente dispersa como folhas numa tempestade! Venha cá.

Contrariado e desmascarado, encaminhei-me tristemente para ele.

– Pobre rapaz, as montanhas não lhe podem dar o que deseja. – O Mestre falou de maneira cariciosa, confortadora. Seu olhar tranqüilo era insondável. – O desejo de seu coração se realizará.

Raras vezes Sri Yuktéswar expressava se por enigmas; eu estava surpreendido. Ele gotpeou meu peito levemente, acima do coração.

Meu corpo tornou-se imóvel como se tivesse raízes; o alento saiu de meus pulmões como se um imã enorme o extraísse. Instantaneamente o espírito e a mente romperam com sua escravidão ao físico e jorraram de cada um de meus poros como luz perfurante e tinida. A carne parecia morta e, contudo, em minha intensa lucidez, eu percebia que nunca antes estivera tão plenamente vivo. Meu senso de identidade já não se achava confinado à estreiteza de um corpo, mas abarcava os átomos circundantes. Pessoas em ruas distantes pareciam mover-se suavemente em minha própria e remota periferia. Raízes de plantas e árvores eram percebidas através de uma tênue transparência do solo; e eu distinguia a interna circulação da seiva.

A vizinhança inteira surgia desnuda diante de mim. Minha visão frontal comum havia se transformado em vasto olhar esférico que percebia tudo simultaneamente. Através de minha nuca, vi homens caminhando além da distante viela de Rai Ghat e também notei uma vaca branca aproximando-se preguiçosamente. Quando ela chegou à porta aberta do *ashram*, observei-a como se o fizesse com meus dois olhos físicos. Depois que passou para trás do muro de tijolos do pátio, continuei a vê-la, claramente.

Todos os objetos dentro de meu olhar panorâmico tremiam e vibravam como rápidos filmes cinematográficos. Meu corpo, o corpo de meu Mestre, o pátio com suas colunas, a mobília, o assoalho, as árvores e a luz do sol, tornavam-se, de vez em quando, violentamente agitados até que tudo se fundia num mar luminescente, assim como os cristais de açúcar, mergulhados num copo de água, diluem-se depois de serem sacudidos. A luz unificadora alternava-se com materializações de formas e as metamorfoses revelavam a lei de causa e efeito na criação.

Uma alegria oceânica rebentava nas praias serenamente intermináveis de minha alma. Atingi a realização de que o Espírito de Deus é Beatitude inesgotável; Seu corpo compreende incontáveis tecidos de luz. Um sentimento de glória crescente dentro de mim começou a envolver cidades, continentes, o planeta, os sistemas solares e as constelações, as tênues nebulosas e os universos flutuantes. O cosmos inteiro, suavemente luminoso, semelhante a uma cidade vista de alguma distância à noite, cintilava dentro da infinidade de meu ser. Para além de seus contornos definidos, a luz ofuscante empalidecia ligeiramente nos confins mais longínquos; ali eu via uma radiação branda, nunca diminuía. Era indescritivelmente sutil; as figuras dos planetas constituíam-se de uma luz mais densa.

Os raios luminosos dispersavam-se oriundos de uma Fonte Perpétua, resplandecendo em galáxias, transfiguradas com auras inefáveis. Vi, repetidas vezes, os facho criadores condensarem-se em constelações e depois dissolverem-se em lençóis de transparente chama. Por reversão rítmica, sextilhões de mundos transformavam-se em brilho diáfano e, em seguida, o fogo se convertia em firmamento.

Conheci o centro do empíreo como um ponto de percepção intuitiva em meu coração. Esplendor irradiante partia de meu núcleo para cada parte da estrutura

universal. O beatífico *amrita*, néctar da imortalidade, corria através de mim, com fluidez de mercúrio. Ouvi ressoar a voz criadora de Deus, AUM, a vibração do Motor Cósmico.

De súbito, a respiração voltou aos seus pulmões. Com desapontamento quase insuportável, constatei que havia perdido minha infinita vastidão. Mais uma vez me limitava à jaula humilhante do corpo, tão desconfortável para o Espírito. Como filho pródigo, eu fugira de meu lar macrocósmico e me encarcerara em um estreito microcosmos.

Meu guru continuava de pé, imóvel diante de mim; inclinei-me, no intento de me prostrar a seus santos pés em gratidão por me haver concedido a experiência da Consciência Cósmica que tão apaixonadamente eu buscam. Mas ele me impediu e, retendo-me de pé, disse com tranquilidade:

– Você não deve-se embriagar com o êxtase. Muito trabalho ainda resta para você fazer no mundo. Venha, vamos varrer o chão da sacada; depois caminharemos ao longo do Ganges.

Fui buscar a vassoura; o Mestre, eu sabia, estava me ensinando o segredo da vida equilibrada. A alma deve alargar-se sobre os abismos cosmogônicos, enquanto o corpo executa seus deveres diários.

Quando Sri Yuktésvar e eu saímos, mais tarde, para uma caminhada, eu ainda me encontrava enlevado em inenarrável arrebatamento. Eu via nossos corpos como duas figuras astrais, movendo-se sobre um caminho ao longo do rio cuja essência era de puríssima luz.

... A visão cósmica me rendeu muitas lições indeléveis. Aquietando diariamente meus pensamentos, pude libertar-me da ilusória convicção de que meu corpo era uma massa de carne e ossos a transitar pelo duro solo da matéria. A respiração e a mente inquietas, segundo constatei, são como tempestades que fustigam o oceano de luz, provocando ondas de formas materiais – terra, céu, seres humanos, animais, pássaros, plantas. Não se pode obter nenhuma percepção do Infinito como luz Única, exceto acalmando essas tempestades.

Sempre que eu tranquilizava os dois tumultos naturais, podia contemplar as numerosas ondas de criação dissolverem-se num mar reluzente, assim como os vagalhões do oceano, quando um temporal cessa, serenamente se liquefazem em unidade.

Um mestre concede a divina experiência da Consciência Cósmica quando seu discípulo, pela meditação, fortaleceu sua mente a tal grau que as imensas perspectivas não o esmagam. Mera vontade intelectual ou compreensão não bastam. Somente a adequada ampliação da consciência pela prática da ioga e da *bhakti* devocional podem preparar alguém para amortecer o choque liberador da onipresença.

A divina experiência chega com inevitabilidade natural ao devoto sincero. Seu intenso anelo começa a atrair Deus com força irresistível. O Senhor, como Visão Cósmica, é atraído por esse ardor magnético para o âmbito de consciência de quem O busca.



## A TRADIÇÃO JUDAICA

*... Tua razão se iluminará e te fará ver  
o caminho dos degraus elevados...*

*Reconhecerás as realidades superiores; contemplarás os mistérios abissais; no  
resplendor de teu coração, na pureza de tua alma, no poder de tua fé. Não te  
separarás jamais da alegria tanto na terra como no céu, devido ao esplendor que  
terás contemplado e à imensidão do mistério a ti revelado pelo socorro que a ele  
leva, do Senhor bendito.*

Baya, in *Les Devoirs du coeur*, tradução de André Chouraqui,

Desclée de Brouwer, Paris, 1978.

## VISÃO

Ao longo de toda a história judia, desde os tempos bíblicos até nossos dias, têm surgido periodicamente homens que receberam uma revelação direta sobre o Real e procuraram transmitir sua vivência mística, cuja característica extática era com frequência evidente. Suas visões chegavam muitas vezes no momento em que a tradição transmitida por seus antecessores se deteriorara e perdera seu verdadeiro sentido aos olhos do povo ou mesmo dos eruditos de Israel. A história bíblica é, de fato, uma luta constante entre as forças da ignorância e as sucessivas tentativas dos inspirados de Israel, desde Abraão até os profetas, passando por Moisés.

“Se há entre vós um profeta, é em visão que me revelo a ele, éem sonho que lhe falo.” (Números, 12, 6)

Maimônides, apoiando-se neste versículo – exatamente como a psicologia

transpessoal – mostra nos como esse estado de consciência vizinho do sonho se estende sobre o que ele denomina a faculdade imaginativa – diríamos hoje, o imaginário, inspirando nos em Gilbert Durant. Eis textualmente o que Maimônides nos diz acerca disso:

Saiba que a profecia, na realidade, é uma emanção de Deus, que se propaga por intermédio do Intelecto ativo, primeiro sobre a faculdade racional e em seguida sobre a faculdade imaginativa; é o mais alto grau no homem e o termo da perfeição à qual sua espécie pode chegar, e este estado é a mais alta perfeição da faculdade imaginativa. É algo que de maneira alguma poderia existir em todos os homens, e não é uma coisa à qual se possa chegar aperfeiçoando-se nas ciências especulativas e pelo aprimoramento dos costumes, mesmo que fossem eles os melhores e os mais belos, se a isso não se associa a maior perfeição possível da faculdade da imaginação em sua formação primem. Você sabe que a perfeição destas faculdades corporais, entre as quais está a faculdade imaginativa, depende da melhor compleição possível do órgão que carrega tal faculdade, de sua mais bela proporção e da maior pureza da matéria; esta é uma coisa cuja perda é absolutamente impossível de se reparar, ou de suprir a imperfeição, por meio de regras observadas na maneira de viver. Pois o órgão cuja compleição tem sido ruim desde o início de sua formação, as prescrições reparadoras podem no máximo conservá-lo num certo grau de saúde sem, no entanto, poder conduzi-lo à melhor constituição possível; contudo, se sua enfermidade provém de sua desproporção, posição ou substância, isto é, da matéria mesma de que foi formado, então não há meio de remediar isso. Você sabe muito bem disso; portanto seria inútil dar longas explicações a esse respeito.

Você conhece também as ações desta faculdade imaginativa que consiste em guardar a lembrança das coisas sensíveis, em combiná-las e, o que é particularmente inerente à sua natureza, em retrair as imagens; sua atividade maior e a mais nobre somente ocorre quando os sentidos repousam e param de funcionar, e é então que sobrevém uma certa inspiração decorrente de sua disposição, e que é a causa dos verdadeiros sonhos e também da profecia. Ela difere apenas na quantidade; sua qualidade é a mesma. Você sabe o que os doutores disseram em diferentes oportunidades: “O sonho é um sexagésimo da profecia”.

*Maimonides*, PUF, Paris, 1964.

O livro mais completo que conhecemos sobre a mística judaica é o de Guersbom Scholem;<sup>1</sup> aqueles que se interessam pelas diferentes correntes da mística na história do judaísmo, nele encontrarão uma fonte bastante fértil de informações.

1. G. Scholem, *Les Grands courants de la mystique juive*, Payt, Paris, 1968 Em português, *As Grades Correntes da Mística Judaica*, Editora Perspectiva. São Paulo, 1912.

Ele nos mostra o quanto a experiência mística impregnou constantemente a história de Israel, inspirando-se de modo particular na Merkabah ou carro de Ezequiel, desenvolvendo a tradição cabalística da Idade Média, da qual resta uma

escola em Safed, Israel, e os hassidim, que subsistem ainda em nossa época.

Tanto a cabala como o bassidismo iam por objetivo essencial a saída da dualidade da Árvore do Conhecimento e o retomo à Arvore da Vida, isto é, àquela Sabedoria primordial que Salomão reivindicava. Trata-se do Debequth ou da União, na qual mestre e discípulo, conhecimento conhecedor e conhecido não são mais que um.

O iluminado”, como o diz Scholem, “não se sente unicamente abrasado por um fogo celeste, mas também, por assim dizer, tingido por um óleo sagrado miraculoso. Ele se torna, como mostra Abraão Abuláfia, jogando com o duplo significado da palavra hebraica *Mashiah*, o ungido do Senhor. Ele é, por assim dizer, seu próprio Messias, ao menos durante o tempo bastante curto de sua experiência extática.”<sup>1</sup> Safran apresenta nos uma boa síntese desta experiência:

Quando se coloca acima das realidades habituais, “naturais”, o homem percebe a Realidade Suprema: é nela que tais realidades habituais adquirem sua razão de ser. Certamente, o homem pextebe esta Realidade com seu olhar interior. Ele a perscruta “com uma visão que está acima da visão”, ele a vê “com a alma que está dentro de sua alma”. Ele a vê com um olhar “trêmulo”, a princípio, e em seguida fascinado. Ele a vê com o olhar de *émouna*, da fé. ... Ora, *émouna*, “fé”, tem a mesma raiz que *emet*, a “verdade”. A fé autêntica confunde-se com a verdade.

... Ela se toma, para Rabi Nahman de Bratslav, “tão clara que tem-se a impressão de ver com os próprios olhos” o objeto de nossa crença.

O *ma’amin*, o homem da fé que ultrapassou o estágio em que se vê a Realidade Suprema, abriu-se ao contato direto, pessoal com Deus! O que se abre, para ele, é bem mais que o Poder de Elohim: é Sua Vontade, Sua Sabedoria. O Mistério de Deus se mostra a sua alma, o Mistério Daquela que chamamos Jeová (e que simboliza o Tetragrama, o Nome Divino de quatro letras).

O ser que contemplou a Realidade graças ao olhar da fé põe em questão a própria existência das realidades que ele conheceu. Com efeito, ele as observou apenas de modo superficial; elas não são mais que uma vá aparição em relação ao objeto que perceberam os olhos imateriais, os olhos interiores. Todas estas realidades fonnam um único caminho destinado a conduzir à Realidade Absoluta. As primeiras não mudam, enquanto que a Realidade Absoluta impressiona pela novidade o homem que a considera; ela sempre parece ser outra aos olhares. Mas ela também toma outro aquele que a olha, operando nele uma metamorfose contínua: “E agora que meus olhos Te vêem”.

<sup>a</sup> Safran, *La Cabale*, Payot, Paris, 1983.

Mas a tradição judaica e, sobretudo, a tradição cabalística opõem-se “às confissões de um caráter demasiadamente íntimo sobre as experiências místicas...”<sup>1</sup>, o que explica o pequeno número de testemunhos que fomos capazes de reunir. A exceção dos personagens da Bíblia, que descrevem explicitamente suas visões, e de um texto da Cabala de um discípulo anônimo de Abuláfia, os poucos documentos cabatísticos ou hassídicos que apresentamos referem-se à transfiguração de Mestres vista por discípulos.

## BAAL-SHEM TOV

Um dia Israel foi chamado pelo rabino local, que resolveu dar lhe lições de

judaísmo. O Baal Shem, em rápida sucessão, colocava e tirava sua máscara de simplório. O rabino ficou perplexo: como era possível que uma expressão pudesse mudar num rosto com tal rapidez? Estupefato, o rabino exigiu que o visitante lhe contasse a verdade. “Que assim seja”, disse o Baal Shem, “mas, por ora precisas guardar para ti o que vou te contar.”

1. G.. Scholem, *op. Cit.*, p. 162.

No entanto, vivia em Brodi uma mulher que era louca. Ela via através da máscara de todos os homens. Face a face com o Baal Shem, ela disse: “Eu sei quem tu és e não me assustas. Eu sei que possuis certos poderes; também sei que não podes usá-los antes dos trinta e seis anos de idade”.

“Cale-se!” – replicou – “de outra forma eu terei que convocar uma cone para desapossar o Dybuk de dentro de ti.”

A mulher, assustada, segurou a língua – mas ela sabia. Sete anos solitários e ascéticos se passaram antes que o Baal Shem recebesse a ordem de se revelar e assumir seu destino.

Naquele sábado especial, um aluno de Reb Gershon interrompeu a jornada para passar o *Shabat* com Israel e Hannah. Era meia noite quando acordou trêmulo de medo. Uma flama imensa estava se levantando da terra, Com intenção de evitar um incêndio correu para extingui-la. Aí então, viu o rosto do Baal Shem cercado de uma auréola de luz e desmaiou. Quando estava voltando a si, ouviu o Baal Shem o repreender: “Não se olha onde não se deve”. Depois do *Shabat* o viajante apressou-se a retomar a Brodi, onde correu à Casa de Estudos, anunciando as grandes novas: “Há uma nova fonte de luz aqui perto”. Todos correram para a floresta e lá construíram um trono com ramos e folhas. O Besht tomou seu lugar. “Eu abrirei um caminho novo”, declarou.

Ele tinha trinta e seis anos.

A previsão da louca tinha sido correta. Ela sabia antes de qualquer outra pessoa. Estranho: mais do que os homens mais eruditos e devotos da cidade, ela falava a linguagem do jovem santo da floresta.

In, Elie Wiesel, *Almas em Fogo*,

Editora Perspectiva, São Paulo, 1979, pp. 18-19.

## DISCÍPULO DE ABULÁFIA

(Anônimo)

Retomei à minha terra natal e Deus me permitiu encontrar um

filósofo judeu com quem estudei o *Guia de Perplexos*, de Maimônides, o que apenas intensificou meu anseio. Adquiri um pouco da ciência da lógica, e um pouco da ciência natural, e isto me foi muito doce, pois, como sabeis, a “natureza atrai a natureza”. E Deus é minha testemunha: se eu não tivesse antes adquirido fortaleza na fé pelo pouco que aprendera da Torá e do Talmud, o impulso de manter muitos mandamentos me teria abandonado, embora o fogo da pura intenção continuasse a

arder em meu coração. Mas o que meu mestre me comunicou através da filosofia (sobre o significado dos mandamentos) não me foi suficiente, até que o Senhor me fez encontrar um santo homem, um cabalista que me ensinou as grandes letras da Cabala. Entretanto, em virtude das minhas tinturas de ciência natural, o caminho da Cabala me parecia impossível. Foi então que meu mestre me disse: “Meu filho, por que negas uma coisa que ainda não experimentaste? Convir-te-ia muito mais tentá-la uma vez. Se então achares que ela nada é para ti, – e se não fores bastante perfeito para dizer que o erro está em ti, – então poderás dizer que ela nada vale”. Mas, para fazer-me as coisas mais agradáveis até que minha razão pudesse aceitá-las e eu lograsse-me aprofundar nelas com avidez, costumava explicar-me de uma maneira natural tudo aquilo em que me instruí. Assim pensei comigo mesmo: “Aqui só pode haver ganhos, e nenhuma perda. Eu verei; se encontrar algo nisto tudo, será ótimo; e se não, o que eu já consegui até agora continuará sendo meu”. Assim, concordei, e ele me ensinou o método da combinação e permutação de letras e o misticismo dos números e os outros “caminhos do Livro *letzirá*”. Em cada “caminho” destes, ele me fez permanecer duas semanas, até que cada forma estivesse gravada no meu coração, e assim ele me conduziu durante certa de quatro meses, e então mandou que eu “extinguísse” tudo.

Ele costumava dizer-me: “Meu filho, a intenção não é de que venhas a parar numa dada forma finita, mesmo que seja da ordem mais alta. O ‘Caminho dos Nomes’ e antes o seguinte: quanto menos compreensíveis eles são tanto mais alta a sua ordem, até que alcances a atividade de uma força que não mais está sob teu controle, mas sob cujo controle se acham tua razão e teu pensamento”. Respondi-lhe: “Se é assim (que todas as imagens mentais e senso riais devem ser extintas, então por que, Senhor, composes livros em que os métodos dos cientistas naturais estão combinados com a instrução sobre os santos Nomes?”. Respondeu-me: “Para ti e teus semelhantes que seguem a filosofia, a fim de iluminar vosso intelecto humano por meios naturais para que talvez esta atração possa induzir vos a conhecer o Santo Nome”. E apresentou-me livros compostos de (combinações de) letras e nomes e números místicos (*guematriot*), dos quais pessoa alguma jamais poderá compreender nada, pois nem sequer foram compostos para serem compreendidos. Disse-me: “Este é o (autêntico) Caminho dos Nomes”. E eu na verdade nada quis saber daquilo tudo, pois minha razão não o aceitava. Disse-me: “Foi muito tolo da minha parte ter te mostrado isto”.

Em suma, decorridos dois meses, quando meu pensamento já se desligara (de tudo o que é material) e eu começara a notar fenômenos estranhos ocorrendo em mim, pus-me certa noite a combinar letras umas com as outras e a ponderá-las em meditação filosófica, um pouco diferente da maneira em que o faço agora, e continuei a fazê-lo por três noites sem nada dizer a ele. Na terceira noite, após a meia noite, cabeceei um pouco, com a pena e o papel nos joelhos. Reparei então que a vela estava prestes a apagar-se. Levantei-me para endireitá-la, como às vezes acontece com as pessoas que acordam. Então vi que a luz continuava. Fiquei muito surpreendido, quando, depois de um exame minucioso, descobri que ela provinha de mim mesmo. Disse comigo mesmo: “Nisto não acredito”. Andei para cá e para lá por toda a casa, e vede: a luz ia comigo; deitei-me numa almofada e cobri-me, e vede: a luz estava comigo o tempo todo. Disse eu: “Na verdade, o que aprendi constitui um sinal importante e um novo fenômeno

Na manhã seguinte comuniquei o a meu mestre e trouxe-lhe as folhas que havia coberto com combinações de letras. Ele cumprimentou-me e disse: “Meu filho,

se te dedicares a combinar Nomes sagrados, coisas ainda maiores hão de suceder-te. E agora, meu filho, admite que não podes deixar de combinar (letras). Dá metade a isto e metade àquilo, isto é, combina durante metade da noite e permuta durante a outra metade”. Pratiquei este método por uma semana.

Na segunda semana, o poder de meditação se tomara tão forte em mim que eu não conseguia escrever as combinações de letras (que automaticamente jorravam da minha pena), e se houvesse dez pessoas presentes não teriam conseguido anotar todas as combinações que me vinham durante o influxo. Quando cheguei à noite em que este poder-me foi conferido, e a meia-noite – quando este poder se expande especialmente e ganha força, enquanto o corpo se enfraquece – havia passado, dispus-me a construir o Grande nome de Deus, que consiste de setenta e dois nomes, combinando os e permutando os. Mas depois de eu me dedicar a isto por algum tempo, vede: as letras tomaram a meus olhos a forma de grandes montanhas, um forte tremor se apoderou de mim, eu não pude mais acalmar-me, meu cabelo ficou em pé, e foi como se eu não estivesse neste mundo. Caí ao chão imediatamente, pois não sentia a menor força em meus membros. E vede: algo semelhante à fala brotou do meu coração e subiu-me aos lábios e os forçou a moverem-se. Pensei, é bem possível – Deus não o queira – que um espírito de loucura se apossou de mim. Mas vede, eu o vi falando coisas sábias. Disse: “É na verdade o espírito da sabedoria”. Depois de certo tempo, minha força natural retomou a mim, levantei-me muito impressionado e ainda não acreditava em mim mesmo. Tomei mais uma vez o Nome, procedi com ele como antes, e vede: isto teve exatamente o mesmo efeito sobre mim. Não obstante, não acreditei, enquanto não o repeti por cinco ou seis vezes.

Ao acordar na manhã seguinte contei tudo a meu mestre. Ele me disse: “E quem te autorizou a tocar o Nome? Não te disse eu para permutar somente letras?”. E continuou: “O que te sucedeu representa na verdade um grau avançado nos graus proféticos”. Ele quis libertar-me disto, pois viu que meu rosto se tinha alterado. Mas eu lhe disse: “Em nome dos Céus, podeis talvez ensinar-me algum poder que me permita suportar esta força que brota do meu coração e receber influxo dela?” Pois eu queria esta força para mim, e receber seu influxo, porque ela se assemelha a uma fonte que enche de água uma vasilha. Se um homem (não preparado adequadamente para isto) abrisse o dique, afogar-se-ia nas águas e sua alma o abandonaria. Ele me disse: “Meu filho, é o Senhor que tem de te conferir semelhante poder, pois este poder não está no domínio da ‘vontade do homem’.

Na noite daquele *Shabat* o poder esteve novamente ativo em mim, da mesma forma que antes. Quando, após duas noites insones, fiquei dia e noite meditando nas permutas e nos princípios essenciais ao reconhecimento da verdadeira realidade e ao aniquilamento de tudo o que é pensamento estranho, me foram dados dois sinais que me indicaram estar na disposição receptiva adequada. Um sinal foi a intensificação do pensamento natural sobre questões profundas do saber, uma debilitação do corpo e um fortalecimento da alma até que, sentado ali, meu eu fosse toda alma. O segundo sinal foi que a imaginação se fortaleceu dentro de mim e me parecia que a testa ia explodir. Então eu soube que estava pronto para receber o Nome. Naquela noite de *Shabat* aventurei-me também ao grande e inefável Nome de Deus (o nome IHWH). Mas assim que o toquei, uma voz saiu de mim e me disse: “Tu morrerás e certamente não viverás! Quem te permitiu tocar o Grande Nome?” E vede, imediatamente caí de joelhos e implorei ao Senhor Deus dizendo: “Senhor do Universo! Penetrei neste lugar somente por amor ao Céu, como

tua glória sabe. Qual o meu pecado, e qual a minha transgressão? Aqui entrei somente para conhecer te, pois não disse já Davi a Salomão: ‘Conhece o Deus do teu pai e serve o’; e não nos revêlou isto nosso mestre Moisés, a paz esteja com ele, na Torá, dizendo: ‘Mostra-me agora o Teu os minha, para que eu possa conhecer Te, para que eu possa encontrar graça aos teus olhos?’” E vede: eu estava ainda falando, quando um óleo como óleo de ungir-me ungiu da cabeça aos pés, e uma grande alegria me arrebatou, um júbilo que não posso descrever, por sua espiritualidade e pela doçura do seu enlevo.

Tudo isto aconteceu ao vosso servo em seu começo. E eu, Deus não o permita, não relato isto por arrogância, para que a multidão me julgue grande, pois sei muito bem que a grandeza junto à multidão é deficiência e inferioridade junto aos que buscam o posto mais elevado, que difere dela em gênero e espécie como a luz da escuridão.

Gershon, Scholem, *As Grandes, Correntes da Mística Judaica*,  
Editora Perspectiva, São Paulo, 1972.

## EZEQUIEL

### Um rio brilhante

Olho, e eis, o vento da tempestade vem do norte, uma grande nuvem negra, um fogo chamejante, e, ao redor, uma grande claridade.

No centro, algo de um brilho reluzente no meio de um fogo, tendo, em seu seio, a forma de quatro Criaturas.

Sua aparência fazia lembrar uma forma humana, quatro rostos para cada um, quatro asas para cada um, suas pernas eram retas

e as plantas de seus pés como cascos de novilho, mas luzentes como o brilho do latão polido. Mãos humanas sob suas asas, voltadas para as quatro direções, Como o rostos e as asas dos quatro.

Suas asas se tocavam; eles não se voltavam ao caminhar; todos andavam para frente.

Suas faces assemelhavam-se a rostos humanos; rostos de leão à direita para os quatro; rostos de boi à esquerda para os quatro; e rostos de águia para os quatro.

Suas asas abriam-se para cima. Cada qual tinha duas asas que se tocavam e duas cobrindo seus corpos.

Todos andavam para frente, para lá onde o espírito havia de ir. E enquanto andavam, nunca se voltavam.

Ezequiel, 1, 13, *Bible*, tradução de André Choraqui.

## MAGUID

“Um dia”, conta Rebe Wolfe de Zhitomir, “estávamos todos na Casa de Estudos, cantando em torno da mesa. Era uma tarde de Sexta-feira. Podia-se ouvir o Maguid em seu gabinete contíguo lendo a *Sidra*, o trecho semanal da Escritura que costumariamente se lê no *Shabat*. De repente, parou, a porta se abriu e lá estava ele, imóvel, no vão da porta, com os olhos fixos em todos nós ou, talvez, em alguém além de nós. Todo seu ser estava possuído de fervor, principalmente seu rosto, seus olhos. Tomados de pânico, Rebe Pinhas, Rebe Shmelke, Rebe Elimelekh e Rebe Zusia correram para a rua. Rebe Levi-Yitzhak escondeu-se debaixo da mesa. Quanto a mim, tomado de estranha exultação, comecei a aplaudir com toda minha força – e me arrependo até o dia de hoje.”

In Elie Wisel, *Almas em Fogo*, Editora Perspectiva, São Paulo, 1979, p. 52.

## MOISÉS

### 3. A sarça

1. Moisés era pastor dos rebanhos de Jetro, seu sogro, sacerdote de Madiã. Ele conduzia os ovinos pelo deserto e foi ao monte de Elohim, no Horeb.
2. O mensageiro de I HV H se fez ver a ele numa chama de fogo no meio da sarça. Ele olhou e eis: a sarça ardia no fogo mas a sarça não se consumia!
3. Moisés disse: “Irei então, pois vejo esta grande visão. Por que a sarça não se queima?”
4. Vendo I HV H que ele se voltava para ver, Deus, do meio da sarça, chama-o. Disse: “Moisés! Moisés!” Ele respondeu: “Eis-me aqui!”
5. Ele disse: “Não te aproximes daqui! Tira as sandálias dos teus pés, sim, o lugar sobre o qual estás é uma terra sagrada”.
6. Continuou: “Eu sou o mesmo, o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó!” Moisés escondeu o rosto, sim, ele temeu olhar para Deus!
7. IHVH: “Eu vi, via humilhação de meu povo no Egito, escutei o seu clamor, por causa dos seus tiranos. Sim, eu conheci suas dores.
8. Desço a fim de livrá-lo da mão do Egito, para fazê-lo subir daquela terra, para uma terra boa, ampla, para uma terra que emana leite e mel, para o lugar dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus.
9. Agora, eis que o clamor dos filhos de Israel chegou até mim. Também vejo a opressão com que o Egito os oprime.
10. Agora, vai! Eu te enviarei a Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel.”
11. Moisés disse a Deus: “Quem sou eu para ir até Faraó, sim, para fazer saírem os filhos de Israel do Egito?”
12. Ele disse: “Sim, eu estarei contigo. E este é o sinal para ti, de que fui eu que te

enviei: Quando tiverdes tirado o povo do Egito, servireis a Deus neste monte”.

13. Moisés disse a Deus: “Quando eu for até os filhos de Israel e disser: ‘O Deus de vossos pais me enviou a vós’. Eles me perguntarão: ‘Qual é o seu nome?’ O que lhes direi?”
14. Deus disse a Moisés: “‘*Ehyeh ‘asher ‘ehyeh!* – Eu sou o que sou”. Disse mais: “Assim tu dirás aos filhos de Israel: EU SOU’ me enviou até vós”.
15. Deus disse ainda a Moisés: “Tu dirás assim aos filhos de Israel: ‘I HV H, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó, enviou-me até vós’”.

Este é o meu nome eternamente, assim serei lembrado de geração em geração.

Êxodo 3,1-15, Bible, tradução de André Chouraqui.

## RABI HAYA

Rabi Haya prostrou-se no chão, beijou a poeira e bradou chorando: “Poeira! Poeira! Como és perseverante e como careces de vergonha! Fazes perecer em ti todas as delícias do olhar! Consomes e atraís ao nada todas as Colunas de luz. (Os Justos que sustentam o mundo). Vergonha à tua insolência! A lâmpada Santa que iluminava o mundo, a poderosa força espiritual por cujos méritos o mundo existe, consumiu-se em ti. Ó Rabi Siméon! Coluna de luz! Fonte da luz do mundo, por que foi preciso que retomasses à poeira, tu que conduziás o mundo para a vida eterna!” Ele permaneceu alguns instantes em êxtase e então bradou: “Não! Não! Poeira, não te envaideças! As Colunas do mundo não estão entregues ao teu poder e Rabi Siméon não acabou em ti!”

Rabi Haya começou a chorar e partiu em companhia de Rabi Jossé. Ele jejuou quarenta dias a partir de então, a fim de poder rever Rabi Siméon. “Tu não o podes ver!”, foi a resposta ao seu pedido. Ele jejuou então quarenta dias mais, e Rabi Siméon apareceu-lhe em visão com seu filho Rabi Eieazar. Eles discutiam sobre o assunto que Rabi Jossé lhes havia explicado enquanto milhares de ouvintes olhavam e escutavam. Logo sobreveio uma legião de Alados sobre cujas asas Rabi Siméon e seu filho Rabi Eleazar foram erguidos até o Yeshiva Celeste. Os Alados, entretanto, permaneciam no umbral a esperá-los. Seu esplendor era constantemente renovado e irradiava uma luz mais brilhante que a do sol. Rabi Siméon abriu a boca e disse: “Que Rabi Haya entre e observe o que o Santo Bendito preparou para o regozijo dos Justos no mundo que há de vir. Feliz aquele que aqui entra sem timidez, feliz aquele que permanece firme como uma coluna firme do Mundo que vem!”

Entrando, Rabi Haya notou que Rabi Eleazar e as outras colunas sentadas próximas dele se levantaram. Ele se perturbou e sentou-se aos pés de Rabi Siméon. Uma voz sobreveio repentinamente e disse: “Baixe os olhos, não levante a cabeça, não olhe!” Ele baixou os olhos mas distinguiu um clarão brilhante à distância. Uma voz ecoou novamente e disse: “Celestes invisíveis, olhos abertos que percorreis o mundo em todos os sentidos, olhai e vede! E vós, seres do Embaixo que estais profundamente mergulhados no torpor, despertai! Quem dentre vós tentou transmutar a treva em luz e a amargura em doçura antes de entrar aqui? Quem dentre vós esperou cada dia a luz vir preencher o mundo nos dias em que o Rei

Messias visitará sua gazela bem amada (a Comunidade de Israel)? O dia em que ele será glorificado e chamado Rei por todos os reis do mundo? Quem não esperou assim cada dia no mundo do Embaixo, não tem lugar aqui!”

Guy Casaril, Rabbi Siméon Ben Yochai et la Cabale, Le Seuil, Paris, 1961.

## RABI SIMÉON BEN YOCHAI

Rabi Siméon ergueu as mãos e fez uma prece. Ele estava alegre. Ao seu redor se comprimiam seus discípulos: Rabi Eleazar, seu filho, Rabi Abba, Rabi Juda, Rabi Jossé e Rabi Haya. A Rabi fsaac que entrava ele disse: “Como tua sorte é bela! Uma imensa alegria te espera neste dia!” Então, dirigindo-se a todos: “A hora é chegada, eu quero entrar no mundo futuro sem timidez. Vou revelar-vos também coisas sagradas, coisas ainda não reveladas, a fim de que não se possa me censurar de haver deixado o mundo sem ter cumprido plenamente minha missão, tendo guardado esses mistérios em meu coração”. Ele falou e Rabi Abba registrou suas palavras por escrito, enquanto Rabi Eleazar as repetia em voz alta e os outros discípulos meditavam em silêncio. Mas assim que a limpada Santa pronunciou a palavra “vida” suas palavras cessaram. Rabi Abba disse: “Eu escrevia e acreditava ter ainda muito a escrever, mas não escutava mais nada. Não podia erguer a cabeça, pois a luz era ofuscante e eu não suportava seu olhar. Durante todo o dia, o Esplendor não se afastou da casa e ninguém podia aproximar-se dela, tão intensa era a luz que irradiava. Eu jazia na poeira e emitia gritos. Mas quando o Esplendor se retirou, vi que a limpada Santa, o Santo entre os Santos havia sido levado deste mundo. Enrolado em seu manto, ele estava inclinado sobre o lado direito e seu rosto mostrava um sorriso”.

Guy Casaril *op. Cit.*



## A VIA MÍSTICA DO ISLÃ

*Há três formas de conhecimento. A primeira é o conhecimento intelectual que é, na verdade, uma simples informação e urna coleção de fatos, bem como a utilização destes para se chegar a conceitos intelectuais posteriores. Em segundo lugar; vem o conhecimento dos estados; que compreende tanto o sentimento como os estados de espírito incomuns, durante os quais o homem pensa que percebeu alguma coisa de suprema mas não consegue fazer uso dela.*

*Isto é o emocionalismo.*

*Por fim, vem o conhecimento real, que chamamos de o Conhecimento da Realidade. Sob esta forma; o homem percebe o que é certo, o que é verdadeiro, para além dos limites do pensamento e dos sentidos, Os escolásticos e os científicos concentram se na primeira forma de conhecimento, Os emocionalistas e os experimentalistas empregam a segunda forma. Outros empregam as duas em combinação ou de maneira alternada.*

*Não obstante as pessoas que alcançam a verdade são aquelas que sabem como vincular-se com a realidade que se situa para além destas formas de conhecimento. Estes são os verdadeiros sufis, os dervixes realizados, disse Ibn el Arabi;*

*In Idries Shah, The Way of the Sufi, Dutton Nova York, 1970, p. 78.*

## O SUFISMO

Embora o sufismo seja considerado uma linha mística do IMã, tudo indica que sua origem seja anterior a essa tradição, e o encontramos também na Europa, na Índia e na América.

Foi sobretudo Al-Ghazzali (1058-1111) quem, por seu prestígio e sua influência, fez com que o sufismo fosse aceito como sendo parte integrante do islamismo. Os teólogos do Islã chegaram a denominá-lo o “Restaurador do Islã”.

Eis o que nos diz Makam a respeito dos diferentes graus que o homem atravessa em sua busca da transparência:

Em sua busca de transparência, o sufismo atribuiu ao homem sete graus.

- I. O primeiro (*Nefs-i-Emmare*) vê o homem vencido por seus desejos. Daí a denominação *Emmare*, que significa: servidor de seu ego. Como todas as coisas caminham em direção a Deus, este homem do primeiro grau também caminha em direção a Deus, mas não tem consciência disso. Ele vive no universo do testemunho, não sendo senão uma testemunha de Deus. Seu estado é a dependência e seus atributos são a ignorância, a cupidez, a vaidade, o desejo, a inveja etc.
- II. *Nefs-i-Lewame*. É o grau em que o homem começa a lançar um olhar crítico sobre sua existência, embora continue a obedecer a seus desejos. Ele também segue em direção a Deus e começa a perceber a linguagem da criação. Seu estado é aquele da simpatia. Enquanto o homem do primeiro grau se apóia na religião, o do segundo grau se apóia em uma *Tatrika*. Ele é inconsciente de seus defeitos. Nele, as vontades tomaram o lugar dos desejos. Ele ainda ignora a submissão e pratica a duplicidade. Ele é ambicioso. Nele, o homem do primeiro grau ainda não desapareceu completamente, mas seu coração está abalado.
- III. *Nefs-i-Mulhime*. Neste grau, o homem é inspirado por Deus. Seu caminho segue em direção a Deus e ele tem consciência disso. Seu estado é aquele do amor. Ele é sábio, generoso, modesto, paciente etc.
- IV. *Nefs-i-Mutmainne*. Chegando a este grau, o homem adquiriu a certeza. Ele não segue em direção a Deus. Ele segue com ele. Sua realidade é mantida secreta para os outros homens. Ele conhece o estado de submissão total e compreende numerosos mistérios. É generoso, resignado, doce, submisso, justo, piedoso. Sorri porque nada lhe pesa. Nele a paz é total. Ele perdoa tudo e ignora os defeitos dos outros.
- V. *Nefs-i-Raziye*. O homem conhece, neste grau, a aceitação total e a maturidade. Seu ato é divino. Ele vive no íntimo. Seu estado é a não existência. Todos os atributos humanos desapareceram nele. Ele compartilha da eternidade divina.
- VI. *Nefs-i-Marziye*. No quinto grau, o homem aceita Deus mas, no sexto, o homem é aceito por Deus. Ele encarna a verdade permanente. Todos os seus atributos são atributos divinos. Ele unificou o amor da criação com o amor do criador.
- VII. *Nefs-i-Kamile*. É o grau de perfeita maturidade. O homem conhece então a unidade na multiplicidade e a multiplicidade na unidade. Ele vê a unidade divina na criação e a criação na unidade divina. Ele é inacessível aos outros homens. Seu estado é aquele da eternidade. Seus atributos formam o conjunto dos atributos divinos.<sup>1</sup>

Como nas outras tradições, o objetivo do sufismo é a vivência da Luz. O texto seguinte, de Nasafi, não deixa nenhuma dúvida a esse respeito:

... Ó Dervixe! Desde sempre Deus foi; para-sempre Deus será. Mas até então o peregrino estava enganado. Ele imaginava que Deus tinha um ser e que ele também, fora de Deus, tinha um ser. Agora, fora do engano, o peregrino sabe com certeza que o ser é um, que esse ser é o Ser de Deus.

1. Makam, *Le Soufisme*, L'Originel, Paris 1986.

... O interior deste Ser único é Luz. É esta Luz que é a alma do mundo – o mundo sem limites está repleto dela. É uma Luz ilimitada, infinita, um oceano sem fundo e sem margem. A vida, o conhecimento, a vontade e o poder dos seres procedem dessa Luz a visão, a audição, a palavra, a apreensão e o futuro dos seres procedem dessa Luz, eu o digo!, tudo isto é essa mesma Luz.

Tendo compreendido que o interior deste ser é uma Luz, saiba agora que o exterior é o nicho dessa Luz, a manifestação dos atributos dessa Luz. Todas as mônadas que existem são a um só tempo as manifestações dos atributos dessa Luz.

Ó Dervixe! É a essa Luz que é preciso chegar; é essa Luz que é preciso ver; é por essa Luz que é preciso olhar o mundo a fim de ser libertado da idolatria, da multiplicidade e do erro; é preciso adquirir a certeza de que o ser é Um.

... Ó Dervixe! Aquele que chegou a esse Oceano, que nele submergiu, é reconhecível por muitos sinais. Ele está, prontamente, em paz com as criaturas: sobre todas ele pousa um olhar amoroso e misericordioso, a nenhuma ele recusa auxílio e assistência; a nenhuma acusa de erro e descaminho. Ele as vê todas no caminho de Deus, todas seguindo em direção a Ele. E ele não tem dúvida de que seja assim.

... Saiba que as testemunhas da Unidade dividem-se em dois grupos. Um afirma que existe um único ser, o Ser Divino ... O outro, que o ser é de dois tipos: o ser verdadeiro e o ser ilusório. Deus tem o Ser verdadeiro; o mundo, o ser ilusório. Deus é um Ser que tem a aparência do não ser; o mundo, um não ser que tem a aparência do Ser. O mundo inteiro é ilusão e representação. É por efeito do Ser verdadeiro, o Ser divino, que o mundo se apresenta como existente; na realidade, ele não tem outra existência que aquela da ilusão, do reflexo e da sombra.

Nasafi, *Le Livre de l'homme parfait*, Fayard, Paris, 1984.

## BAHAUDDIN

Bahauddin Naqshbandi foi admitido em um *Halka* quando ainda era bastante jovem, e foi durante uma visão que ele foi iniciado na assembléia dos mestres. Ele descreve aquela visão como se segue:

Freqüentemente, eu me encontrava imerso naqueles estados extáticos em que não queda deixar nada se manifestar, e também adquirira o costume de ir ao grande cemitério de Boukhara. Certa noite, fui ter a três tumbas, e sobre cada uma delas vi uma lâmpada acesa, cheia de óleo, mas de forma imprecisa. Eu fôra até a tumba de Khwaja Muhammed Vasi e, lá, recebi a ordem de ir até a tumba de Khwaja Faghnavi. Então, vi dois homens que portavam espadas, e eles me fizeram montar em um cavalo. Chegamos ao mausoléu de Mezdakhan no final da noite. Lá, vi novamente as mesmas três lâmpadas que vira antes. Ajoelhei-me, com o rosto voltado para a "Qibla", e fui tomado de tal êxtase que podia ver o mundo de um extremo ao outro.

Vi dissolver-se a muralha que cerca a "Qibla" e um trono de grande dimensão se tornou visível. Nesse trono havia um nobre personagem sentado, mas usava um véu verde que me impedia de ver quem ele era. Uma multidão de pessoas estava disposta ao redor do trono. Reconheci Khwaja Muhammed Samasi, o grande santo. Perguntei a mim mesmo: "Quem

está sentado no trono?” Alguém do grupo me respondeu:

O homem que está sentado no trono é Khwaja Abd Al Ghudjavani e aqueles que o rodeiam são seus sucessores e discípulos.

Vi um grupo inteiro de Khwajas: Abmad Salik, Avliya-i-Kilan, Arif Rivgaravi, Muhammad Fhaghnavi e Azizani Ali Ramitani.

Alguém disse:

Baba Samasi conduziu-te à presença destes Mestres. Precisas reconhecê-los, pois foram eles que te deram o barrete de dervixe. Naquele momento, lembrei-me do barrete de dervixe que me havia sido enviada por um doador desconhecido. Olhei ao meu redor e ele estava lá, em um canto. E era por causa daquele barrete que eles me prestavam todo esse respeito extraordinário.

Um dos Khwajas dirigiu-se a mim:

Escuta bem o que vou te dizer. O Mestre, o grande Mestre, te dará dois conselhos. Nenhuma outra via te conduzirá com tanta certeza à verdade como aquela que consistirá em seguir esses dois conselhos.

Assim que ouvi essas palavras, levantei-me, caminhei em direção ao Khwaja e fiz menção de abraçá-lo. Os que se encontravam à sua volta tiraram o véu e eu vi um Pir (Mestre) radiante. Saudei-o e beijei seus olhos benditos. Conservei-me de pé diante dele, com a cabeça baixa. Aceitou minha saudação, e o santo falou-me e deu-me instruções a respeito do início, da continuação e do fim da via:

– Bahauddin, o primeiro conselho é representado pela lâmpada que te foi mostrada, o que confirma que tens uma aptidão para seguir esta via. Mas esta aptidão é semelhante a uma tocha, não podes te esquecer de alimentá-la. Para atingir essa finalidade, o homem deve realizar um trabalho sobre ele mesmo, conforme sua capacidade. O segundo conselho é não se desviar da boa rota que te indicou o Profeta, o transmissor da Graça. Numerosas e pretensas tradições surgiram depois da época de nosso Profeta. Ignora as todas: busca seguir o exemplo dos atos do Profeta e de seus companheiros.

Um dos Khwajas presentes disse, então:

– Amanhã, irás prontamente até Sayyid Kulal e te porás a seu serviço. No teu caminho, encontrarás um velho, que te dará um pão ainda quente, saído do forno. Toma esse pão, mas não diga uma só palavra. Quando o tiveres deixado, encontrarás uma caravana e, depois, um cavaleiro solitário. O cavaleiro te apresentará os seus respetos. Deves levar o barrete de dervixe ao Emir Kulal.

No dia seguinte, pus-me a caminho e, como eles haviam predito, encontrei o velho, que me ofereceu um pão recém-cozido. Continuei meu caminho e algum tempo depois encontrei uma caravana. As pessoas me perguntaram de onde eu vinha. “Venho da cidade de Ekim.” “Quando partiste?” “Ao raiar do dia.” “Como conseguiste andar tão depressa?” Passei pela caravana e logo avistei um homem a cavalo. Eu o saudei. Ele deteve seu cavalo: “Quem és, pois me assustaste”. “Eu sou aquele diante de quem deves inclinar-te.”

Assim que escutou aquelas palavras, ele desceu do cavalo e, com lágrimas nos olhos, abraçou-me os joelhos. Depois afastou-se e tirou um odre de vinho que trazia no lombo de seu cavalo. Abriu o odre e rendeu-me homenagem.

In, Makam, *Le Soufisme*, L'Originel, Paris, 1980.

OMAR IBN-UL-FÂRIDH

A união suprema

Não sejas como aqueles cujo estudo torna o espírito mais fraco e inseguro, pois lá no fundo, para além da tradição, reina uma ciência tão sutil que não escapa ao abraço da inteligência clara.

Eu a recebi de mim e transmito a por mim:

Minha alma preencheu-me com minha própria riqueza.

Porém não negligencie totalmente o teatro de sombras – pois o jogo de seus brinquedos exprime toda a gravidade da alma.

Tem cuidado para não te desviares com desprezo da corruptibilidade das formas e de todo o domínio da ilusão e do irreal.

Pois durante o sono da ilusão a aparição das sombras te guia em direção ao que te é mostrado através de uma cortina transparente.

Desde que afastei de mim essa cortina, minha alma se apresentou a mim sem nenhum véu.

O sol da contemplação já se havia levantado, toda a existência estava iluminada por ele e em mim os laços do apego dos sentidos estavam desfeitos.

Voltei-me então para espargir a superabundância de minha graça sobre todo ser criado, conforme os tempos e as circunstâncias.

E se eu não estivesse velado por meus atributos, os objetos em que me manifesto seriam consumidos pelo esplendor de minha glória.

Todos os seres em sua linguagem, basta que escutes com interesse, trazem um eloqüente testemunho à minha unidade.

No que concerne à minha unidade, há uma tradição segura, cuja transmissão de um a outro está confirmada, que declara que Deus ama aqueles que se aproximam d'Ele pelas obras de devoção ou pela observância do que a lei exige.

E este ponto sobre o qual a doutrina insiste é indicado tão claramente como a lua, através destas palavras: “Eu sou, eu próprio, seu ouvido e sua visão”.

Usei estes meios para atingir a unificação, até que a encontrei, e esses meios foram um de meus guias.

Eu me unificava por estes meios até que finalmente pude abandoná-los, e a unificação foi o método de aproximação mais seguro para mim.

E então desembarcei minha alma de tudo isso, e ela se descobriu uma e só. Todavia, na realidade, ela jamais foi outra coisa a não ser só..

E mergulhei nos mares da união. E aí mergulhei em minha solidão, e dela trouxe muitas pérolas sem preço...

## RÛMÎ

### Teofania

Pela manhã, uma lua apareceu no céu, desceu e lançou sobre mim um olhar como o de um falcão que agarra um pássaro durante a caça.

E aquela lua me arrebatou e me levou para o alto dos céus. Quando olhei para mim mesmo, não me vi mais, pois naquela lua meu corpo, através da graça, tomara-se semelhante à alma. Quando viajei em minha alma, não vi nada além da lua até que me foi inteiramente revelado o segredo da teofania eterna. As nove esferas do céu estavam toda imersas naquela lua, o esquife de meu ser estava escondido no seio daquele mar. O mar se quebrou em ondas, e novamente apareceu a inteligência, ela lançou um apelo; assim sucedeu.

O mar tornou-se espuma, e em cada um de seus flocos, alguma coisa tomava forma, alguma coisa encarnava.

Cada floco de espuma corporal, que recebeu um sinal daquele mar, logo se fundiu e tornou-se espírito no seio daquele oceano.

Ode 649, in *Odes mystiques Kincksieck*, Paris, 1973.

O retorno (extratos)

A onda de “Não sou” veio,

ela quebrou o vaso do corpo;

e quando o vaso é quebrado, retomam a visão e a união com Ele. É o tempo da união e da visão,

é o tempo da ressurreição e da eternidade;

é o tempo da graça e do favor,

é o oceano da pureza perfeita.

O tesouro dos dons aconteceu, o estrondo do mar manifestou-se, a aurora da bênção se levantou.

A aurora? Não, a luz de Deus.

in Eva de Vitray-Meyerovitch, *Anthologie du Soufisme*,  
Sinbad, Paris, 1978.

### “A UM SÓ BUSCO...”

Que fazer, ó muçulmanos? Pois eu mesmo já não me reconheço. Não sou nem cristão, nem judeu, nem guebro, nem muçulmano; não sou do Oriente, nem do Ocidente, nem da terra, nem do mar não provenho da natureza, nem dos céus em sua revolução. Não sou de terra, de água, de ar nem de fogo; não sou do empíreo, nem da poeira; nem da existência nem do ser; não sou da Índia, nem da China, nem da Bulgária, nem de Saqsin, não sou do reino do Iraque nem do país de Khorassan.

Eu não sou deste mundo, nem do outro, nem do paraíso nem do inferno, não sou de Adão, nem de Eva, nem do éden nem de *rizwan*.

Meu lugar é estar sem lugar, meu sinal, não ter sinal; não sou o corpo nem a alma, pois pertenço à alma do Bem-Amado.

Renunciei à dualidade, vi que os dois mundos são um. A Um só busco, Um

só sei, a Um só vejo, a Um só chamo.

Ele é o Primeiro, Ele é o Último, Ele é o Manifesto, Ele é o Oculto; não conheço a nenhum outro que não “ó Ele” – *ya hu* – e “ó Ele que é!” – *ya man hu*.

Estou embriagado pela taça do amor, não tenho o que fazer com os dois mundos; não tenho outro fim além da embriaguez e do êxtase.

Se passei um único instante de minha vida seta ti, de tal momento e de tal hora me arrependo.

Se obtenho neste mundo um único momento contigo, calcarei os pés sobre os dois mundos, dançarei triunfante para sempre.

Ó Shams de Tabrîz! Estou tão inebriado neste mundo que não conheço nada além de embriaguez e arrebatamento.

In Makam, Le Soufisme, L'Originel, Paris, 1980.

## XEQUE AHMAD DE SARHAND

A experiência de um certo Abdhul-Mumin foi descrita ao Xeque da seguinte forma:

- Os céus e a terra e o inferno e o paraíso, todos cessaram de existir para mim; quando olho ao meu redor, não os encontro em parte alguma. Quando estou em presença de alguém, não vejo ninguém diante de mim: na verdade, minha própria existência não existe para mim. Deus é infinito. Ninguém me pode exceder: e este é o limite extremo da experiência espiritual. Nenhum santo pôde ir mais longe do que isso.

Ao que o Xeque respondeu:

- A experiência descrita tem sua origem na vida continuamente mutável do *galb* (coração); e parece-me que aquele que viveu essa experiência ainda não passou nem mesmo por um quarto das inumeráveis “estações” do *galb*. É necessário ter passado pelos três quartos restantes para terminar com as experiências desta primeira “estação” da vida espiritual. Para além desta “estação” existem outras “estações” conhecidas pelos nomes de *rûh*, *sirr-khâji* e *sirrakbpâ*; cada uma destas “estações”, que juntas, constituem o que chamamos tecnicamente de *âlam amr*, possui seus próprios estados e experiências características. Após ter passado por estas “estações”, aquele que busca a verdade recebe passo a passo as iluminações dos “Nomes Divinos” e dos “Atributos Divinos”, e, finalmente, as iluminações da Essência Divina.

Qualquer que possa ser o fundamento psicológico das distinções

estabelecidas nessa passagem, este último nos fornece ao menos alguma idéia de um universo inteiro de experiência íntima, tal como a viu um grande reformador do sufismo. Segundo ele, este Atam anti (que significa “o mundo da energia diretriz”) deve ser atravessado antes que se atinja aquela experiência única que simboliza o puramente objetivo. É a razão pela qual eu digo que a psicologia moderna ainda nem sequer abordou o assunto. Pessoalmente, não nutro grande esperança quanto ao presente estado de coisas, seja em biologia, seja em psicologia. O criticismo analítico isolado, acompanhado de uma certa compreensão das condições orgânicas das imagens nas quais a vida religiosa se manifestou algumas vezes, parece pouco inclinado a conduzir nos até as raízes vivas da personalidade humana.

Mohammed Iqbal, Reconstruire la pensée de l'Islam,  
Maisonneuve, Paris, 1955.

## BÂBÂKÛHÎ DE SHIRÂZ

### Visão de Deus

No mercado e no claustro não vi senão o Deus Único.

É Ele quem vi muitas vezes ao meu lado nas tribulações; na prosperidade e na bonança – não vi senão o Deus Único.

Na oração e no jejum, no louvor e na contemplação, na religião do Profeta – não vi senão o Deus Único.

Abri os olhos, e através da luz de Sua face ao meu redor em tudo o que eu percebi – não vi senão o Deus Único.

Como um círio, eu me fundia em seu fogo:

entre as chamas brilhantes – não vi senão o Deus Único. Com meu próprio olhar, eu vi a mim mesmo muito claramente,

mas quando me vi com o olhar de Deus – não vi senão o Deus Único. Desapareci no nada, esvaeci, e eis que me havia tornado o Vivente, e não vi senão o Deus Único.

In Eva de Vitray-Meyerovitch, Anthologie du Soufisme, Sindbad, Paris, 1978.

## YUNUS EMRE

Oferendas ao amor

Posso oferecer minha alma à pilhagem:  
pois encontrei agora a Alma das almas;  
posso oferecer meus bens à pilhagem:  
que me importa, no presente, o ganho ou a perda?

Posso oferecer agora minhas dúvidas à pilhagem:  
pois renunciei ao meu eu,  
rasguei o véu que cobria meus olhos, e alcancei a união com o Amigo.

Posso oferecer minha língua à pilhagem:  
pois agora estou despojado de meu eu,  
todo o reino de meu ser está invadido pelo Amigo, e é Ele só quem fala, no presente, por  
minha língua.

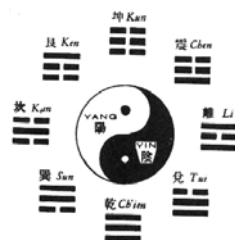
Posso oferecer meu palácio à pilhagem:  
pois quebrei todos os meus apegos,  
voei em direção ao Amigo  
e desci ao palácio do amor.  
Posso oferecer meu remédio à pilhagem:  
pois, rejeitando a dualidade,  
saciei-me na mesa da Unidade  
e bebi o vinho da dor que vem do Amigo.

Posso oferecer meu universo à pilhagem:  
é somente quando meu ser me abandona  
que o Amigo chega perto de mim  
e que meu coração se preenche de luz.

Posso oferecer meu jardim à pilhagem:  
pois estou enfastiado de sonhos intermináveis,  
enfastiado de invernos e de verões  
e encontrei o mais maravilhoso dos jardins.

Yunus, que doces palavras dizes,  
tuas palavras são como açúcar e mel.  
Posso oferecer todo o meu favo à pilhagem, pois encontrei o mel dos meus.

In Makan, *Le Soufisme*, L'Originel, Paris, 1980.



## O TAOÍSMO

Atingir o vazio supremo, alcançar a unidade,  
Conservar a serenidade.  
A ascensão e queda sucessivas das miríades de seres,  
contemplamo Las através do não ser  
A miríade de seres, cada um retoma a sua raiz;  
Retomar à raiz é serenidade; serenidade é vida plena  
Apermanência permeia o caminho da natureza  
Não conhecer a permanência leva a desastres.  
Conhecer a permanência é acolher;  
Acolher é agir com realeza;  
Reatem é a qualidade do rei;  
O rei pertence ao céu;  
O céu faz parte do Tao;  
O Tao é eterno. O corpo morre mas o Tao permanece.

Lao-Tsé, *Tao Te King*,  
tradução da Associação Para o Estudo  
de Confúcio e Mêncio, do original chinês, São Paulo, 1992.

## FAZER-SE UM COM O TAO

Em meados do primeiro milênio que precedeu nossa era, muitos

acontecimentos espirituais ocorreram simultaneamente em vários países de nosso planeta – é a presença de Heráclito e de Pitágoras na Grécia, de Oautama o Buda na Índia, dos profetas em Israel, mais particularmente de Ezequiel, e a queda da Babilônia; na China, aparecem Cenfúcio e Lao-Tsé. Este último nos deixou um livro que constitui uma das obras primas da literatura espiritual da humanidade: *o Tao Te King*.

Trata-se de um verdadeiro estudo a respeito do despertar ou da iluminação; do caminho para a realização do *Tao*, o “sem nome” que representa a origem do universo, mas que “com um nome”... “constitui a mãe de todos os seres”.

Integrar e ultrapassar toda espécie de dualidade, o *yin* e o *yang*, “conheça o masculino, ligue-se ao feminino, seja a ravina do mundo...” “Conheça o branco. Ligue-se ao preto. Seja a norma do mundo.”

Seu capítulo XIV é explícito quanto aos meios necessários para alcançar o despertar, isto é, “fazer-se um com o Tao”.

Nós o transcrevemos integralmente:

Ele não pode ser visto,  
Não pode ser ouvido,  
Não pode ser tocado.  
Os três sentidos não o apreendem,  
Mas ele é o Um, a unidade.

O superior não é brilhante.  
O inferior não é escuro. Um fio indescritível, indefinível,  
Nos leva a retomar ao vazio.  
A forma que não tem forma,  
A imagem que não tem imagem,  
Pressente-se a sua existência.  
De frente a ele, não se vê o início.  
Atrás dele, não se vê o fim.  
Com o *Tao* ancestral  
Mova-se no presente.  
O *Tao* ancestral é a essência do Tao.<sup>1</sup>

Goddard, em sua obra *A Buddhist Bible*, fez uma interpretação mais livre. Ei-la:

No momento em que se é capaz de concentrar o espírito no extremo da vacuidade e de mantê-lo aí com uma serena tranquilidade, então nosso espírito se fez um com o espírito do universo e retorna ao seu estado original do qual seu mental e todas as coisas do universo emergiram como aparências.

Todas as coisas se encontram em um processo periódico de

manifestação e dissolução em seu estado original. Poderíamos chamar a isso uma espécie de inércia, uma retirada da atividade e da manifestação, que reconduz todas as coisas ao seu estado original de composição. O estado original é eterno. Compreender esta eternidade da vacuidade é a iluminação; sem esta iluminação nosso espírito se embrutece na confusão e nas atividades nocivas.

Compreender a verdade da eternidade nos inunda de graça; a graça nos torna imparciais; da imparcialidade decorre a nobreza de caráter, a nobreza é como o céu.

Ser celeste significa ter alcançado o estado de *Tao*. Ter alcançado o estado de *Tao* é tomar-se um com a eternidade. Não se pode jamais voltar a morrer, mesmo com a decadência do corpo.

1. Lao Tsé *Tao Te King*, tradução da Associação Para o Estudo do confúcio e Mêncio, do original chinês. São Paulo, 1992.

## HOU-TSE

Ele predizia a data dos acontecimentos tão exatamente quanto o poderia fazer um espírito. Por isso as pessoas de Tcheng fugiam quando o viam chegar.

Lie-tsé havia ido vê-lo, e ficou fascinado com aquele homem. Ao retornar, disse a seu mestre Hou-tsé:

– Eu considerava o seu ensinamento como o mais perfeito, mas eis que encontrei algo melhor.

Hou-tsé disse: – Do *Tao* apenas te ensinei as palavras, não a substância. Como então poderias ter obtido verdadeiramente o *Tao*? As galinhas, privadas de galo não podem chocar, da mesma maneira queres encarar o mundo sem conhecer a substância do *Tao*. É por isto que os homens te enganam. Assim, tu te deixaste seduzir por aquele homem. Traga-o a mim, quero ver se ele pode seduzir-me.

No dia seguinte Lie-Tsé levou o vidente. Ao deixar Hou-tsé, este lhe disse:

– Oh, teu mestre não viverá muito! Antes de dez dias morrerá. Vi nele um estranho fenômeno: “as cinzas molhadas”.

Lie-tsé voltou banhado em lágrimas e contou a Hou-tsé as palavras do vidente.

– Isto – disse Hou-Tsé – foi porque me manifestei a ele sob a imagem da terra que não está nem em movimento nem em repouso. Ele viu aí o sinal de uma ausência de vida. Traze-o mais uma vez.

No dia seguinte, Lie-Tsé levou o vidente, que, ao partir, lhe disse:

– É uma felicidade que teu mestre tenha tornado a me encontrar. Hoje ele está melhor. Ele viverá; o que o ameaçava desapareceu.

Quando Lie-tsé relatou estas palavras a Hou-tsé, este lhe disse:

– Isto foi porque apresentei-me a ele sob a imagem do céu. Ele viu que o renome e a riqueza não me interessavam e que o sinal de vida subia de meus

calcanhares. Ele viu portanto o manancial da vida. Traz o uma terceira vez.

No dia seguinte, Lie-tsé levou o vidente. Ao partir, este lhe disse:

– Teu mestre não havia jejuado e não pude examiná-lo. Peça lhe que jejue e tornarei a vê-lo.

Quando Lie-tsé contou estas palavras a Hou-tsé, este lhe disse:

– Isto foi porque me manifestei sob a imagem do vazio supremo, que não tem nenhum sinal. Ele não pôde vislumbrar em mim nada a não ser um equilíbrio entre a energia e o movimento. Meu estado de alma era plácido como um sorvedouro formado pelas águas que lembram uma baleia rodopiando, um sorvedouro formado por águas imóveis e um sorvedouro formado por águas correntes. Estes três sorvedouros estão entre os nove sorvedouros célebres. Traz o ainda uma vez.

No dia seguinte, Lie-tsé levou o vidente. Assim que chegou, este último fugiu desvairado. Hou-tsé disse a Lie-tsé:

– Segue-o.

Lie-tsé correu atrás dele mas não o conseguiu alcançar. Ao retornar, disse a Hou-tsé:

– Aquele homem desapareceu sem deixar vestígio, não consegui chegar até ele.

Hou-tsé respondeu:

– Isto foi porque revelei-lhe minha identificação com o princípio. Acolhi-o com humildade e harmonizei-me tão perfeitamente com ele que ele já não sabia mais o que eu era. Não fiz mais do que imitar as plantas que se curvam sob o vento e as ondas que rebentam. Eis porque ele fugiu.

Desta forma Lie-tsé convenceu-se de que ainda não aprendera nada de seu mestre. Retomou a sua casa e lá permaneceu confinado durante três anos. Ele cuidava da cozinha para sua mulher; alimentava seus porcos com tanto esmero como se fossem pessoas; desinteressou-se das coisas mundanas. Aplicava-se a reencontrar sua simplicidade e a conquistar sua independência. Desta forma, a vicissitude de suas provas não o impediu de preservar sua unidade original até o fim de seus dias.

Quando algum dia, no terceiro milênio, se indagar qual foi a mais importante descoberta do século XX, a resposta não será, sem dúvida, a energia atômica, nem os universos paralelos, mas sim o estado transpessoal da consciência, ou consüência cósmica.

Essa descoberta constitui hoje o ponto de encontro e de convergência da física moderna e da psicologia., encontro bastante inesperado quando se tem em mente a distância aparente entre essas duas disciplinas; não obstante, os estados místicos da humanidade vem atraindo a atenção de numerosos físicos modernos.

Ao retornar da Lua, o astronauta Edgard Mitchell declarou: mais importante do que a exploração dos espaços exteriores e a investigação dos espaços interiores